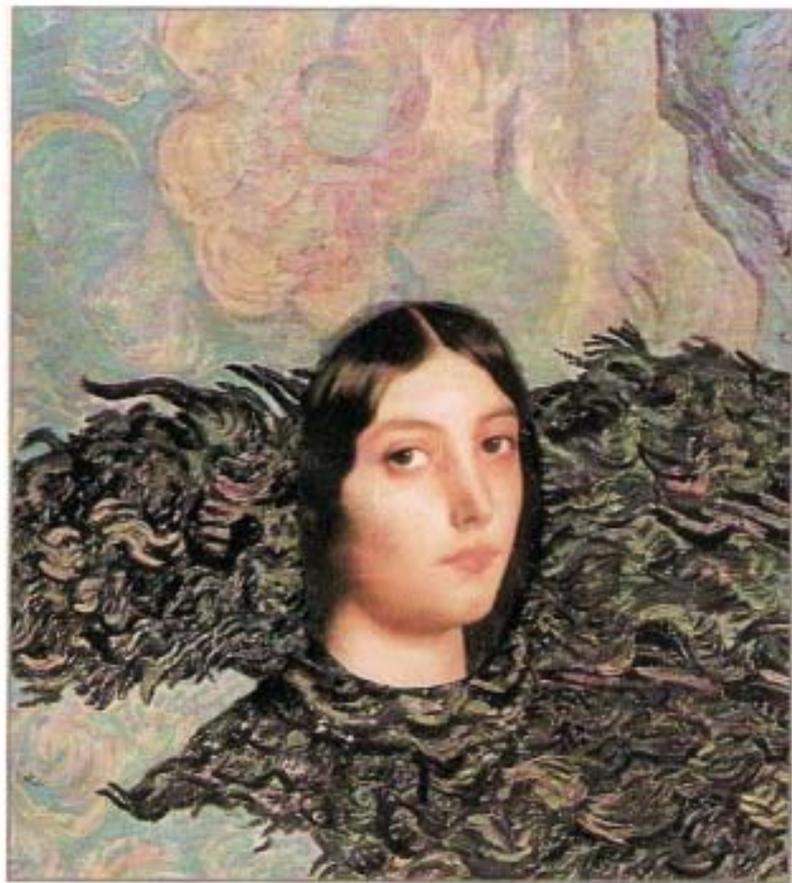


**NELSON COELHO**



**UM AMOR  
DE MULHER**

# **UM AMOR DE MULHER**

**Nelson Coelho**

**[www.nelsoncoelhooliteratura.com.br](http://www.nelsoncoelhooliteratura.com.br)**

Digitalização: João Guilherme Caldas Steinstraesser

## **SEDUÇÃO**

*Stendhal: Acho que toda a arte de amar, reduz-se a dizer a palavra certa no momento exato do encontro amoroso. Mas isso não é fácil porque, quando apaixonado, o homem perde a palavra se a amada lhe diz coisas que o deixam feliz.*

## **ARTE DE VIVER**

*Eugênio Charmon: Qual dos dois pode ter melhor qualidade de vida? Os animais ignoram que vão morrer. Nós humanos sofremos com a consciência da própria morte.*

*Para Aycilma*

## ***NÃO QUERO GOSTAR DELE***

---

É bonita, sabe disso e acaba de chegar da Europa. Ela, sua mãe, sua amiga confidente Dora Ramos e mais ainda algumas lágrimas de tristeza contente nos olhos das três, formam a boa emoção do reencontro. Um ano e meio Michele ficou estudando na Sorbonne? O pai, Eugênio Augusto Pomar, não está no aeroporto. Quando a mãe foi informada, ontem, sobre horário do voo de Paris, Michele perguntou novamente pelo pai... "Ele continua desaparecido, não se preocupe querida... É, é, é, exatamente isso, não é a primeira vez. Nem quis te dizer antes porque... sim eu sei que você compreende, do contrário não seria minha filha. O que? Ah, sim, agora entendi, agora está claro... um pouco mais de um mês! É, é isso, um mês e tanto, não faz dois meses que ele sumiu de novo! Se não avisei antes é porque não me pareceu coisa séria, coisa grave, entende?"

Enquanto a mãe vai pegar o carro no estacionamento, Dora Ramos quer porque quer saber se a amiga vai ou não continuar namorando aquele boboca brasileiro que conheceu em Paris. "Você não acredita mesmo hein! Dora, eu não gosto dele. E não vou gostar nunca! Ele nasceu pra ser amigo. Claro que é bonitinho, inteligente, cultíssimo, mas é muito sabe-tudo, muito dono-da-verdade, muito envolvido só com as coisas infinitas que sabe e só fala disso..." "Mas será mesmo que ignora sua existência, Michele? Eu não acredito. Quando estive lá com vocês naquela semana maluca, que terminou já

com o sol nascendo no Bois de Boulogne, embaixo daquelas árvores entre Bagatelle e, se não me engano, aquele hipódromo... o Longchamps... todos mais pelados que vestidos, lembra? Aí me pareceu que o seu boboca belo como um Eros estava bem grudado em você... "Eu não disse que ele não gosta de mim..." "Mas você parecia estar gostando muito do corpo dele naquela hora. Seus olhos estavam com um brilho que só o amor muito de verdade mostra." "Os olhos dele, mas claro! Evidente, ele estava no orgasmo, não estava?" "Não, não, "cherie". Estou falando dos seus olhos. Havia paixão nos seus olhos, eu não me esqueço. Há tantos anos uma é a melhor amiga da outra e mesmo assim você continua..." "Queridíssima Dora Ramos, veja a coisa toda assim, olhe bem:

**PRIMEIRO:** Sei que ele jamais será o homem da minha vida. Ponto.

**SEGUNDO:** Não gosto dele como deveria gostar e ele não gosta de mim, como preciso que goste. Entendeu ou ainda não? O príncipe super encantado nunca existiu, não existe e nunca existirá. E digo mais, minha única e adorada melhor amiga: tenho certeza de que você está cansada de saber disso... Mas vamos mudar de assunto que a mamãe já está voltando com o carro do estacionamento... Agora, falando bem sério: Lá no fundo continuo preocupadíssima e sofrendo calada com esses estranhos sumiços do papai!"

## ***VONTADE FORTE***

---

Então? E aí, gostou? O texto foi surgindo sem eu perceber... Mas ficou ultra-pessoal e isso nem precisa o Freud pra decifrar...

Espere um pouco. Será que você está querendo me dizer que aquelas duas páginas... Não, eu não acredito. Que maravilha! Que alegria! Eu achei tudo tão misterioso, tão... tão absurdo? Isso, absurdo! Claro que era um texto ótimo, literariamente maduro, eficiente, coisa de escritor muito bom, etc. Mas primeiro pensei se tratar de gozação, de brincadeira de mau gosto. Já ia ligar pra você quando o telefone tocou... Então é isso. Você finalmente depois de tantos anos negando a força do talento, furou a casca do ovo e já se pode ver seus olhos claros, seu bico amarelinho, sua vontade forte!

Você, Dora, é minha amiga, é a pessoa mais maravilhosa e boa que existe, é só ternura, amizade, tudo lindo, eu te adoro! Mas que loucura aquele narcisismo explícito que escrevi na primeira frase: Ela é bonita e sabe disso...

Não, claro que não, querida! Vai me dizer que ainda não sabe que a arte, todas as artes e a literatura sobretudo são realidades como qualquer outra? Só que diferente. Tudo que existe é real. Mas nenhuma realidade é exatamente igual à outra, não é verdade? Você apenas começou a criar uma realidade, uma ficção... e por falar nisso: vai ser meio auto-biográfico?

Ah, não. Jamais, Dora. Detesto isso. Minha vida e o que acontece comigo têm muito menos importância do que o grande e profundo drama de uma bonita ex-atriz sem sucesso que namorou por três meses um famoso jogador de futebol... Escrevi aquelas palavras num impulso, mais sem querer do que querendo. Nunca sonhei, dormindo ou acordada, um dia ser escritora...

## *SEU MARIDO É UM FRACO*

---

Mas o pai de Michele é seu maior problema. Um problemão, sem muita saída. Papai está sempre sumindo de casa. Há muitos anos que essa coisa horrível vem acontecendo... Meu sofrimento maior! Mas acho que todo mundo de qualquer idade, lugar, classe social, opção ideológica ou religiosa, tem sempre muito mais problemas que gostaria de ter. E outro problema agora, está sendo a universidade. Problema menor, claro, mas para mim é também um problema complicado. Bem que Michele às vezes sonha em já estar longe da vida universitária. Não que não goste, mas tem hora que se sente muito sufocada de tanto estudar. Deverá agora decidir sobre a tese de graduação. É verdade que já estou ganhando algum dinheirinho como jornalista. E ainda nem terminou o curso de jornalismo na mesma universidade que cursa sociologia. Que cansaço, meu Deus! Um dia ainda largo tudo isso e vou ser marinheira ou coisa parecida. Bom, mas sonho à parte, preciso mesmo e logo é ganhar um pouco mais de dinheiro para não precisar de ninguém. Embora isso talvez seja filosoficamente imaturo. Somos interdependentes... Mas o que não agüento mais é depender dos meus pais. Claro que mamãe adora que eu dependa dela. Será que toda mãe é assim? A Dora não cansa de me dizer que esse é um falso problema, um problema que é resolvido por si mesmo, que é só ter paciência para esperar o tempo passar, etc. Mas será mesmo que a Dora consegue sentir a coisa por esse ângulo?

Quando o problema é do outro sempre parece tão fácil para a gente resolver, não é verdade? Mas quando é nosso, muitas vezes cresce muito acima do que seria lógico e não entendemos como os outros não conseguem ter realmente empatia, enxergar pelo menos trinta por cento da dificuldade, do sofrimento real que estamos vivendo. Parece aos outros sempre um probleminha passageiro, uma tempestade em copo d'água, etc. Por exemplo: ponha-se um pouco no meu lugar e você, de repente, é uma Electra ou um Hamlet, sei lá, você sem perceber está entrando ou já faz parte de uma tragédia de bom tamanho, entende? Na realidade ainda não dá para visualizar a dimensão do problema que não me sinto forte para enfrentar. O problema que tenho com o desaparecimento perigoso do papai. O pai que te amou ou que ainda te ama se está vivo, o pai que não é um pai qualquer, ele é o seu pai, o pai que você tem certeza que gosta de você ou gostava, porque não sei se está apenas sumido, entende? Será que ainda vive? Eugênio Augusto Pomar sempre queria que eu fosse contente, alegre e bem humorada como ele procura mostrar que é. Deve sofrer muito. Mas calado. Seu humor até hoje não sei direito se é simples mecanismo de defesa ou sua maneira mais forte de ser, etc. De qualquer jeito, o pai sempre quis que Michele fosse mais, digamos, feliz que ele. Mais vitoriosa na vida, seja lá o que isso queira dizer. Mas eu não sou, nunca fui uma deprimida. Depressão é um nome que os psiquiatras tornam assustador para vender remédios caríssimos! Prefiro a bela palavra filosófica: angústia. Sei lá, entendo angústia como um conflito crônico. E os conflitos crônicos, internalizados, sempre podem ser compreendidos e superados com a ajuda de um bom psicanalista. Psiquiatria jamais curou ninguém! O Psiquiatra apenas alivia a chamada dor psíquica e... mantém o paciente doente! O

tio de Michele não é exatamente irmão dela. Como na tragédia shakespereana, Michele desconfia que sua mãe, Júlia, é um pouco mais que irmã do tio Joaquim. Mamãe me disse uma vez, aliás, que o tio Joaquim Egisto nem era seu irmão de sangue, era adotado, etc. Mas o fato principal é que tio Joaquim jamais gostou do papai. Uma vez, faz muito tempo, ouvi uma conversa e ele falava assim: seu marido é um fraco e você sabe disso mas finge não saber... Ele tem muitas propriedades, Júlia, tudo de herança e vai acabar perdendo tudo... Seu marido, minha querida, não gosta de trabalhar, abomina compromissos, responsabilidades, só gosta mesmo é de ler, ver televisão e dormir. Mas você pensa que ele é um grande escritor mal compreendido, não é? Um "maldito". O que ele é mesmo é um preguiçoso que tem medo de lutar pela vida... Me lembro que mamãe não gostou nada de ouvir isso... Claro que papai não publicou quase nada do que vivia escrevendo, mas eu tenho um conto dele, que guardei pra mim antes que rasgasse, me parece muito bom.

## ***JORNALISTA***

---

Agora vou terminar mesmo o curso de jornalismo na faculdade. Era para acabar no ano passado, mas surgiu um problema que já está resolvido. Dessa vez vou me formar e ontem Michele começou a fazer "free-lance" para o caderno de cultura de um jornal. E hoje entrevistei, por telefone, um escritor espanhol cujo livro vai ser lançado no Brasil em março, etc. O escritor foi muito receptivo às minhas perguntas, colaborou bastante, gostei da inteligência e do timbre de voz dele. Amanhã entrego a matéria para o editor no jornal. Ele também tem sido, até agora, muito bonzinho comigo. Talvez eu possa trabalhar de maneira permanente na redação, com salário e tudo mais. O livro é sobre paternalismo. A entrevista começa com esta pergunta: "o que é exatamente, para o senhor, o filho pródigo". "Sem irmos lá atrás no mito bíblico, o filho pródigo, ou a filha pródiga, pode ser visto como uma metáfora do crescimento, do aprendizado de vida..." "Assim como um rito de passagem?" "Exatamente. A transição, às vezes dramática, mas sempre difícil, entre a adolescência e a chamada idade adulta. O filho, ou filha, sai de casa e passa a viver no deserto. Sai da segurança, sai do quentinho que protege e aprisiona, sai, ousa romper esse conflito já insuportável e vai para o perigo, a desproteção, para um novo campo onde o jogo é explicitamente de vida ou morte". "E os pais? A família como fica?" "Se você que, já percebi, é jovem e contiver um pouquinho a impaciência que sem dúvida é um dos

charmes da sua idade, a gente chega lá, ok? Pois é, então a jovem, o jovem poderá ou morrer rapidamente ou se tornar mestre de si mesmo, ficar responsável por sua sobrevivência, sua vida como um todo". "E aí o filho pródigo já poderá retornar à mãe, ao pai..." "Sem dúvida. No mito bíblico, como se sabe, o paternalíssimo pai irá recebê-lo com belas festas, diversões, prazeres, enfim com tudo o que há de melhor e mais apetitoso em sua propriedade." "E essa atitude do pai seria uma homenagem ao filho que cresceu e voltou ao lar?" "Conscientemente, talvez sim. Mas com o passar do tempo, poderá ficar claro que a homenagem familiar teria sido uma forma de tentação, de aliciamento, de sedução. Veja porque. Na realidade é mais fácil para o filho, que corta o tal do cordão umbilical, curar-se para sempre da excessiva proteção paternal ou maternal, do que para os pais, que não ficaram realmente fortes no deserto, conseguirem manejar o aprisionamento paternalista. Pode-se dizer que o paternalismo em todos os níveis, doméstico, político, etc. muitas vezes não passa de uma compulsão, de um vício..." "Ou de evidente má-fé?" "Claro, sem dúvida. Mas, como se sabe, o pai ou a mãe que praticam o paternalismo mais radical, às vezes gostam dos filhos na medida em que estes possam chegar mais alto à meta que eles, pais, propuseram para si mesmos. Por isso, quando o filho deixa o lar, o paternalista típico sofre principalmente por isso. Sofre sim, mas raramente aprende muito com esse sofrimento, não quer nunca se desapegar de seu desejo de continuidade no filho, de sua continuidade, de seu não muito consciente anseio de imortalidade. Agora, se o filho volta pedindo água, então já volta dizendo: pelo amor de Deus, me aceite novamente como escravo-feliz, porque só assim consigo viver". "E quando o filho volta fortalecido, digamos, independente?" "Veja, se volta assim como

você disse, poderá inclusive compreender a fraqueza paternalista do pai ou da mãe, claro, por que não?" Ele não necessita mais de ser paternalizado. Enquanto o pai ainda está precisando ser paternalista. E veja bem, se o filho ou filha, não compreender realmente a situação, não transcendeu mesmo o conflito edipiano, o diálogo entre eles está terminado." "O diálogo construtivo, vital?" "Exatamente. O paternalista, o paternalismo quer sempre segurar a vida em suas mãos, proibir que a vida flua. Como você sabe, uma coisa nova pode ser percebida como tal justamente por estar em constante movimento, não é? O paternalismo tem horror ao novo. Ele adora o Eterno-Retorno — do — Mesmo, como dizia Nietzsche. Como ele já não se renova mais, seguro no castelo que construiu, o dinamismo imprevisível da coisa nova lhe mete medo. Então, o que faz o paternalista? Põe em ação suas tradicionais armas de ataque-defesa, empregando ora uma, ora outra, ora ambas. "E que armas são essas?" "São apenas duas: o suborno sedutor e a pressão. Assim: fique comigo que eu te protejo, pode ficar tranqüilo que eu resolvo seus problemas. Olhe como tenho coisas agradáveis, divertidas e bonitas para te dar. Fique comigo que isso tudo será sempre seu." "Mas então o paternalista é mesmo um perigo?" "Para o paternalizado, para o dependente crônico, sem dúvida. No entanto, creio ser importante relativizar um pouco esse processo." "Como assim?" "Simplesmente nem sempre é possível descobrir se é o paternalista que cria o paternalizado ou se é este, que induz o outro a paternalizá-lo, entende?" "E a outra arma?" "A outra arma, menos sutil, é a pressão autoritária do tipo: sou mais forte que você e ponto final. Você terá que me obedecer, que fazer o que mando e sobretudo ser e se comportar à minha maneira. Eu sou o seu modelo." "É horrível isso. Mas será que ainda existem pais assim?" "Claro, e nas

piores e nas melhores famílias, talvez eu tenha explicitado demais, mas com esse ou com um tom menos machista, no fundo o resultado não é muito outro. Paternalismo nunca promove vida. É sempre um processo anti-vida. Acho que ensinar uma pessoa a aprender, a criticar, a refletir para que possa andar com as próprias pernas ainda é o melhor método de formação, de relação pais — filhos. Pensar pelos outros, inculcar doutrinas sedutoras, induzi-los a seguir dogmas é promover atrofia física e mental. Não é saudável. Continuo achando que é sempre mais sadio ensinar a pescar do que dar peixe. Concorda? Bom, mas já professei demais, chegando a falar como um pregador ou político em palanque... "Que nada, muito pelo contrário. Obrigado pela excelente entrevista."

## ***TIO DE MICHELE NÃO É FLOR QUE SE CHEIRE***

---

Michele querida. Será que já não está na hora de você ficar um pouco menos inocente com relação ao fato dos outros serem quase sempre tão simpáticos, tão bonzinhos?

O que?! Será que ouvi direito? Eu inocente?! Daqui a pouco vai começar também a dizer que eu não sofro, que nunca sofri, que vivo num mundo encantado cheio de fadas e príncipes... Você só pode estar brincando. Qual é o nome do jogo? Me diga pra eu também poder jogar.

Não é isso, Michele. Você é muito rica...

Agora vai me carimbar com o velho estigma, com o título de A Pobre Menina Rica? Ah, não. Mil vezes não... E depois, queridíssima Dora...

O que?

Você por acaso é uma jovem pobrezinha?

Mas não sou linda como você...

Eu? Talvez eu não seja feia...

Dora está realmente preocupada com a amiga...

Michele, você me conhece desde a pré-escola, não é? Mais amigas de infância, só se fôssemos gêmeas...

Dora não tem demonstrado para evitar que a amiga se aborreça ainda mais, mas não tem dúvida de que o desaparecimento do pai de Michele já virou coisa séria. Esse tio dela, irmão da mãe, nunca lhe pareceu flor-que-se-cheire.

Sei que você também não vê o irmão de sua mãe com bons olhos, já me falou sobre isso algumas vezes, mas...

Mas o que? Você está sugerindo que eu acabe com a relação de um irmão, mesmo adotivo, com uma irmã, a minha mãe? Você ficou louca? Bem que eu gostaria. Mas essas coisas não são assim tão simples, tão lógicas, racionais. Onde há sentimentos profundos, paixões, tudo é mais perigoso e confuso que um labirinto.

Eu sei, Michele. Nós duas conversamos sobre isso quando assistimos o Hamlet no mês passado, lembra?

E você quer que eu faça como o Hamlet?

Claro que não, Michele! Mas alguma coisa precisa ser feita... seu pai é um escritor sério, de valor, totalmente sincero... Um escritor que sofre o diabo por se recusar a fazer concessões...

Dora, você sabe que gosto de você. Mas esse assunto é muito penoso pra mim! Talvez a única semelhança com Hamlet seja o fato de eu estar às vezes num labirinto de dúvidas. Lembra-se daquela crise que tive há uns três anos? Nem minha psicanalista pôde me ajudar, já se esqueceu disso?

Não, mas acho que está na hora de você por os pés no chão!

Dora entende que quando não dá mais para resolver um caso desse tipo, depois de virar o problema pelo avesso, depois de procurar saída por todos os lados e a gente perceber que está girando em falso, está num círculo vicioso, é hora de partir para a ação. Michele então,

de repente, parece se interessar um pouquinho, acordar um pouquinho. Michele quer saber qual a ação que Dora tem em mente.

Muito simples, Michele. Vamos investigar o desaparecimento do seu pai. E não me venha com a velha conversa de que ele é adulto e deve saber o que está fazendo. Seu pai e sua mãe, você sempre me contou, nunca se deram bem, viviam brigando, etc.. Claro que isso é comum entre marido e mulher. Claro que talvez eles se gostem, se amem apesar disso, tudo bem. Mas nunca se esqueça que o Eugênio Augusto Pomar, seu querido pai, um homem que eu também admiro, herdou uma fortuna... Seu pai é muito rico. Já sei, vai dizer para ser objetiva, imparcial mesmo com quem se ama, vai dizer que ele já jogou fora pelo menos um terço da herança e por isso até que sua mãe tem lá suas razões, não é? Muito bem. Concordo. Mas o problema é outro. A coisa toda é mais grave. O Joaquim Egisto, seu tio, irmão de sua mãe, não chega a ser exatamente um cara legal, concorda? E a influência dele sobre ela é absoluta. Espere aí, espere, tem mais: você sempre me disse que seu tio jamais aceitou seu pai, que nem queria que ele se casasse com sua mãe, não é verdade? Ele não dizia e talvez ainda diga que seu pai é um blefe? Um pomar que não dá fruto!

Obrigado Dora. Estou morrendo de dor de cabeça. Estou atrasada para chegar ao jornal... outro dia a gente conversa sobre isso, lá legal?

Ok. Mas você promete que pelo menos vai pensar no assunto? Promete?

Prometo, tchau.

Ah Michele, ia me esquecendo... Trouxe esse livro de poemas do Byron onde sublinhei coisas deliciosas. São alguns versos do seu famoso Don Juan. Adoraria que você lesse, tchau.

A Dora é mesmo incrível, quer porque quer que Michele abra os olhos com relação ao que vem acontecendo na casa dela. E o que não estou entendendo é que antes falava quase nada sobre isso e agora esse poema do Byron com referências desagradáveis à mamãe. Michele acaba de ler e está chocada, meio revoltada pela invasão da amiga à sua intimidade mais sofrida... Será que mamãe não gosta mais do papai? Tira o celular da bolsa e começa a ligar para a amiga, mas não consegue achá-la. Leu de novo os versos no original inglês e foi traduzindo em prosa, mais atenta ao sentido da narração do que aos versos: Dom José e Dona Inês levam por algum tempo um tipo de vida muito infeliz. Desejando um ao outro, nunca pensando em divórcio, eles viviam respeitavelmente como marido e esposa. Até que um dia, o fogo do desejo do marido pela esposa se apagou e isso levou Dona Inês rapidamente a odiar Dom José. Não muito tempo depois, a esposa estava convencendo um médico e um farmacêutico, de que seu querido esposo estava ficando louco. Eles acreditaram, porque Dom José não queria saber de conversa com Dona Inês, nem com o médico e o farmacêutico. Então, secretamente, alguma droga foi sendo misturada às suas refeições. Outro tempo se passou e Dom José apenas ficou apático, com olhar ausente. Mas não mais ansioso, eufórico demais. Aí, o que faz Dona Inês? Decide espalhar pela vizinhança e amigos, que seu marido era um homem mau. O mal em pessoa! E nenhuma outra explicação dava. Apenas insistia em afirmar que seu dever sagrado diante do senhor seu marido e perante Deus, exigia que ela agisse assim.

Conscientemente, Michele procurou não ver a seriedade, nem a aguda síntese contida na dúzia de versos de Byron que a amiga sublinhou. Mas adorou a ironia bem britânica com que o poeta tratou

o drama de um casal aristocrático da Espanha do século dezesseis, os pais do lendário Don Juan. Achou incrivelmente atual e estava ansiosa para agradecer e comentar com a Dora. Como foi possível eu não ter percebido na primeira leitura? Adorei Byron: nas primeiras décadas do século dezoito, ele enxergou o problema da difícil ou impossível relação entre o papai e a mamãe agora no século vinte um! Incrível e em inglês, o jogo de sentido e sonoro do tipo Mad e Bad, e magnífico...

## ***GALHARDO E JAPUÍ***

---

É, a Dora até que tem razão em muitas coisas. Mas, meu deus, mamãe não pode querer mal ao papai, não pode! Ele, até quanto sei, nunca fez nada contra ela. E a mãe de Michele também nunca falou nada contra Dora. Dora é ótima amiga. Quem não presta nisso tudo só pode ser mesmo meu tio. Dora uma vez falou que Egisto, irmão da mãe, tio de Michele eslava ficando cada vez mais rico. Realmente titio, depois de se formar em educação física ou fisioterapia, sei lá, na faculdade, começou como “personal trainer” e hoje possui uma rede de academias de “fitness” onde é o Grão Mestre todo poderoso em favor da melhoria estética da raça brasileira. Meu tio só pode ser um gênio dos negócios, um grande empresário. Mas a Dora suspeita que tio Egisto, que também negocia com imóveis, abocanhou boa parte das casas e apartamentos e terrenos que papai pediu que ele vendesse... E, tio Egisto realmente sempre detestou papai. Agora estou me lembrando, eu era uma menina e ele rindo e falando com ironia pra mamãe que papai poderia ser um escritor famoso, mas só para a família, fora de casa ninguém sequer sabia da existência dele, sem dúvida um gênio, o gênio da família... Nossa, já estou chegando no jornal. O Galhardo não vai gostar muito, estou meia hora atrasada, também a culpa é da Dora que só sabe encher minha cabeça de problemas de família.

Como vai, Michele, tudo bom? Hoje acho que está mais que na hora de começar a sugerir alguma entrevista ou reportagem, que tal? Tenho uma pauta meio vazia. Pensou nalguma coisa? Leu os jornais? Viu algum caso ontem na TV que te chamou atenção?

Galhardo ia falando tudo bem depressa, sorrindo e sem tirar o celular do ouvido: E como vai a Dona Olga Schmidt? Tem visto ela? Como? Não entendi... ah, agora compreendo... É mesmo? Voltou a cuidar do corpo na academia do seu tio? Ótimo.

Sim eu sei. Galhardo é falante, otimista, bem humorado. Gosta de mulher bonita e rica. É meio compulsivo em vestir a camisa de Pigmaleão, aquele que não resiste à tentação de transformar mulher, tipo patinho feio, em um cisne deslumbrante. Ou patinha linda como Michele em... uma super-cisne belíssima e genial.

Michele, a entrevista com o escritor espanhol sai no sábado. Gostei, você leva jeito...

Rindo gostoso enquanto ainda com o celular colado ao ouvido, estendeu a mão para Michele, apertou com carinho e: claro que você tem talento para o jornalismo... Coitada de você! O jornalismo cultural finge elevar a cultura dos leitores. E nossos leitores, fingem ficar mais cultos... Agora vai trabalhar! Depois a gente conversa... E não se esqueça, você ainda é só "free-lance", ok?

Depois vai para a Universidade. Tem uma ou duas aulas, almoça no restaurante de lá, depois tem mais outra ou outras aulas dependendo do dia e segue em seguida para o jornal, etc. Agora está na sala do Professor Japuí conversando sobre um tema de tese que acha interessante para a pós-graduação: Acho que tive uma idéia bem razoável. Posso falar agora?

Claro! Qual é a idéia?

Aí, o celular do professor toca, ele atende e ao mesmo tempo diz mais com gesto que palavras para Michele ir falando. Mas Michele pega a mão do Professor Japuí, aperta com charme, sorri e diz, também mais com gesto que palavras, que vai voltar amanhã para a gente conversar de maneira mais tranqüila e concentrada. Tchau, professor, não quero atrapalhar, sei que está muito ocupado...

Tchau, Michele, não esqueça de dar um abraço na sua mãe por mim...

Diferente mas, digamos, no mesmo biótipo, Michele sente que o Professor Japuí é tão Pigmaleão quanto o jornalista Galhardo. Ótimo! Só que não custa nada me lembrar o que falou a Dora sobre achar os homens sempre tão bonzinhos, tão calorosos, tão a meu favor... Bom, mas agora está mais que na hora de voltar pra casa e descansar um pouco antes de sair para comer pizza com a Dora e seu namorado novo, o advogado Jorge e mais outros e outras meio escritores, meio artistas, muito desocupados, meio psicanalistas, muito conscientes ou muito sonhadores e todos bonzinhos, egocêntricos, narcisos e tem um que a Dora garante ser bem bonitinho, inteligente e quer me conhecer porque me viu outro dia com ela num shopping, etc. Mas pensando um pouco melhor sobre o Galhardo e o Japuí, acho que Pigmaleão não chega a ser assim apenas um potencial bicho-papão. É muito difícil um mestre não ser pigmaleão na relação com o discípulo. Ou a mãe com o filho, com a filha, o pai consciente também precisa ser assim, caso não seja só egoísmo. Os pais gostam de "fazer" o filho. E o que há de mal nisso quando não estragam ou aprisionam o filho? Deus, que se espera ser muito mais bem intencionado que nós, não só fez o mundo como também tudo que existe nele. Deus nos fez. E dizem que não nos larga nunca na mão. Fez os homens e temos que seguir até a

morte e mesmo depois dela o modelo criado por ele. É, talvez Deus exagere um pouco como pigmaleão. Mas os artistas sempre são pigmaleões, não só o escultor lá na Grécia antiga que foi o tipo original desse gênero. Aliás, como o Pigmaleão primeiro, é natural que o criador se apaixone por sua criatura, pela imagem que lhe parece perfeita, única. Uma imagem tão sedutora era a de Galatéia que Pigmaleão só poderia se apaixonar por ela. Os outros aspectos do mito, não me interessam. Se uma deusa rejeitada por ele, faz o escultor Pigmaleão se apaixonar por sua escultura, por sua querida Galatéia, uma mulher de pedra, isso não vem ao caso. Nem se outra deusa menos ciumenta e mais romântica dá um jeito para que a pedra se transforme em carne... E assim, para sempre os artistas masculinos terão que depender do fascínio das musas reais para criar boa arte. Bem, acho que não vou ficar mais com medo dos pigmaleões bonzinhos que querem me fazer genial... É. Mas tem o outro lado da moeda. A aluna se apaixonar pelo professor é coisa comum. O aluno pela professora. E na psicanálise, é quase necessário que o paciente se apaixone pelo analista. São bem mais comuns do que se pensa os casos das modeladas que se apaixonam pelos modeladores... É, mas o importante é não encher muito a cabeça com isso. A Dora tem razão em parte, mas não vale a pena ficar paranóica só porque algum pigmaleão quer me dar uma mãozinha. Acho que os verdadeiros artistas, escritores, cientistas, inventores, enfim todos que investigam com paixão, que não resistem à tentação de mudar para melhor o que quer que seja, acho que os verdadeiros criadores são sempre um pouco retraídos, um pouco ou muito solitários. Talvez por isso essa sede insaciável de transformar o que fazem em um objeto de amor. Como se seu trabalho apaixonado fosse uma bela e sensível e

inteligentíssima mulher ou homem, no caso das criadoras. É, isso é mais profundo que parece. Acho que na profissão que gostaria de entrar, se um dia começar a escrever, vou ter que aceitar a solidão. Ou namorar o personagem, um belo e compreensivo e inteligente homem genial que sente e pensa comei eu... Bem, mas não é impossível eu gostar com paixão do que faço com amor e também achar alguém que goste de mim e do que escrevo, mas que goste como eu gosto... Que loucura que é tudo isso! Bom, agora basta, estou chegando em casa e lá não vou encontrar parceria pra essa conversa comigo mesma... Acho que a memória involuntária que surgiu agora, não seja inútil. Me lembrei disto, de Kierkegaard: A natureza feminina é um abandono, uma entrega em forma de resistência... Talvez o filósofo esteja certo, talvez conheça as mulheres melhor que eu... Venho vindo pela vida afora correndo atrás de certezas, como barco sem bússola. Qualquer certeza em que possa ancorar o cansaço. Só nas certezas sempre esperando achar sossego. Mas cada vez que consigo agarrar uma certeza bem agarrada, de repente ela escorre da minha mão como um punhado d'água. Sei lá, ando percebendo cada vez mais que não é muito da condição humana, da condição da vida, colocar certezas à nossa disposição. Farejo, às vezes, que a contradição é a única certeza que temos na vida. Vida e morte: contradição suprema. Sei lá, é urgente aprender a arte necessária de administrar contradições, conflitos. E até, talvez, encontrar segurança na própria contradição. Parece maluco? Mas a contradição temos certeza que existe. Pode-se dizer o mesmo da certeza?

## ***JÚLIA HERNANDEZ POMAR***

---

Realmente não parece, mas a mãe de Michele não é assim tão jovem. Talvez pela elegância, por ter um charme, não ser nada feia, seu corpo é até mais desejável do que ela mesma, super-narcisa, pensa que é e tudo mais. Sua idade, naturalmente, é segredo sagrado. Mas oscila entre quarenta e cinquenta anos. Sei que tenho cultura. Mas não sou uma intelectual pedante. Tive uma boa educação e adoro Platão, Thomaz Merton, Teillard de Chardin, Carlos Heitor Cony, sou louca por Jung, adoro Di Cavalcanti, Chopin, Lygia Fagundes Telles, Raduam Nasser, Doris Lessing, Hilda Hilst, Rodin, Ledo Ivo. Amo de paixão Hélio Oiticica, que mudou as artes plásticas no mundo e para sempre. Leio Sêneca e Haroldo de Campos que admiro muito. Vídeo Art e Instalações são o máximo em criação estética e ambiental... Pop Art, Paulo Coelho e Chico Xavier são mais que vanguarda, mais que pós-modernos! Duchamp foi um gênio do século vinte. É o Botticelli contemporâneo, na minha opinião. Mas gosto muito também da genialidade do Dalai Lama, do Cabrera Infante, do João Ubaldo Ribeiro, do Vargas Llosa, do Otávio Paz, do Rubens Fonseca e da Raquel de Queiroz. Nunca vou a Paris sem fazer uma rápida visita à Vitória de Samotrácia, aquela eloqüência do clássico mármore grego, bem ao topo daquela escadaria solene lá no Louvre... se fosse possível, eu gostaria mesmo é de morar no museu do Louvre: lá se respira arte e riqueza eternamente... Adoro arte e adoro ler bons livros.

Enquanto essas coisas existirem, minha vida está completa! Apenas me preocupo é com a Michele. Percebo que ela está pensando que já é uma mulher, que já tem experiência e sabedoria suficiente para isso. Que ingenuidade... Acho até que se imagina uma mulher atraente, fascinante. Enfim, criancices da adolescência. Mas já saiu da adolescência, vai fazer vinte e seis anos em junho. Anda imaginando que exerce atração sobre os homens. Ridículo, não percebe que homem adora jovem rica e bonitinha! Do mesmo jeito que meninas suspiram de paixão só de olhar para garotos lindos e riquíssimos. Ridículo. Mas é claro que ela não conversa mais esses assuntos comigo. O que não quero é que ela sofra com decepções. Michele continua muito inocente, às vezes parece até uma menininha desprotegida, morro de pena dela! Mas outra coisa que tem me tirado o sono continua sendo minha relação com o Eugênio Augusto. Detesto dormir menos do que minha saúde pede. Minha boa forma física necessita de oito horas por dia. O Joaquim Egisto está sempre me alertando para isso. E um perigo enorme! Em poucos anos, pressionada por esses terríveis estresses vou perder meu frescor... Minha pele, meus músculos, eu inteira vou virar uma bruxa velha, Deus me livre! O Joaquim Egisto sabe o que está falando. Poucos no Brasil sabem tanto dessas coisas como ele! Mas a situação com o Eugênio Augusto piora dia a dia, está cada vez pior. A Michele continua com peninha do pai dela. E meu irmão insiste que tenho de tomar uma atitude... Assim vou acabar ficando maluca! O que tem me ajudado é o fato de eu ter muitas amigas e muitos bons amigos. Fora das amizades, não há mesmo salvação. Amor romântico, casamento por amor, é a principal causa dos maiores sofrimentos, eu e que sei na própria pele! Sou doutora, tenho doutorado nesse campo. Mas agora

está na hora de mais uma das minhas prazerosas reuniões filantrópicas. Ainda bem.

## ***O FIM DA INCERTEZA***

---

Vi claramente quando o Pássaro sumiu no ar acima da floresta. O que fazer agora? Sem o Pássaro, o que será de nossas vidas? Ele anunciava bem antes a vinda trágica das tempestades. Quando nas aventuras necessárias para a liberdade de cada um, era o pássaro nosso ponto de segurança: nunca íamos tão longe por caminhos desconhecidos que não pudéssemos divisar o Pássaro lá no alto do céu ou brincando por entre as árvores. Agora as viagens de aventura não têm mais bússola. Não saberemos mais quando está na hora de voltar... Nas noites muito frias, encolhidos em nossas tocas, o canto longo, belo e nítido do pássaro abria um espaço infinito de silêncio gostoso no escuro que era um medo profundo. Esse canto melhorava o novo sol da madrugada. Sofremos muitas luas na ausência do pássaro. Nossas vidas perdendo vida numa tristeza calada. Já ninguém mais queria erguer os olhos na esperança do retorno do pássaro. Muitos de nós, de tanto não mais olhar para cima ou para frente, começamos a curvar o corpo na direção dura do chão onde nossa vista tentava mergulhar desconsolos. Mas num belo dia de outono, quando todos já caminhávamos de quatro por entre folhas secas comendo formigas e lesmas, o pássaro anunciou-se com seu canto longo muito longe. E todos nós tiramos o focinho do chão e olhamos para o céu. Energias voltaram a vitalizar nossos corpos e um coro espontâneo de alegria pura encheu nossas bocas de flores. Então o pássaro chegou bem perto

de nós ali calados em adoração emocionada, empoleirou-se solene num galho de árvore e disse canoro:

Pois muito bem. Agora vocês já sabem que sem mim suas vidas são mais miseráveis que a solidão dos cegos e a fome dos pobres. Pois muito bem: de hoje em diante terão de me pagar tributos para que eu continue entre vocês. Viajei por terras distantes e em todos os lugares que estive observei não existir nenhum deus gratuito! Pois muito bem: precisamos também progredir e atingir graus elevados de civilização. Nos lugares adiantados que visitei não existe essa história de deus que só dá e nada recebe em troca. Todos pagam pesados e necessários tributos aos seus deuses. Trouxe aqui comigo exemplos de mandamentos, de códigos, de dogmas eternos, imutáveis, de constituições escritas por esses deuses, de sistemas tributários, de Conselhos Jurídicos usados com sucesso pelos povos mais atualizados no progresso das religiões, etc. Vamos logo construir um templo de ouro onde vocês todos, sem exceção, irão diariamente rezar pelo meu bem estar. Organizarei rituais para os nascimentos, as mortes, os casamentos, rituais de fertilidade, rituais para as penas capitais como enforcamento por exemplo, etc. Alguém tem algo a dizer? Se for para aprovar e aplaudir tudo que acabam de ouvir, que comecem a falar de cabeça erguida. Mas se algum inconsciente dentre vocês estiver sequer pensando em discordar, imediatamente será vítima do divino ritual de enforcamento... Apenas como exemplo para os que não conseguem entender a necessidade de um deus de verdade! Pois muito bem: já que todos estão de acordo, comecem já, agora, neste instante a trabalhar de sol a sol pela minha glória, maior poder e felicidade geral. Aleluia!

## ***HOJE PAPAI LIGOU PARA O MEU CELULAR***

---

Nas sumidas do papai, ele jamais telefona aqui para a casa do Morumbi ou para a casa da praia. À última coisa deseja é falar com mamãe. Me disse que está cansado do hotel e resolveu alugar um apartamento. É nesse apartamento que estou agora conversando com ele. E o primeiro pedido que faz é: se você gosta de mim e eu sei que gosta tanto quanto eu de você, me promete que não dará o número do meu celular à sua mãe. Não, não faça essa carinha triste, qualquer dia desses eu volto pra casa, no momento está difícil, sei que você compreende. Não pretendo me ausentar demais por uma razão importante. Claro que ainda sinto afeição e talvez amor por ela, mas o Joaquim Egisto, aos poucos, está me parecendo menos digno de confiança do que eu supunha no passado.

Desculpe falar assim do seu tio...

Não se preocupe, papai. Minha amiga Dora, lembra dela?

Claro. Gosto da Dora...

Pois é a Dora também ultimamente vem me alertando quanto ao caráter do titio...

Interessante. Fale mais, dê detalhes...

Daqui a pouco papai. Agora o que eu gostaria é pôr você a par de algumas novidades.

Estou ouvindo, gosto de novidades...

Pois é, primeiro lá em casa: mamãe já fez todas as pesquisas, as investigações e tudo mais para adotar um bebê, um menininho, uma bonequinha pra brincar... Segundo ela, no máximo em quinze dias já vamos ter chorinho de bebê para alegrar o nosso lar...

A Júlia Egisto não pára nunca de superar sua própria marca... Sua mãe é mesmo uma campeã. Estou falando sério, não é ironia, não. Sua mãe é uma força da natureza! Mas você tem razão em me informar esse fato que, sem dúvida, poderá ter algumas conseqüências complicadas, poderá ser um novo complicador na minha difícilíssima relação com sua mãe. Obrigado por me avisar, você realmente gosta de mim, obrigado por ser sensível, inteligente, culta, por gostar de justiça, de direitos iguais... Nossa! Isso já está com cara de discurso político, me dá um beijo, muito, muito obrigado. Mas agora me fale de você, só de você.

Já, já, papai: Estou louquinha para te contar uma porção de coisas ótimas. Antes me diga: Como é, resolveu aderir ao celular, por que?

Celular não, telefone portátil, comprei, como dizem os franceses, comprei um portátil. Não, claro que isso é brincadeira, você me conhece. Na realidade o nome celular sempre me irritou, mas de fato comprei só para poder falar com você sem interferências mais dramáticas, você entende... Mas vamos, estou curioso, comece logo a falar de você ou nunca mais te convido para me visitar, rá, rá, rá, rá, rá, rá.

Fiquei com papai lá no tal apartamento dele por mais uma meia hora. Falei de mim, falei da faculdade, falei do jornal, falei do tio Egisto, não falei, não tive coragem, não falei sobre o fato de eu estar

querendo escrever, virar escritora... Mas tive coragem, as palavras ficaram meio presas na boca, consegui perguntar se ele estava escrevendo alguma coisa. Disse que não. Mas falou algo assim como se ter alguma segurança econômica para a gente não ser forçado por pressões insuportáveis, externas ou internas, a escrever coisas contrárias às nossas convicções. Achei, de repente, que tem imenso conflito nessa área. Ou quis apenas mudar de assunto para não falar de problema talvez ainda mais doloroso? Ficou então calado um bom tempo. Então, me levantei da poltrona, peguei a bolsa na mesinha em frente, sorri, beijei o rosto dele: papai, agora sei o caminho e vê se me convida novamente logo! Que já estou querendo voltar de novo, tchau. Ele só disse, sem se levantar mas olhando nos meus olhos, olhar doce: claro que vou telefonar outras vezes para você vir aqui, sua bobinha... Mas com uma condição... Pergunto qual condição. A condição de você não dizer que esteve aqui e nem sequer mencionar que te telefonei, ok?

Michele está agora telefonando para Dora. Ela atende logo: Dora, tudo legal? Te liguei pra dizer que você está certa. Cada vez me sinto mais dividida, mais afogada em contradições... Você tem razão: sou mesmo um Hamlet, um Hamlet por ser só dúvidas...

Não esquenta tanto a cabeça com isso. Falei mais no sentido literário, entende? Mais para jogar com personagens trágicos famosos, nada muito mais sério que um divertido joguinho teatral... Mas que você é uma mistura esquisita entre a Electra e o Hamlet, não tenho dúvida, rá, rá, rá, rá... Melhor ainda: enquanto a Electra se junta ao irmão Orestes e assume a vingança trágica, você fica aí só se consumindo na dúvida entre ser ou não ser. Entre ser alguém na vida ou mandar tudo à merda rá, rá, rá, rá, rá, rá, é só brincadeirinha. O que

pretendo mesmo com essas metáforas é tentar desviar suas preocupações naturais da situação que está experimentando, desviar para a ficção, entende?

Entendo, Dora, e entro no seu jogo: Sabe que para mim, também de brincadeira, você está igualzinha o Iago fazendo de tudo para envenenar os pensamentos, os sentimentos de Otelo?...

E Michele segue o caminho de casa, o dia está um forno, quentíssimo. Quer ver se nada um pouco ainda antes do jantar, curioso o que papai falou sobre certa independência econômica: É problema o escritor ter que comer do que escreve! Insistiu que agora, já no século vinte e um, o regime econômico mundial continua sendo o capitalismo. E o que fazer, sendo um escritor já não tão jovem? Sem algum dinheiro embaixo do colchão, alguma independência econômica, o escritor acaba se tornando um comerciante... e menos competente que os comerciantes reais, caso não desfaça todas as dúvidas... Escrever para ganhar dinheiro, jamais! O problema é que gosto de escrever, só sei fazer isso, não tão bem como gostaria mas é o que faço melhor, e com prazer. Às vezes perco a vontade. Volt o a ter vontade. Perco de novo, volto a ter. E depois, veja o seguinte, Michele: tanto faz lidar com chefes, líderes egoístas e só dinheiristas, nos empregos, nos trabalhos para os outros, como administrar o que é seu, herdado ou conseguido a duras penas com trabalho para enriquecer empresários. O resultado em esforço, em sacrifício, em astúcia, em conflitos sofridos entre dignidade e oportunismo, entre egoísmo e altruísmo, entre sonho e decepção é sempre igual... Oswald de Andrade, que era marxista e o maior rebelde, o mais insistente inconformista da literatura brasileira, vivia de imóveis herdados... Mas apesar de achar quase cem por cento o que papai disse, sei lá, me deu

a impressão de que há muito ceticismo, uma dificuldade já crônica de ter alguma esperança, alguma vontade forte de mudar as coisas, de lutar por alguma utopia, mesmo com o risco da gente se afogar no pântano onde o conflito entre sonho e realidade cria loucuras! E no fim, nem o Cervantes sabia mais se o Quixote era ou não um louco... E por pensar nisso, às vezes acho que a Dora, embora não sendo pessimista, não sendo limitada, tem demais os pés no chão. À maneira dela, que gosta de imagens literárias meio fáceis, penso estar mais para Dom Quixote e ela mais para Sancho Pança... Nossa, preciso ficar atenta para não brincar assim com ela. Ainda mais que não se julga bonita, atraente mesmo sendo sensual e sei que os homens olham pra ela com desejo. Mas eu sou mais magra, mais longilínia e ela mais do tipo gordinha... Que coisa mais incrível! Agora, exatamente agora que acabo de falar, de falar não, de pensar no Dom Quixote, percebi num flash que ler ficção em excesso, ou escrever como vi papai escrevendo algumas vezes, de maneira febril como num vício gostoso e doentio, pode fazer que a gente, sem perceber, misture ficção com realidade... Talvez papai estivesse certo em nunca ter me incentivado a escrever. No caso do Hidalgo de La Mancha, existe muito sonho alegre, muito apetite para a vida e muita urgência em viver belas e altas e meio malucas utopias de amor por Dulcinéias e pela aventura sempre nova de viver... A Dora me disse outro dia que quer se casar com seu novo namorado. Ela já está enfiando ainda mais os pés no chão firme! Já trabalha no Departamento de Pesquisa e Estatística de um grande laboratório Farmacêutico... Dora está certa? Eu estou certa? Realidade e ficção podem ser coisas separadas? Shakespeare disse que somos constituídos do mesmo material com que os sonhos são feitos. Quem sou eu para discordar? Mas pensando melhor, talvez

ele tenha dito apenas que a vida não passa de um sonho... É, estou somente complicando ainda mais o complicado. Afinal de contas, as dúvidas nessa área se levadas ao extremo, acabam com toda possibilidade de existir ficção escrita ou oral! Que loucura! O bom mesmo é eu chegar logo em casa, dar um bom mergulho na piscina, depois jantar com sossego e prazer e nunca mais tentar traçar limites rígidos entre a chamada realidade e a chamada imaginação... Claro que quem escreveu o Dom Quixote foi o Cervantes e no Barroco ainda, felizmente, acho que o autor não se misturava com o personagem. Bem, é verdade que até hoje ainda não descobriram, de fato, se Shakespeare existiu... E há outra coisa que também mostra as maluquices dessa profissão, ou melhor, dessa paixão de escrever. Cervantes, como se sabe, pretendia apenas criticar o modismo água-com-açúcar dos cavaleiros andantes, dos idealizados heróis e jograis sonhados pelas donzelas, etc. E acabou, contra sua intenção inicial, escrevendo um hino de louvor às utopias, acabou criando, talvez, a maior obra literária de todos os tempos. E era para ser apenas uma sátira fácil sobre um louco que se imaginava um heróico cavaleiro andante. Mas então, de repente e já nem sei mais porque me sinto inteiramente dominada, me sinto possuída pela compulsão de encontrar um sentido para minha vida... E para isso, me garantem: é fundamental enfrentar os labirintos das florestas mais perigosas. Acabo de entrar numa floresta. Mas claro que antes de entrar, tive que criar coragem. Penetrar na floresta, no mistério, é visitar as piores cavernas do medo. Entrar na floresta é dar um salto no abismo. Sem asas, sem rede. E sair do colo materno, já estou na floresta procurando esse tal de sentido da vida. Já sei, sei que no centro da floresta há um castelo. Mas onde diabo é o centro da floresta? Meus pés caminham

devagar sob o comando do medo de perder a coragem. Mas meus pensamentos estão fixados no castelo que sei existir bem no centro da floresta. É um magnífico castelo de ouro. Foi construído inteirinho com blocos de ouro, não de pedra. Por isso se eu conseguir subir ao topo da árvore mais alta e o sol estiver bem forte num dia sem nuvens, verei o brilho dourado do castelo espalhando sua luz no centro da floresta. Caminho à procura da árvore mais alta e após longos dias de dura caminhada começo a suspeitar que a árvore mais alta da floresta também deve estar no centro da floresta. Como achar o centro da floresta? Sou um canhoto excessivo. Um impulso, um desvio de meus passos bem acentuado será do lado esquerdo e assim, fatalmente, tenderei a andar em círculo. Devo estar andando em círculo já há muito tempo. Os animais me olham, às vezes me acompanham de longe. Mas nunca me atacam. Por que será? Devem saber que não sou caçador, nem um cientista querendo alterar a floresta para estudá-la. Os animais sabem que, como eles, procuro apenas naturalmente um alimento para continuar existindo. Evidente que não irei dizer a eles que meu principal alimento para continuar existindo é achar o tal de sentido da vida. Podem rir de mim, ou coisa pior. Mas farejam que meu alimento não é comê-los e nem competir pelas comidas deles. Bem, numa manhã do mês de fevereiro acordo deslumbrado porque há um imenso castelo dourado bem à minha frente. Dormi exausto na noite escura anterior numa gruta quentinha cercada de densa folhagem. Corri contente para o castelo. Sim, já sei, é um castelo muito grande com mil duzentos e vinte e três quartos. Em um desses quartos, em apenas um determinado, que não sei qual poderá ser, há uma pequena caixa. Dentro dessa caixa há um velho pergaminho no qual está escrita uma única frase numa língua completamente

estranha. Não é nenhuma das línguas mortas e já estudadas. Nenhuma língua viva, nenhum dialeto de tribo primitiva, nada disso. Mas são signos, ideogramas talvez, bem claros, bem grafados, dizendo de maneira nem um pouco ambígua ou enigmática qual é exatamente o sentido da vida. Pensando bem, agora é que minha sofrida procura vai realmente ter início. E também as maiores dificuldades e imensos perigos. Por exemplo, em certos quartos do castelo e ignoro quais sejam, existem feras famintas ou explosivos preparados para um simples toque na porta. Ou gigantes enfurecidos. Ou ainda novelos de cobras venenosas, aranhas, escorpiões, etc. E para abrir a porta dos quartos, além dos perigos onde e como achar as chaves respectivas? As chaves acham-se enterradas em diversos lugares numa área aproximada de 7 quilômetros quadrados ao redor do castelo. E qual dessas chaves será a do quarto onde está a caixa com o pergaminho e nele escrita a frase salvadora que procuro há tanto tempo? Pronto, já estou no castelo, já olhei ele inteiro, subi e descí dezenas de escadas, andei por vários corredores, sei que é este mesmo o famoso castelo de ouro e nossa! Como ele é imponente e deslumbrante e grandioso! Ah, um detalhe que esqueci de contar: se eu não encontrar o sentido da vida, tenho certeza de que não poderei continuar vivendo. É um assunto de vida ou morte! Estou totalmente face à face comigo e só tenho duas alternativas. Apenas duas. Ou serei minha assassina ou serei minha salvadora... Bom, mas para encurtar essa história que já vai se alongando demais, finalmente achei a chave exata para abrir a porta do quarto certo. Claro que cavei milhares de buracos em 7 quilômetros quadrados, sob sol, sob a chuva durante meses sem descansar. Já abri também a pequena caixa e o velho pergaminho está em minha mão. E nele leio o seguinte: POCOLENUM EVUH

OGOLA AROTIB OIOPA. E a Dora, imagine só, minha amiga mais íntima, outro dia mesmo voltou a perguntar porque ainda deixo essas tatuagens gravadas em mim. Às vezes parece até que ela me pergunta coisas e depois nem ouve a resposta. Como nunca fez tatuagem, não consegue sequer compreender que eu tenha feito. Acho que já faz mais de um ano que nem sei mais se tenho ou não tatuagens. Aquela logo abaixo do umbigo, um gato fofinho tomando leite num pires, eu acho linda. Só me lembro, quando um garotão bonito vê primeiro a tatuagem do braço, logo me olha inteira, parece gostar do meu corpo, mesmo eu achando que estou magra demais, depois se liga no meu rosto e fica parado nos meus olhos, tenho logo que desviar o olhar para aumentar o charme e aí... mais um admirador para ser administrado com toda a deliciosa e arriscada e famosa ambigüidade feminina... Como faz bem pra saúde alguém que vale a pena nos olhar com um tipo de admiração desejante... Muito bom, mas amanhã vou falar de verdade com o professor Japuú sobre a tese de pós-graduação. De fato, ainda não sei se valeu a pena estudar antropologia durante todos esses anos. Foi bom e não foi. Me lembro que papai, que é a pessoa mais anarquista, no melhor sentido desta palavra, que existe, me lembro que ele jamais morreu de amores pela antropologia. Gostava de dizer que o antropólogo é um estudioso sério, ultra racionalista, que começa a fazer pesquisas de campo com índios ou então com seguidores de alguma seita religiosa muito peculiar. Vai a campo munido do mais rigoroso aparato científico. Leva consigo os conceitos mais sofisticados com raízes profundas em Kant, Hegel, os iluministas franceses, o positivista Augusto Comte, Levy Strauss, Margareth Mead e quando entram em contato mais profundo com o estranho ou exótico bicho-homem que estão estudando,

freqüentemente acatam esquecendo o distanciamento, digamos positivista e, incrível, começam a praticar os mesmos rituais mágicos, a adotar os mesmos hábitos alimentares. Papai tem razão. Para não passar por positivista, um estranho superior e distanciado, passamos, vamos dizer, para o lado oposto. Exageramos, e no fim acabamos pouco diferentes do chamado objeto de estudo. Sem perceber, ou percebendo e com identificação pouco científica, começamos a imitar realmente os índios ou a ser mais um crente nos milagres do Santo Expedito. Claro que papai faz um pouco de humor, mas não está de todo errado, tem colegas meus que já estão nessa fase. E o incrível é que nem percebem. Mas também, nós somos é muito pretensiosos. Parecemos, às vezes, essas senhoras filantrópicas, que o papai chama de pilantrópicas. Elas têm certeza que os ajudados gostam delas por não serem egoístas... Gostam delas porque se entregam, se dão com amor aos necessitados... Mas moram em casa com piscina, compram roupa de mil dólares, esquiam em Val D'Isère, etc... Pena o papai se fechar tanto! Os belos e ricos conceitos do anarquismo, penso eu, são a causa dele hoje ser um recluso descontente. Claro que o anarquismo é ótimo! Os primeiros comunistas e os surrealistas sabiam disso. É uma bela utopia, sem dúvida. Mas, como se sabe, para criar um novo tipo de sociedade, continua tão inútil como sempre. O anarquismo é prisioneiro de uma contradição insolúvel. Sem que se crie uma eficiente e bem organizada estrutura política, um partido forte com quadros de valor bem treinados e aparelhados, com disciplina rígida e rigorosa hierarquia, como fazer uma revolução que mude o status-quo? Por princípio, a filosofia anarquista nega qualquer estrutura hierárquica, mesmo provisória... Papai duvida, de maneira radical, de todos os valores e poderes instituídos. Quanto mais ele se apóia nas

idéias anarquistas, mais se isola. E ao se isolar, sua intransigência aumenta. Sei lá, acho que tem conflito nessa área. Mas também pode ser apenas uma opinião fácil de psicanalista amadora, sei lá... O fato é que sofro com isso, talvez mais que ele... E será que a solidão é a única resposta para quem não abre mão do talento criativo? Para quem fica indignado diante da mediocridade laureada? Laureada. Esta palavra ficou na minha cabeça desde menina, quando papai me leu uma frase genial de Anatole France: o que mais nos revolta não é o gênio oprimido, mas a mediocridade laureada.

## *NADA COMO SER FELIZ*

---

Quem não quer ser feliz? Tenho um vizinho que só pensa nisso. É nome conhecido. Conto aqui o que me contou quando fiz algumas entrevistas para a faculdade. Gravei tudo, depois procurei narrar a história como se fosse um conto. E dei ao vizinho o nome de Fulano de Tal: Hoje está tudo como ele gostaria que estivesse. Havia finalmente atingido sua meta.

Pelo menos foi o que disse para si mesmo enquanto mastigava com prazer um filé mal passado. Mas alguém locou a campainha na porta de sua casa. Foi atender.

É aqui que mora o senhor Fulano de Tal?

Sou eu mesmo. O que o senhor deseja?

Apenas lhe dizer que o senhor não atingiu meta nenhuma e muito menos sua meta tão sonhada. Só isto. E agora, me dá licença, preciso continuar meu caminho.

Não quer entrar? Estou jantando. O senhor já jantou?

Já. Obrigado. Adeus.

Bom, já que não quer entrar... mas não gostaria de tomar nem um copo de vinho?

Adeus.

Adeus. Boa viagem.

Fulano de Tal não entendeu muito bem aquele homem, nem exatamente o que pretendia com o que disse, mas como estava de

cabeça muito leve por ter certeza absoluta de haver atingido sua meta, apenas sorriu, fechou a porta e voltou à mesa para terminar o jantar.

No dia seguinte, assim que acordou percebeu que seu primeiro pensamento estava sendo sobre o tal homem que tocara a campainha ontem à noite. Bom, deve ser alguém que sabe ler pensamentos, claro, só pode ser isto. É curioso ele ter negado que eu tenha atingido minha meta... E aí começou uma muito pequena dúvida a fazer um pouquinho de sombra na sua certeza. Não, bobagem! Que ele possa ler pensamento, é coisa certa, e tem seu mérito, evidente mas daí a poder julgar se atingi ou não minha meta, isto é que não. À meta de Fulano de Tal foi traçada quando tinha quinze anos. No dia de seu aniversário, estava passeando em um parque sem ter o que fazer, mas cheio de insegurança, cheio de pensamentos sobre como deveria ser sua vida. Cheio de insegurança. Cheio de pensamentos... De repente viu no galho de uma árvore um passarinho azul muito ocupado em coçar as penas com o bico. Levou o maior susto de sua vida! Nossa! Como esse passarinho está certo! Ficou olhando o passarinho por um tempo enorme, não conseguia parar de olhar. Puxa vida, como ele está certo! Era só isso que conseguia pensar. Realmente não tinha a menor idéia porque achava que o passarinho estivesse certo. Mas tinha uma certeza estranha de que estava certíssimo. E tomou naquele momento uma decisão que seria sua meta: Vou ser um homem feliz! Vou ser feliz como um passarinho!

E começou a juntar pedras para a construção do seu palácio de felicidade. Seria um palácio maravilhoso e ultrafortificado onde poderia viver livre e feliz como um passarinho. Não, não passou sequer por sua cabeça a idéia de dominar os outros, de ser poderoso. Mas sabia que se não construísse seu palácio-fortaleza, as pessoas não

iriam deixar que fosse livre e feliz. Era ainda um jovem de quinze anos mas já tinha visto o suficiente sobre o que as pessoas fazem para não deixar a gente ser livre e feliz. As pessoas querem que a gente seja igual a elas, que tenha os mesmos gostos, que pense da mesma maneira, que acredite no que acreditam, que tenhamos as mesmas ambições. A ambição do jovem Fulano de Tal não era muito comum. Querer ser livre é uma coisa, pensava. E via que no fundo todos os que conhecia, inclusive seu pai e sua mãe, queriam ser livres. Mas ter a ambição de ser livre, era coisa muito diferente. Dedicar uma vida inteira, se preciso, para atingir a meta da liberdade total, já percebia que era coisa para muito poucos. E assim, se não construísse um palácio-fortaleza, tinha certeza que não atingiria a meta, era fatal que os outros não iriam deixar mesmo. Seu palácio-fortaleza foi construído dos quinze aos quarenta anos. Durante esses vinte e cinco anos, Fulano de Tal vendeu sistematicamente todas as suas liberdades. A rigor, só fazia coisas que não gostava de fazer. Tinha vontade de esbofetear certas pessoas, mas continha-se e lhes dizia palavras que elas queriam ouvir, sentindo-se assim duplamente desprezado: por essas pessoas e por si mesmo. Trabalhava duro em trabalhos que só davam alegria de realização e lucro aos que o contratavam. Mas economizava doentamente os salários, comendo menos e nunca o que queria comer, morando muito pior que os colegas, vestindo-se sem nenhuma elegância mesmo gostando de roupas bonitas. Era o que sabia poder fazer para construir seu palácio-fortaleza. Não tinha talento para negócios. Ou talvez tivesse muito pudor em levar vantagem sobre outros. Não, não era exatamente pudor o que impedia Fulano de Tal fazer negócios, de ganhar bastante dinheiro e bem depressa. Para ser um homem de negócios sabia ser preciso acreditar

na vantagem, no lucro, como um fim em si. O homem de negócios continua sedento por lucros, por vantagens, mesmo quando já está riquíssimo ou velhíssimo. A rigor, o homem de negócios gosta mesmo é de ganhar. Gosta de ganhar, de levar vantagem sobre alguém. Ele pensa que o dinheiro, a riqueza é sua meta, mas não é. Do contrário pararia de fazer negócios, de levar vantagens quando já estivesse muito rico ou muito velho, etc... Fulano de Tal percebeu isso muito cedo. Ou melhor, percebeu em si mesmo que isto de ter de ficar a vida toda levando vantagem, lutando por lucro, seria um obstáculo à liberdade que pretendia como meta. Ser escravo da esperteza! Levar a vida toda atento para não ser passado para trás e para estar sempre ganhando, não, isso lhe parecia uma terrível condenação. Não há liberdade nesse caminho. Por isso foi construindo seu palácio-fortaleza devagar, pedra por pedra, preferindo tirar mais de si mesmo através de economizar inclusive no quase indispensável para sobreviver, preferindo isto a ter que tirar dos outros por meio de negócios. Foi uma carreira dura e só de sofrimentos. Vinte e cinco anos, sua mocidade inteira, vivendo sem liberdade com o objetivo de conquistar a liberdade. E agora finalmente havia chegado à meta pretendida. Era um homem com segurança econômica. Não precisava trabalhar para ninguém. Não precisava agradar ninguém. Não precisava fazer nada que não quisesse fazer. Seu capital estava bem aplicado, de maneira segura e permanente. O dinheiro que juntara duramente durante vinte e cinco anos agora trabalhava para ele. Seu palácio-fortaleza todo construído, prontinho. E já estava morando lá. Agora iria começar a ser feliz. A ser livre como o passarinho que vira aos quinze anos no parque. Era um homem livre para fazer livremente as coisas que queria fazer. E duas coisas principalmente queria fazer

desde os quinze anos. Pintar livremente e amar livremente. Sempre quis ser um pintor, mas jamais aceitaria a escravidão de ter que agradar os donos de galerias de arte e de museus para expor seus quadros ou ter que fazer concessões para vender, concessões na própria arte ou na sua personalidade. Assim, não valia a pena ser pintor. A arte para ele era um ato de liberdade. E também o amor assim deveria ser. E agora finalmente poderia amar, poderia amar e ser amado sem precisar agradar às mulheres, subornar as mulheres com elogios, presentes, jantares, etc... Poderia ser livre com as mulheres, ser livre, ser sincero, ser verdadeiro consigo mesmo e com elas. E foi então que novamente voltaram a tocar a campainha de seu palácio-fortaleza.

O senhor de novo?

Sim, vim saber se pensou no que disse outro dia?

Pensei sim. O senhor me disse que eu não havia atingido minha meta, não foi?

E o que acha hoje? Atingiu ou não?

Aí Fulano de Tal levou um susto. Olhando melhor para o visitante, percebeu que era um passarinho. Sim, o visitante era um passarinho.

Espere um pouco. Foi o senhor mesmo que esteve aqui outro dia?

Foi, por que?

Por nada. Apenas me pareceu que era um homem e não um passarinho...

Sou sempre o mesmo embora esteja sempre mudando. Talvez não tenha prestado muita atenção.

Talvez. Vamos entrar.

Está bem, hoje disponho de mais tempo. O senhor tem uma casa muito bonita.

Gostou?

Muito. Gostaria de viver aqui, se eu gostasse de gaiola...

Gaiola?

Sim. O senhor construiu uma bela gaiola. É muito bonita, mas como já disse não gosto de gaiola. Nenhum passarinho gosta de gaiola, o senhor sabe, não é?

Quer um pouco de alpiste?

Não, obrigado. Mas ainda não respondeu se é ou não é um homem feliz como um passarinho?

Bem, eu nunca disse que já sou feliz. Disse outro dia apenas que havia atingido minha meta.

E sua meta não era a felicidade?

Era e é. Mas a meta a que me referia na sua primeira visita era a mela do palácio-fortaleza e esta, como o senhor pode ver, já está atingida.

E a felicidade?

Bem, agora já tenho condições para ser feliz. E vou começar a semana que vem. Faltam alguns pequenos detalhes de acabamento. Meu estúdio de pintura ainda está incompleto, precisa iluminação adequada para quando quiser trabalhar à noite, mas é coisa simples, amanhã mesmo fica pronto e ainda não comprei telas e pincéis e tinias, isto é, já comprei, mas só vão entregar na semana que vem, essas coisas.

Só isso que falta?

Bem, falta também a mulher que vou amar. E que também só chega na semana que vem.

E. Como planejamento, parece correto. Mas veja: eu não sou feliz como um passarinho, sou *apenas* um passarinho! Nunca sonhei com felicidade. Já sofri muito, ma nunca me senti infeliz. Passarinho não se preocupa com essas coisas, o senhor sabe, não é?

Espere um pouco. O que foi que o senhor disse? Um passarinho não sabe que é feliz como um passarinho?

Para ser franco um passarinho nem sabe que é um passarinho, não sei se entende o que quero dizer?

Então, qual a vantagem em ser passarinho, isto é, em ser feliz como um passarinho?

Mas quem foi que disse que passarinho é feliz?

Ora, todo mundo sabe disso. Passarinho é o ser mais livre que existe. Não trabalha, não é escravo de ninguém, voa para onde quer, vive cantando...

Sim, mas temos também nossos problemas.

Já sei, os meninos com suas pedras, as gaiolas, o inverno, a poluição do ar, procurar alimento...

Pois é.

Quer dizer que os passarinhos também são infelizes?

Quem foi que disse que os passarinhos são infelizes?

Eu estou perguntando. São ou não são?

O senhor o que acha?

Sabe de uma coisa, já não acho mais nada. O senhor veio à minha casa só para me perturbar, não foi?

Não, vim apenas para saber se já tinha pensado sobre o que lhe disse outro dia. Ou seja: não creio que já tenha atingido sua meta de felicidade... Já sei, já sei, desculpe, somente na semana que vem é que vai começar a ser feliz pois já tem tudo arranjado, etc...

E o que há de errado nisso?

Em começar a ser feliz a semana que vem? Isto é com o senhor. Mas cuidado com a saúde.

O senhor está querendo sugerir que eu possa morrer antes de começar a ser feliz? Ou mesmo ficar cego ou paralítico, etc? É isto que está sugerindo? Pois saiba que se eu morrer não tem importância pois terei morrido em estado de felicidade, de liberdade. E se ficar paralítico ou cego ou o que for de muito grave, também não faz mal porque um homem realmente feliz não irá sentir essas coisas como sentem os infelizes.

O senhor tem certeza de que está pensando com clareza?

Está sugerindo que eu esteja ficando meio...

Bom, não disse isto. Mas quando estive aqui outro dia para trazer a caixa de vinhos que havia encomendado e o senhor compreendeu mal minhas palavras...

Que palavras?

Eu lhe disse que infelizmente não tinha vinho rose e havia trazido vinho branco, se aceitaria assim mesmo, etc. Mas o senhor entendeu diferente e insistiu que eu lhe falava sobre o senhor não ter atingido sua meta. Mas não liguei muito, embora tenha achado meio esquisito. Enfim, o senhor aceitou a encomenda, pagou direitinho e portanto fui embora. Mas hoje quando vim saber se queria comprar uns queijos suíços muito especiais que acabei de receber e o senhor começou a falar comigo como se eu fosse um passarinho, confesso que... bem, não estou dizendo que o senhor esteja meio... o senhor entende, não é? Não é isso mas, sei lá... Bom, até outro dia. E desculpe o mau jeito.

Dizendo essas coisas, o visitante trepou na janela e ficou ali um pouco olhando o céu, como se escolhesse algum rumo. De repente, bateu asas e voou.

## *A TESE É MUDAR DE TESE*

---

Dora me telefonou perguntando se estou a fim de uma pizza hoje à noite com ela, o novo namorado e o bonitinho que está cada vez mais apaixonado por você, Michele.

Acho que vou sim, te ligo para confirmar no fim da tarde, agora estou correndo para nova reunião com o Japuí. Sabe que ele é um amor? Só agora que estou percebendo. Já «ei, estou cansada de saber que você não gosta dele, sei que vai escolher o professor Onoratto para seu orientador, eu te ligo assim que sair da reunião, ok?

Um minutinho, Michele: o seu admirador, o bonitinho da semana passada... Quem?

Ah, Michele, onde você está com a cabeça? Aquele meu novo amigo que jantou conosco e você esnobou um pouco, já esqueceu?

Ah, sei. O que tem ele?

Está cada vez mais apaixonado por você. Me contou que a avó dele era contralto e conviveu com Bidú Sayão, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e que Villa Bobos gostava muito da voz dela, etc.

Ótimo, Dora, dê um beijinho nele por mim, mas agora estou mesmo atrasadíssima, é a tal lese com o Japuí, te ligo assim que sair de lá...

Michele, mais um minutinho, não temos mais conversado sem correria, falado com calma como antes, lembra? Mais duas coisas só:

você continuou escrevendo aquele conto ou coisa parecida, que tinha começado?

O que?

Nossa! Assim, nessa afobação, você vai acabar ficando estressada! Já esqueceu também que você me deu umas páginas para ler?

Hoje à noite a gente conversa sobre isso. Prometo.

Tá bom, me promete também que a gente vai achar um tempo para conversar sobre seu pai? Ou você já se esqueceu dele também?

Não, não brinca com isso, Dora. Acha que vou esquecer desse problema? A gente conversa sobre o papai também, claro... talvez até eu faça uma consultinha com relação ao problema do papai, uma consultinha com seu namorado advogado... Como é mesmo o nome dele?

Jorge. Ótimo, então está combinada a pizza para a noite?

Está, tchau. Te ligo assim que sair da reunião com o Japuí.

Japuí agora está dizendo para Michele: os degredados de Portugal, egoístas e predadores, desembarcaram aqui para pilhar tudo que tivesse jeito de tesouro e além da fome de ouro e pedras preciosas, tinham uma sede insaciável de matar ou escravizar nossos índios. E assim, Michele, como você sabe, estavam já lançadas as sementes de nosso atraso ético e econômico. E os Senhores de Engenho de São Paulo e depois de Pernambuco, não eram nada daquilo que Gilberto Freire adocicou para tirar a culpa, para desculpar os senhores da casa grande na relação com os torturados negros das senzalas. E, por extensão ideológica, isso vale igualmente para os Barões do Café e mesmo para os Bandeirantes paulistas. Esses, então, predaram, arrasaram totalmente a cultura magnífica, maravilhosa dos primeiros

habitantes do Brasil... Bem, Michele, antes de qualquer troca de idéias mais acadêmicas, rigorosas, entre aluna e professor, fiz esse discurso um tanto inflamado para a gente não perder de vista os pontos centrais que, a meu ver, caracterizariam uma tese de antropologia em terras brasileiras... Gostou do discurso? Acha que ficaria bem num palanque ou na televisão? Acha que posso me Candidatar ao cargo de, digamos, patriota de plantão? Rá, rá, rá, rá, rá...

Sem dúvida! O discurso foi ótimo. Mas acontece que só poderei votar em você depois de alguns esclarecimentos.

Estou ouvindo.

Ok. Vamos lá. Minha avó paterna, Ana de Moraes Preto, é descendente direta do bandeirante Manuel Preto. E sua família é de fazendeiros em São Paulo e Minas há dezenas de gerações. E, talvez por razões sentimentais, gostaria também de fazer meu rápido discurso de abertura... Mas antes de começar, Michele lembrou-se, de repente, que papai virou intelectual e escritor rebelde, por influência da vovó, que morreu quando eu tinha sete anos... Vovó Ana era uma anticlericalista entusiasmada. Claro, vivia lendo Voltaire... Pois é, professor: Vovó insistia com paixão que seu, meu também, antepassado Manuel Preto não era assim apenas um vilão. E sem ele, sem suas bandeiras para o sul, o Paraná e Santa Catarina hoje não seriam Brasil. Sempre me pareceu exagero rotulá-los como nódoas de nossa História, bandidos que só sabiam matar e escravizar índios e roubar tesouros. Me perdoe professor, mas não consigo deixar de ver um certo maniqueísmo nessas afirmações tão categóricas. Afinal de contas, Zoroastro e depois Manes, lá no Irã, antes e logo depois de Cristo, já foram modernamente criticados como dualistas fanáticos, como maniqueístas que, na dialética entre luz e escuridão, diziam que

a luz é o Bem supremo e a falta de luz, o Mal absoluto. Por isso, não creio que os Bandeirantes fossem assim só egoístas e cruéis, sem nem um pouco de bravura, de coragem e mesmo, por que não, de heroísmo... A vovó anticlericalista dizia que o que Manuel Preto mais gostava de matar não eram índios e sim jesuítas! Sendo, por isso, um precursor do Marquês de Pombal, que expulsou os jesuítas do Brasil. Sob o ponto de vista deles, os jesuítas tinham razão em propagar que Manuel Preto e Raposo Tavares eram a essência da maldade, o mal absoluto. Mas é claro que tanto os portugueses como os jesuítas espanhóis que aqui chegaram, disputavam terras e índios. Os portugueses para explorar no plano econômico, egoísta e predador. Os espanhóis, para colonizar, fundar colônia religiosa e usar os índios como escravos espirituais. Os jesuítas, sabe-se, fundaram Missões de maneira expansionista para que todas as terras encontradas pelos portugueses passassem para a santa coroa espanhola. E, felizmente, nem Manuel Preto, nem os santos discípulos de Inácio de Loyola conseguiram escravizar nossos índios por muito tempo. Ótimo. Agora, tanto quanto você, professor, detesto comportamentos claramente fascistas ou mascarados. Me deixa louca da vida também qualquer forma de carneirismo diante do poder instituído, nosso pouco entusiasmo para questionar colonialismos vampiros... Só acho que os bandeirantes, apesar de egoístas, aéticos, etc., nos deixaram um belo e rico país-continente que todos os países, digamos, democraticamente puros, invejam e estão sempre querendo dominar para estender sua limpa democracia imperialista... Agora, encerrando meu discurso, com um pouco de muita dúvida: Professor Japuú, me oriente porque já não estou mais suportando antropologias infectadas de, digamos, um

Rousseau piorado e beirando as idéias filantrópicas, a simples caridade...

Ok. Gostei do discurso. No que eu puder te ajudar...

Ah, mas ainda não terminei. Quando vinha pra cá, tive uma idéia para a tese. Veja o que você acha: seria sobre a tensão dialética entre o bode-expiatório e o herói. E isso não só como fato constante, mas como realidade dominante do processo histórico desde os chamados primitivos até os dias atuais. E acho que daria para chamar o herói de gênio e a tese seria centrada na gangorra: gênio e mártir, gênio e bode expiatório, etc. Não, não vou cair nas idéias fascistas sobre herói, sobre gênio... Por que hoje podemos ver com clareza que sucesso, prestígio, mitos, reconhecimento de valor, são criados e destruídos e recriados o tempo todo pelos mecanismos econômicos, políticos... Ora no topo da montanha, ora no fundo do vale, e vice-versa. Levy Strauss, lembra-se, descreve genialmente aquela seqüência de sugestões psicológicas ritualizadas visando o isolamento total e conseqüente morte "natural" do indivíduo que foi desacreditado pelo grupo...

Ok. estou gostando... mas é que amanhã à noite embarco para um Congresso na Venezuela, minha mulher vai comigo e quer dar uma esticada no tempo para a gente descansar ali por aquelas ilhas do Caribe, talvez dar uma chegadoinha em Cuba... Enfim, desculpe mas só daqui a uns vinte dias poderemos fazer a próxima reunião. Até lá, vê se não esfria esse seu charmoso entusiasmo adocicado com dúvidas... Mas atenção: Antropologia é pesquisa e comparação! Desenvolva sua idéia, mas com os pés no chão! Sem muita especulação filosófica, ok? Assim que voltar, te telefono...

## *NUNCA ESTEVE TÃO CONTENTE*

---

Eu não acredito! Será que também já estou metida até o pescoço nesse maluco tipo de vida faminto de tempo? Onde só existe o presente e os dias precisam ter quarenta e oito, setenta horas e estas passam mais rápidas que os minutos... Temos cada vez mais informações e compromissos. E cada vez menos tempo para compreender. Dora já está no meu celular querendo saber tudo de ontem, quer que eu conte com detalhes a relação sexual com o bonitinho amigo dela que me trouxe para casa.

Dora, você me acordou, mas tudo bem. Depois de te contar sobre minha maravilhosa e inesquecível noite de amor, preciso te dizer que tenho dois outros assuntos ótimos, para mim e para você... Olha, ontem à noite, o Pedrinho me trouxe sim para casa. A conversa, digamos, intelectual dele até que eu gosto, um pouco ingênua, mas ele é criativo, me disse que está num curso para se tornar roteirista de cinema, está animadíssimo com isso, falou quase o tempo todo só dele, essas coisas que você sabe.

Quando eu já ia descendo do carro, em frente de casa, ele teve coragem de me beijar. O beijo até que foi bom, mas sua mão na minha estava muito suada, ele parecia ter medo de mim, parecia estar praticando esporte-de-risco, estar arriscando a vida pelo prazer da adrenalina... é verdade, você está rindo? Por que tanto medo? Será que é culpa minha?

Claro que não, sua boba! Tenho certeza que com outras ele deve ficar bem à vontade e deixar o desejo dele e nosso ser só prazer...

É mesmo? Como é que você sabe?

Michele, ele está apaixonado. Parece até que você nunca se apaixonou... Agora me fale dos dois assuntos ótimos para mim e para você, estou morrendo de curiosidade.

O primeiro assunto que preciso conversar com você, não dá mais para adiar, talvez seja importantíssimo só para mim...

Fala logo, Michele, pare de rodeios!

Pois é, vou direto ao ponto: Estive com papai. Ele está bem, alugou um apartamento, conversamos durante mais de uma hora nesse apartamento...

Seu pai está vivo e bem e você esteve com ele, nossa! Essa notícia é fabulosa, estou contentíssima. Me conte mais.

Te conto sim. Mas vai ser bem resumido. Amanhã vamos almoçar juntas e filtrar tudo direitinho... Não é filtrar o conceito que aprendemos com o professor Japuí? Adoro esse termo. Quem não filtra as conversas, os acontecimentos depois que acontecem é como se comesse pela boca-pelo-nariz, sem digerir, é ou não é?

Seu pai vai voltar pra casa?

Acho que ainda não. Só me pediu que não desse à mamãe o número do celular dele.

Michele, só uma pergunta. Sempre quis entender direito. Veja bem: seu pai se ausentando tantas vezes e por tanto tempo do lar, da casa, das responsabilidades com a família, ele não corre o risco de sofrer, sei lá, um processo? O Jorge, meu namorado, que como você sabe é advogado...

Dora, eu não conversei nada dessas coisas com papai...

Mas e o sustento da casa, da família, como ficou até agora?

Tudo sem problema. Até quanto eu saiba, papai deixa tudo isso a cargo de uma administradora que deve ser séria e correta. A tal administradora lida com os imóveis dele, faz novos investimentos, aplicações em ações, essas coisas. E também, acho que há uma conta especial num banco onde mamãe saca mensalmente o suficiente para as despesas com a casa, comigo e com ela mesma. E essa última despesa imagino não ser nada pequena, ela não pode se queixar e porque iria...

Agora, Dora, minha adorada amiga, o mais saboroso e sensacional dos dois assuntos urgentes que queria falar com você. Está sentada? Relaxe bem: daqui uma hora, exatamente às onze, sabe quem vai me receber na casa dele?

Michele, se você fizer mais um suspense, eu desligo o telefone. Estou falando sério!

Pois é, Dora querida, ontem nem deu tempo de te contar, ia levar o jornal para que visse meu nome impresso: "entrevista concedida a Michele Pomar". Mas esqueci. É isso mesmo, minha primeira matéria já foi publicada e ficou direitinho como escrevi, o Galhardo não precisou mexer numa linha, nada, estou contentíssima! E agora o melhor: estou vendo com ele se consigo publicar qualquer semana dessas uma matéria, não muito longa, é claro, sobre seu último livro, que tal?

Você está brincando?!

Não. Vamos torcer, eu acho que vou conseguir.

Falando nisso, Michele você já escreveu mais páginas como aquelas poucas que me mostrou outro dia?

Não. Ultimamente o tempo anda escapando da minha mão. Não consigo entender porque.

Claro, estão te acontecendo uma porção de coisas boas. Ou estou enganada? Você está excitadíssima! E a visita à casa da pessoa misteriosa que vai fazer daqui a pouco, também é coisa boa para mim como essa última de uma nota no jornal sobre meu livro? No caderno cultural mais prestigiado do Brasil...

Dora, às onze horas, Eugênio Charmon vai me receber na casa dele. Acredite se quiser!

## *EUGÊNIO CHARMON CONVIDA*

---

Mamãe fez de tudo para conhecer pessoalmente Eugênio Charmon. Foi em Paris há alguns anos. Nesse tempo, papai já não viajava mais com ela, nem freqüentava estréias de teatro, vernissages, concertos, filmes e restaurantes da moda, essas coisas. Mamãe estava hospedada no George V como faz sempre. Esse hotel, me disse, fica perto da Avenida Champs Elisées e pertíssimo do restaurante Fouquets. E ali estava, numa daquelas mesinhas da calçada, tomando vinho com uma mulher, o escritor Eugênio Charmon, Lai vez representando seu papel preferido de famoso desconhecido. Mamãe que passava por ali, fazendo hora para encontrar uma outra brasileira aqui de São Paulo no Ladurée, não teve dúvida. Viu rápido que a mulher junto a Eugênio Charmon, de uns quarenta e poucos anos, bonita e muito elegante, era mais ou menos sua conhecida ou talvez amiga de uma amiga e parou em frente. Disse alô, houve um certo embaraço inicial, Eugênio Charmon fingiu entediado e sua parceira de mesa se sentiu mais segura... Mamãe é muito boa nessa arte de aproximação firme, quase sem erro, ela tem o maior orgulhei disso. Foi logo dizendo que tinha um encontro em minutos com uma amiga no Ladurée, havia mais uma cadeira foi sentando e pedindo com os olhos para ser apresentada a Eugênio Charmon enquanto dizia, de

maneira discreta, ter lido varias vezes o seu romance A Morte do Deus Amor. Mas na realidade, mamãe nunca leu e conhece até nos detalhes, porque eu sou louca por esse livro genial e vivia só falando nele. E também, é claro, por esnobismo. Qual sofisticado ou que finge ter alta cultura, conhecer a melhor arte, essas coisas, tem coragem de dizer não ter lido A Morte do Deus Amor? Mamãe contou que, cinco minutos depois, levantou e despediu-se de Charmon e da sua quase amiga. Só que, ainda segundo ela, tinha levado a tal rápida conversa para hotéis de Paris, falou que onde estava, um de 4 estrelas, não haviam trocado as toalhas de banho e assim, por astúcia e um pouco de sorte, ficou sabendo que Eugênio Charmon estava no hotel Sorbonne, de apenas 2 estrelas, na Rive Gauche. Telefonou no dia seguinte, teve mais uma vez sorte, Charmon atendeu e combinaram tomar um verre de vin no Café Flore. Mas na noite anterior, ficou até tarde sem dormir comparando Charmon com seu marido. Mas porque o meu Eugênio não é igual ao Eugênio Charmon? Não, ele vive escondido, vive falando mal ela mídia e dos editores, acha que fora ele, nenhum escritor é bom demais, sempre encontra defeitos até no Borges, no Joyce, no Paulo Coelho. Por esse então tem total desprezo. Acha que é apenas um missionário religioso de direita e só é o maior best-seller internacional porque a mídia tornou todos os leitores elo mundo tão ignorantes como a própria mídia, enfim... O meu Eugênio é muito ressentido, coitado! Antigamente conseguiu, a duras penas, publicar por conta própria uns três ou quatro livrinhos que eu, pessoalmente, fui distribuir nalgumas livrarias. Fracasso total, nem os amigos compraram, não saiu nenhuma notícia nos jornais, e ele até hoje não tem coragem de olhar para si mesmo e dizer: fracassei! Claro que meu marido sofre ele complexo de inferioridade, de autofagia ou

auto-antropofagia. O marido da minha amiga Chinha é sociólogo, isso que a Michele está querendo ser. Sei que ficou rico com sociologia, é o presidente para o Brasil de uma poderosa multinacional americana de cigarros. A Chinha aprendeu essas palavras difíceis com o marido dela. E o pior é que meu marido vive me culpando de todos os fracassos dele e sou até culpada das dores de dente e dos seus probleminhas gástricos. Quem tem marido, claro que sabe bem dessas coisas chatíssimas, insuportáveis. Bem, mas alguém lá no céu é testemunha de toda essa crueldade de pôr a culpa justamente na pessoa que sempre mais ajudou ele. Sou sempre a bandida e ele o mocinho da história. Pode? Agüentei calada durante todos os anos que estamos casados. E mais de uma vez chegou a me bater! Mas a Michele não sabe disso, sempre escondi dela... Um dia, comecei a reagir, passei a enfrentar ele de cabeça erguida, cheguei mesmo a lhe dar dois belos e fortes tapas na cara, seu nariz sangrou e, incrível, não reagiu, ficou mansinho. Daí em diante, nunca mais levantou a mão contra mim, mas aumentou a carga de ofensas e palavras agressivas e a fazer psicanálise primária e ridícula das causas do meu comportamento e sempre concluindo da maneira típica do perdedor ressentido: não adianta, você não vai mesmo entender nunca, nunca desenvolveu auto-consciência, só sabe ver defeitos em mim enquanto estou apenas te ajudando a deixar de ser medíocre, etc. A Michele ignora tudo isso, pensa que são brigas rotineiras de marido e mulher. Claro, desde menininha o meu Eugênio faz tudo para agraciar ela. Que filha não iria gostar disso? Ultimamente, ele começou com essa bobagem de fugir de casa e voltar de novo feito um adolescente desorientado e volta sempre esperando que vou tratar ele com carinho ou respeito... O que existe mesmo de verdade é isso: o meu infeliz e

pretensioso Eugênio construiu uma cama de faquir para si mesmo, uma cama de tábua, sem colchão e com dezenas de pontas agudas de pregos enferrujados para sangrar seu corpo magro e impotente. Pois é ótimo! Que durma então nessa cama enquanto for um ressentido, um masoquista incurável e que Deus tenha piedade do meu Eugênio. Porque eu não tenho mais, chega! Hoje nem sei mais se sinto ódio ou pena ou amor por ele. Às vezes imagino o meu Eugênio como um molusco sem casca. Ele é irritantemente indefeso. Praticamente não tem amigos. Não consegue assumir nenhum papel social. E o pior, nessas pessoas assim fracas, é o orgulho. Não sei do que! Não permite que eu nem ninguém ajude ele. Já são três da manhã e ainda não consegui dormir. Este maldito e caríssimo hotel, além de não trocar as toalhas todos os dias, tem a pior cama que já deitei em toda a vida... Bem que o meu marido poderia ser um escritor como o Eugênio Charmon. Coitado do meu Eugênio, sei que sofre com tudo o que digo pra ele, que é um medroso que se esconde embaixo da saia da mãe, etc. Falo tudo isso, mais para provocá-lo, para ver se reage, se cria coragem, para ver se mostra pra mim que é um homem de verdade, de talento, de valor como o Eugênio Charmon. Faço isso para o bem dele... mas o meu marido já nasceu um perdedor! Mamãe deve ter encontrado Eugênio Charmon, socialmente, em São Paulo várias outras vezes. Como ela diz, são amigos não muito próximos. Mas amigos e assim telefonou pra ele, falou o que contei pra ela mais ou menos, falou que estou escrevendo uma tese de pós-graduação para a faculdade e que é sobre antropologia. Disse que o assunto, como é verdade, nada tinha a ver com literatura, era só antropologia. Eu poderia ser uma jornalista querendo, disfarçadamente, entrevistá-lo. Ele nunca dá entrevista. Não dá e não vende. Mamãe disse que sou

linda e inteligentíssima, não disse que estou trabalhando num jornal! Ele concordou em me receber por uma meia hora na sua própria casa. E sabe onde mora Eugênio Charmon? No mesmo bairro em que moramos e também há muitos anos, não é incrível! Nós moramos no Morumbi, perto da Casa da Fazenda. E ele, mora perto do Jardim Vinícius de Moraes. É uma casa pequena, como uma cabana de pedra e madeira na parte alta de um terreno relativamente grande, cheio de árvores e jardins, que comprou por quase nada quando os terrenos do Morumbi ainda estavam quase todos desertos, etc.

## *AMIGA COM CIÚME*

---

Hoje apareceu na coluna social do próprio jornal em que Michele está trabalhando, e ela nem leu, uma fofoca que dizia o seguinte: Clarisse Severo, atriz querida da crítica teatral e que celebrou anteontem no Le Gourmet, vinte anos de magnífica carreira, estava bem mais que eufórica na pizzaria Forchetta D'Oro ontem à noite. Uma amiga, cujo nome pediu para não ser mencionado, revelou que a bela atriz explicava, tentando se conter, que a notícia sensacionalista que se espalhou pelo Brasil inteiro, sobre ela voltar a viver com Eugênio Charmon, é inverídica e maldosa. Em seguida, ainda segundo essa amiga, praticamente gritou para que todos no restaurante lotado ouvissem: "Eugênio Charmon é bem mais velho do que parece! Eugênio Charmon é o homem mais indesejável que já tive o desprazer de conhecer!" E Michele me contou que antes de sair de casa, ligou para Eugênio Charmon, queria confirmar o encontro, estava super ansiosa. Ele disse não ter entendido direito essa história de tese de antropologia, afinal de contas não sou antropólogo, não imagino em que poderia te ajudar... seu nome é... Michele me disse que seu corpo tremia inteirinho, chegou a gaguejar quando falou o nome. Morria de medo de estragar tudo, só por nervosismo, timidez. Além do mais, ainda não tinha inventado direito a idéia de escrever uma tese centrada na dialética, na dinâmica entre herói o bode-expiatório, E no caso, tentaria falar com Eugênio Charmon sobre se

ele acharia viável uma tese sobre o escritor como herói, em oposição ao escritor como bode-expiatório.

E aí, Michele também me contou que Eugênio Charmon é a pessoa mais aberta, transparente, comunicativa que já conheceu. Ele mesmo foi ao portão do jardim que dá para a rua, sorrindo e dizendo meio brincando: sua mãe está certa! E parou de falar, fazendo cara séria. Michele então ficou meio sem jeito e perguntou: certa porque? E Eugênio Charmon: muito certa! Sua mãe está certíssima. Michele a essa altura já estava ficando confusa. Charmon ali sério na sua frente, não pedia para ela entrar, não voltava a sorrir. De repente, estendeu a mão, apertou a de Michele com carinho e: por que você está aí parada e linda na minha frente? Não quer entrar? Pois é. Sua mãe me garantiu que você era bonita e inteligente até demais. No telefone agora há pouco, vi que você é de fato inteligente. Não inteligente até demais, claro. Você achou a casa com facilidade?

Ah, sim, nós moramos bem perto, já passei tantas vezes ali em frente, jamais poderia imaginar que aqui morasse Eugênio Charmon! Michele me conta que a casa, os jardins, as árvores, são o máximo, pelo menos para o gosto dela. E sabe que é ele mesmo, Eugênio Charmon, que cuida de tudo? Não tem nem caseiro, nem jardineiro, nem cozinheira, nem faxineira, nada. Ele vive praticamente sozinho... E aí acho que Michele já está idealizando um pouco demais. Quem não sabe que Eugênio Charmon nunca teve dúvida de que mulher é a coisa mais importante e indispensável e maravilhosa que a natureza criou? Achar que ele vive só é muita ingenuidade ou minha querida amiga já está querendo ir morar lá, cuidar da casa, cuidar dele, tudo estritamente como amiga, meio maternal, meio dona dele? Rá, rá, rá, rá. Michele é mesmo ótima! Mas sinto que já está achando Eugênio

Charmon muito mais que apenas bonzinho. Me disse que sua mãe, que de boba não tem nada, insistiu pra ela ter cuidado que Eugênio Charmon não é nenhum anjo, muito menos um fofo ursinho de pelúcia. Agora, Michele interrompe um pouco o que parece ia dizer sobre a casa de Eugênio Charmon e os detalhes de como foi recebida, para dizer: sei lá, acho mesmo que Charmon (já está chamando ele só de Charmon, daqui a pouco vai acabar dizendo: por que o meu grande amigo Charminho...), acho mesmo que Charmon não escreve igual a ninguém. E ninguém consegue escrever como ele. Não é mesmo? Por isso, dizer com ironia que Eugênio Charmon é um escritor de escritores, que só os escritores agüentam ler os livros dele, até que tem a sua graça. Veja, Dora: outro dia eu estava pensando nisso e achei a maior piada. Olha só que paradoxo delicioso: essa ironia ridícula, só prova o contrário do que pretende sugerir. Sei que você vai concordar comigo: Nestes começos do século vinte e um, quem não é escritor? Dona de casa que não tem nada de novo ou interessante a dizer, é escritora. Vendedores de crenças religiosas, são escritores. Bonitão de programa, que dá prazer à mal-amada que pagar direitinho, é escritor, Top Model, ainda menina, é escritora. Político corrupto, é escritor, jornalista é escritor, por ser jornalista. Psiquiatra é escritor, por ser psiquiatra. Ator de telenovela, que assumiu a homossexualidade, é escritor. Publicitário é escritor, por ser publicitário. Pedófilo, é escritor. Ex-mulher de campeão de tênis, é escritora. Estuprador, é escritor. Nestes emocionantes começos do século vinte e um, até escritor é escritor! E ou não é o que está acontecendo com aquilo que existe desde Homero, para ficarmos só na nossa tradição européia? Primeiro oralmente e depois por escrito, o criador de arte literária foi, com o tempo, se tornando conhecido e respeitado pelo nome de

escritor. E aí, depois de contar que Eugênio Charmon e ela ficaram quase uma hora conversando em cadeiras confortáveis de vime sob um terraço fresco, bebendo suco de lima com um pouquinho só de pinga e mostrar mais de seu entusiasmo pelo lugar, sabe que uma varanda coberta por velhas telhas coloniais circunda toda a casa? Aí contou que Eugênio Charmon disse assim: talvez você tenha encontrado a pessoa certa para falar sobre a idéia da sua tese... De fato, existem mesmo algumas categorias na chamada profissão de escritor. Há o realmente maldito, como Rimbaud que, denominou aqueles como ele, no fim do século dezenove. Há, é claro, os falsos malditos. E nessas duas categorias, já temos um claro jogo entre realidade e máscara. De acordo? Agora, há de maneira mais dialética, o escritor herói da literatura, como Pirandello, Proust, Joyce, Kafka, Balzac, Camus, Dostoievsky, Camões, Cervantes. Escritores que viveram para escrever. E há os que vivem de escrever! Vivem da literatura e não para a literatura, etc. Mas não vamos nos perder em subdivisões infinitas para abranger todas as gamas em que se classifica o bicho escritor. Por isso, acho que você colocou de maneira bem clara e direta o que pretende ser o tema de sua tese, ou melhor ainda, a tese de sua tese para a universidade: escritor-herói em vida, contraposto a escritor-bode-expiatório em vida. Acho ótimo esse tema, de grande alcance e inédito. Parabéns!

Obrigado pelos parabéns, não sei se mereço e também por você já ter acrescentado esse "em vida". Era o que me parecia faltar para ir em frente...

Ah, essa é demais: "não sei se mereço". Não que Michele seja do tipo horrível que se coloca sempre melhor, superior aos outros. Não. Mas essa coisa vulgar e fingida que chamam de falsa modéstia,

não combina mesmo com ela. Só se for para representar a menina boazinha, aliás, até que o jeitinho dela sugere isso, menina carente de carinho e pedinte de paternalismo. Incrível, como pode ainda existir hoje, mulher que não sabe farejar um lobo-mau quando vê um? Fingir de chapeuzinho vermelho é arriscadíssimo... Principalmente diante ele um especialista em sedução como Eugênio Charmon. Cansei de refrescar a memória dela com relação ao que Freud explicou há cem anos: a filha deseja o pai num amor impossível. Por isso projeta nos homens mais velhos que ela, o desejo infantil pela adorada figura paterna... E quando interrompo Michele sobre as maravilhas que contava do super-homem, o gênio dos gênios Eugênio Charmon, para novamente falar sobre isso, sabe o que ela me disse? Disse simplesmente que isso é bobagem, não passa de uma hipótese discutível, uni lugar-comum que ainda não se examinou com o rigor necessário. Todas nós mulheres, mesmo após conquistar o direito de não mais depender desses pobres machistas fracassados e talvez ainda mais agora do que nunca, gostamos de gostar dos homens especiais e de qualquer idade, desde que sejam diferentes dos tipos óbvios, todos iguais, previsíveis, monótonos, produzidos em série... E também não tem nada dessa coisa de inveja fálica. Veja bem: os homens de verdade, em toda a história da civilização, sempre gostaram muito das grandes mulheres, e não por serem apenas figuras maternas, o que elas nunca foram, e nem por inveja do seio ou da vagina, mas por serem plenamente mulheres, livres, difíceis de conquistar...

Pronto! Agora minha querida amiga já juntou a imaginação desejante ao desejo imaginativo e está, sem dúvida, apaixonada... Dom Juan ama somente ser amado, E têm o maior cuidado para não se apaixonar por cada uma das que seduz. Eugênio Charmon, claro, é

exatamente assim. Só não vê quem não quer, ou quem já não pode. Claro que ele é um ótimo escritor, Michele. Mas está longe de ser o gênio que você pensa que é. Cuidado para não se machucar! Essa coisa de retraído, de recluso, de que não gosta de publicidade pessoal, nunca dá entrevistas etc., é puro charme. E típico da estratégia de quem se esconde para melhor aparecer e evitar o desgaste da imagem, etc. Mas aí, ela me explicou isto: Charmon me contou que seu editor é livre para criar os charmes, os truques, as grifes publicitárias que quiser. A independência do Charmon como escritor, Dora, a independência e a autenticidade dele, estão na coisa mais simples possível: Charmon só escreve como e quando quer. Só escreve se está estética e eticamente motivado. E nunca quando editores, e-mails, a última moda do mercado editorial ou os temas pseudohumanitários que sempre impressionam o sentimento piedoso dos leitores, nunca quando essas coisas provocam. Charmon acha que saber resistir às provocações ou seduções, é prova de sabedoria e faz muito bem à saúde. Michele me conta tudo isso em dois ou três telefonemas. Realmente está super entusiasmada com seu super herói Charmon. Às vezes precisei pedir que fizesse uma pausa para respirar. Senão poderia perder o fôlego ou misturar demais as idéias, as coisas. Atropelava um pouco o sentido do que queria me dizer, ela chegou até a engolir metade de algumas palavras. Certas partes precisava pedir que repetisse, pois só parecia claro e coerente para ela. Mas me pareceu uma ansiedade saudável, apesar de eu nunca ter visto Michele assim tão quase fora de si. Se não dividisse comigo sua alegria, se não tornasse comum com alguém aquele exuberante desejo de vida, poderia até partir para o álcool ou drogas... Claro que estou exagerando, ela detesta fraquezas, apoios fáceis, paraísos artificiais,

compensações doentias, auto-destrutivas. Mas vai, dar tudo certo! Desde que ponha a cabeça no lugar. Desde que não deixe os pés saírem tanto do chão firme.

## *O CHARME DE CHARMON*

---

Tenho impressão que Dora está realmente preocupada comigo. No telefone, deu a entender várias vezes que preciso por os pés no chão. Como se algum dia eu tenha sequer sonhado em ser um Sancho de saia, prisioneira do senso comum, da rotina, contente em viver uma vidinha repetitiva e igualzinha à de todo mundo. Como se isso pudesse dar alegria a alguém. Bom, talvez essas pessoas vivam bem, sintam-se seguras por ter o presente e o futuro determinados por valores e crenças e hábitos e costumes sempre iguais. Mas para mim, seria uma camisa-de-força, uma prisão perpétua, a pena máxima. Sei lá... O fato é que voltei à casa de Charmon no dia seguinte. E isso, por enquanto, não vou contar pra Dora. Seria, talvez, abusar da amizade com assuntos ou sucessos que só dizem respeito a mim. Eu realmente não sou ninguém, e Charmon, o escritor melhor do Brasil, quis que eu voltasse à casa dele no dia seguinte. Quando criança eu tinha certeza de que era feia como uma bruxa. Mamãe sim era linda. Claro que sempre existem aqueles que dizem ela é uma princesa, é bonita como um anjo, essas coisas, mas sempre me vi feia. Uma bruxinha sem graça, bobinha, invisível. Ontem, deixei com Charmon, um conto escrito há muitos anos pelo papai. Tinha levado escondido na bolsa. Quando ele falou que se não tivesse coisa melhor pra fazer, poderíamos continuar essa ótima conversa amanhã, aí fiquei com coragem e entreguei o tal conto que papai teria rasgado se eu não

escondesse e marcamos para as onze horas de hoje. Novamente me recebe no portão e antes de qualquer como vai, vou bem e você, etc. foi logo deixando evidente ter gostado do conto, E você vai fazer uma coisa assim que sentarmos lá na sala, hoje está ventando muito, parece que vai chover, lá dentro é melhor...

O que você quer que eu faça?

Bem... caso te dê algum prazer, é claro.

Não estou entendendo... Nesse momento fiquei com um pouco de medo. Medo não, eu não sabia direito o que pensar, o que esperar... Prazer?

Justamente. Você agora vai ler, em voz alta, com o talento e prática e jeito que tiver para isso, vai ler à vontade esse ótimo conto do seu pai. Vai me dar este prazer, não vai?

Sentei sorrindo de orelha a orelha com o conto na mão. Nunca me senti tão insegura e feliz: "Uma criança nasce. E esta história começa. Já começou porque a criança já nasceu. O sol também e está lá fora aquecendo, iluminando um dia frio filho da noite. Árvores e as flores no jardim do parque em frente à maternidade ajeitam suas folhas e cores para receber melhor o sol que levantou bem humorado sorrindo luz alegre. Isto às seis da manhã.

Ao meio dia o rosto do sol foi deixando de sorrir e nem se importou que algumas nuvens viessem se interpor entre ele e as coisas todas que despertara. A princípio nuvens claras que o vento desgarçava. Depois mais densas, opacas. Finalmente de um cinza gordo, pesadas imóveis como os muros de uma prisão. Ao meio dia a mãe da criança morreu! O médico não leve culpa, fez o que estava ao seu alcance. O pai que ainda era moço sofreu com tal força o choque que seus cabelos ficaram todos brancos. Não queria ter filho, tinha

medo por causa de uma infância cheia de sustos, inseguranças. O carinho que não teve em menino só encontrou com a esposa. E como os cabelos não conseguiram aparar o golpe, a corrente percorreu ele inteiro, queimando qualquer novo desejo vital. O pai continuou vivo somente até o dia que um pequeno desejo de vida lutou contra a dor crescente e perdeu. Aconteceu o suicídio.

Vamos por isso, ficar só com a história da menina. Ela saiu da maternidade no colo da avó. Com quem viveu até os sete anos. Os pais, haviam viajado para muito longe. É o que a avó contava. Mas um menino vizinho falou que eles haviam morrido. A avó desmentiu e ela nunca mais perguntou pelos pais. Até o dia em que viu o cachorro forçando com as patas a porta do porão. Como precisava entrar para pegar um brinquedo abriu o trinco. E o cachorro um policial entrou num salto e logo ouviu um fraco miado de gato. Era um gatinho branco de um mês que tentava se defender das patas fortes do cachorro. Gritou para que ele largasse o gatinho. E logo pegou uma vassoura começando a bater com ela nas costas do cão mas sem resultado. Os miados do gatinhei iam sumindo de tão fracos. Suas patinhas já estavam perdendo os movimentos e o policial segurou-o com a boca. A menina então deu vários gritos chamando a avó. Ela chegou e com o cabo da vassoura deu três fortes batidas no focinho do animal que este abriu os dentes deixando o gatinho cheio de sangue no chão. A menina pegou o bichinho no colo. Ainda estava vivo. Ele vai morrer vovó? Vai sim. A menina então, olhos bem nos olhinhos do gato, gritou chorando: não morre por favor não morre, não morre, não morre!

Depois que o gatinho morreu, ela procurou o cachorro e bateu muito nele com a vassoura. E ficou muitos dias triste só pensando no

gatinho. O gatinho não era dela. Só viu uma vez, aquela vez. A primeira vez, a última. Do gatinho só conheceu a morte. E ela é tão rápida tão de repente nem ela nem a avó puderam fazer nada. Sentiu que tudo ao seu redor ficou pequeno. Ela também parecia ter diminuído. Olhava as mãozinhas e via que estavam reduzidas, quase do tamanho da patinha do gato. E perguntou à avó se seus pais haviam sumido assim também tão depressa. Ela tentou mentir novamente mas não resistia às perguntas e contou a verdade. A menina ouviu calada. Depois se trancou no quarto.

Um mês depois a avó ficou muito doente e a menina passava o tempo todo à cabeceira da cama pedindo sem falar para que ela não morresse. E nos momentos finais, os olhos já sem brilho, as mãos magras mostrando os riscos azulados das veias quase secas, rosto encovado, voz sumida. A menina chorou gritos pedindo que não morresse. A avó morreu. Morreu sem ninguém nem nada matar ela. Mas pouco adianta continuar contando a história desta menina. Cujos restos da vida serão tecido de tentativas sem resposta para saber porque morremos."

Michele terminou a leitura, chorava um pouco na expressão do corpo todo. Mas sem soluços nem lágrimas. Charmon procurou logo mudar de assunto. Não sei porque Charmon não disse nada sobre minha leitura, minha emoção, não voltou a dizer que gostava daquele conto do papai... Ah, já sei, acho que quer respeitar meu mundo mais íntimo, claro que um escritor como ele, até de costas, talvez em outra sala, iria perceber minha emoção, meus sentimentos com mais nitidez que, sei lá, minha mãe, minha amiga íntima! Talvez Charmon tenha visto mais ainda em toda a situação desde que Michele lhe entregou o conto do pai para que lesse. É, é possível, é quase certo que nunca

soube da existência de meu pai como escritor e não quis me magoar com frases do tipo seu pai tem muito talento, já publicou algum texto? Acho que deveria reunir vários belos contos como esse e publicar um livro, seja por contra própria, seja procurando nina editora, seu pai tem mais contos como esse na gaveta? Já publicou algum em revistas literárias?... E, de fato eu não iria agüentar e a mamãe também não deve ter dito nada a ele sobre papai, talvez porque a imagem dela em nada ganharia com isso, sei lá. De qualquer jeito, agora que compreendi melhor a situação, estou achando que Charmon é mesmo a pessoa mais sensível e discreta e gentil que já conheci, um gentleman, se é que esta palavra ainda tem algum sentido, mesmo na Inglaterra... Charmon apenas sorriu, um sorriso envolvente, amigo e me mostrou um beija-flor que apareceu no terraço e começou a chupar com o bico longo numa das várias pequenas fontes de água doce penduradas ali... É incrível Michele, sabe que em certas épocas do ano preciso renovar, reabastecer a bebida-comida desses bichinhos maravilhosos quase todos os dias, é incrível o número de beija-flor que tem por aqui... Na sua casa também?

Não tanto, mas tem bastante bem-te-vi, sabiá, rolinha e muito beija-flor, não tanto quanto aqui. É lindo! Às vezes olhando um beija-flor fico imaginando se é um pássaro-flor ou uma flor-pássaro...

Nunca tinha pensado nisso, achei ótimo! Você é poeta, Michele. Claro que no melhor sentido do termo, rá, rá, rá, rá. Porque a maioria dos poetas não consegue perceber essas coisas, não consegue ir além das palavras. Talvez, Michele, seguindo o que você iniciou, talvez o beija-flor até tenha sido no início, apenas um passarinho colorido. Mas de tanto beijar flor, tenha virado essa possibilidade que você falou, tenha se tornado uma flor-pássaro... Mas acabo de ter uma idéia. Veja

o que você acha. Que tal nós almoçarmos aqui em casa, só você e eu...  
Que tal?

Bem, não sei se devo... Você não tem cozinheira, não sei se tenho tempo...

Mas sei cozinhar um pouco melhor do que quem não cozinha de jeito nenhum, rá, rá, rá, rá. É verdade, não estou brincando, consigo fazer alguns pratos, poucos. Mas até hoje ninguém reclamou demais. Você cozinha?

Acho que sim.

Acha que cozinha ou acha que não cozinha?

Bem, talvez um pouco menos do não muito que você cozinha, rá, rá, rá.

Os dois rimos tanto da situação, só engraçada para nós, que espantamos o beija-flor. Também, ele já linha mais que matado sua sede-fome.

Eu tenho um compromisso dentro de meia-hora com uma amiga...

Uma amiga? Se fosse um amigo, um mais que amigo, aí tudo bem. Mas a amiga vai compreender um atraso de meia hora, uma hora...

Uma hora de atraso? Qual amizade resiste a tanto egoísmo?

Telefona. Diz que seu carro quebrou, que o cabeleireiro atendeu uma outra no seu horário, que o professor de tênis atrasou meia hora, que o automóvel do dentista ficou preso no maldito engarrafamento, o.k.?

Ok. Você ganhou, eu desisto... Vamos ver se dá certo... Charmon, qual de nós dois vai ser o chef e qual será o auxiliar?

Bem. Antes vamos decidir qual o prato genial que iremos criar, rá, rá, rá, rá.

Eu sei fazer macarrão.

Ótimo. Não sabia que você fazia macarrão. O que é necessário para se fazer a famosa massa, a pasta? Trigo, ovo,... rá, rá, rá, rá.

Nããã! Você... estou em dúvida se você é gozador, maluco ou, sei lá, se tem um humor super legal...

Então, vamos ao trabalho! Já que você sugeriu macarrão, devo ter um pacote de talharine italiano que uma amiga deixou aqui.

Adoro talharine!

E o molho, qual vai ser?

Molho?

Claro, o molho! Ou você por acaso está a fim de apenas ferver o talherine na água e sal, depois lavar tudo, deixar secar um pouco, jogar no prato e comer? E por falar em molho, uma amiga de Gênova me ensinou que o molho é noventa e cinco por cento de qualquer prato de pasta, de massa.

Então, o molho é tudo!

Exatamente. Qual de nós dois vai criar o molho? E qual vai primeiro ferver a água nesta panela aqui, depois jogar dentro o talharine e quando cozido ao gosto de nós dois, passar nessa panela oval cheia de furinhos feito peneira e só aí, em outra panela, acrescentar o molho genial...

Nossa! Mas você é um chef... Ou será que é de tanto assistir aulas de chefs e pseudo chefs na televisão? Rá, rá, rá, rá. Charmon, acho que nunca me diverti tanto! Nunca imaginei que cozinhar fosse uma brincadeira, um jogo...

Estamos falando mais do que cozinhando. Vamos lá: eu ferveo a água...

De jeito nenhum. Deixa isso comigo.

Então, eu é que vou ter que inventar o molho?

Claro, você é o dono da casa, do restaurante. Eu sou apenas uma convidada gentil que vai dar uma mãozinha, o.k?

Ok. Então, sugiro talherine al pêsto. De acordo?

De acordo. Tudo que o chef mandar...

Então, já estou mandando. E veja se me obedece sorrindo, hein. Odeio cara amarrada, cara feia! Rá, rá, rá, rá. Está aqui o talharine, a panela..., na torneira tem água, no fogão tem fogo...

Sua cozinha é linda...

Não mude de assunto, não. É preciso muita concentração e amor para se criar uma obra de arte a dois...

Então, qual o maravilhoso super-molho que o super-chef Charmon vai criar? Qual o tipo de coelho que o grande mágico da culinária italiana vai tirar da cartola?

Será coisa simples. Será, se for de seu agrado, se te der prazer, o famoso pêsto de Gênova.

Pêsto? Você falou talherine al pêsto?

É o que poderá ser, se continuarmos juntos e contentes no prazer crescente do trabalho já com a delícia do pêsto no nosso finíssimo e cultivado paladar...

Mas agora, quem está mais falando do que trabalhando, é você.

O.k. você bebe vinho?

Bebo sim, mas muito pouco.

Então vou abrir uma garrafa dum bom branco, um Orvieto. Enquanto isso, o que minha inteligentíssima e bela assessora está fazendo em vez de pôr logo a água pra ferver, etc.?

Charmon provou o vinho, achou ótimo, encheu só um terço da minha taça, daquelas alongadas mas não grande. Fizemos tim-tim, ele disse à nossa saúde e longa amizade e agora, finalmente, enquanto encho a panela com água, ele começa a agir e explicar que o tal molho, o pêsto, que aprendeu com alguma namorada italiana, leva manjerição, é claro, azeite, alho, queijo parmesão ralado e pinole, que é semente, ou coisa parecida, de um tipo de pinheiro que os italianos importam de países árabes. Diz que tudo isso, a tal amiga italiana de Gênova, capital mundial do talharine al pêsto, mexia e triturava numa tigela com um pequeno bastão metálico de ponta arredondada. Mas que por não ter tais utensílios fundamentais, iria resolver o problema com o liquidificador mesmo. E com humor disse esperar que eu compreendesse e perdoasse tanto mau gosto tecnológico, etc. Para encurtar a história, o almoço foi perfeito e delicioso. Charmon disse várias vezes que sem mim, jamais teria conseguido chegar ao fim do melhor talharine al pêsto de sua vida. Insistiu, sorrindo seu sorriso envolvente, insistiu que eu sou um amor de mulher!

Ao final disse, com o maior charme, que os pratos ele iria lavar... Afinal de contas sou o dono do restaurante, como você disse. Estou em casa e você é minha convidada preferida. Falou e fez. Realmente lavou e enxugou e guardou pratos, talheres, panelas, deixou a cozinha arrumada e limpinha... Sei lá, acho ser isso que toda mulher do mundo, atualmente, deseja para marido... E mais ainda: a certa altura, não sei porque, olhou firme nos meus olhos e falou que eu era uma escritora, que seu olho clínico jamais falha. Você tem cara de

escritora! Não, por favor, você é linda, meiga! E que quase nunca a imagem de escritora tem a ver com figura bonita, com mulher adorável, com mulher esteticamente desejável, é ou não é? Geralmente é uma imagem ligada à figura de senhora meio frustrada, pouco atraente. Clarisse Lispector, Katherine Mansfield, Virgínia Woolf, eram mulheres lindas, de charme sutil e... eficiente. Acho que você é escritora sem saber que é. Você algum dia sentiu algum prazer, mesmo que contraditório, em inventar coisas, situações, tipos de gente, por escrito? Quero dizer: coisas bobas, frases soltas, uma historinha sem compromisso, sem mesmo saber que está escrevendo. Não falo de poesia, que isso é mais comum: basta uma adolescente se sentir muito sozinha, perdida ou apaixonada, logo se liga a alguns versos de poetas de livros ou poetas de músicas, Vinícius, Caetano, Chico Buarque, Fernando Pessoa e até de cantor de rock... Mas essa minha conversa está muito conversa de escritor consigo mesmo...

Estou adorando, continua...

Pois é... onde que eu estava mesmo?

Você falava sobre como é, no fundo, a cabeça de um escritor...

Veja, o escritor tem uma maneira toda particular de observar o mundo, as coisas, as pessoas, os acontecimentos imensos ou mínimos. Quem é escritor já com léguas de estrada ou que ainda não deu o primeiro passo, jamais observa de maneira formal, técnica, só racional. É um tipo de observar diferente o do escritor: aparentemente parece não ter visto nada. Não é daqueles que entram numa sala e, mais tarde, sabe quantos e que tipo de móveis tinha lá, que horas eram, com detalhes de números, de cores e formas, etc. Mas quando o escritor se põe a escrever, fica assustado de quanta coisa havia visto, percebido, sem que tivesse consciência, sem nem notar haver

memorizado os dados básicos da sala e de quem estava lá, etc. E já que você me deu sinal verde para especular, mais que conversar e dialogar, etc., sempre achei especial o universo, digamos, intelectual de Proust. Na Recherche, que é um grande romance também no número de páginas, ele não menciona, sequer cita de passagem, aparentemente ignora as fortíssimas correntes estéticas e psicológicas que brotavam ou já se consagravam naqueles anos pré e durante a década em que criou uma das três maiores obras literárias do século vinte. Sabia da psicanálise, mas é como se não soubesse. Mostrou um universo psicológico próprio, quase uma nova teoria ou hipótese nesse campo. Ficcionizou uma teoria do tempo, uma estética do tempo. Mesmo que tenha aí algo das idéias de seu primo Bérgrson ou das hipóteses de Einstein. É verdade que sua obra tem lá alguma coisa da nostalgia de um mundo que não existe mais, como nos relatos de Saint Simon sobre suas experiências na corte de Luiz XIV. Ou lembra muito a japonesa Murasaki, no clássico Gengi Monogatari, sobre o mesmo tema. Este livro, não é provável que tenha lido. E nenhum dos dois trabalha o tempo como ele. O fato é que Proust escreve genialmente toda uma obra literária onde podemos ver, por trás, um grande psicólogo, um grande esteta. Isso, Michele, me parece uma importante lição, ou lembrete, para escritores com cabeça muito povoada de complicadas hipóteses estéticas, psicológicas, filosóficas, políticas e que acabam criando pouca arte literária. Sem falar nos que exageram para o outro lado e só produzem literaturas vazias, mesmo bem escritas... De acordo?

Com certeza!

No começo da Recherche, que já antevia como livro longo, meio interminável, talvez maior que suas forças para realizá-lo, sua

preocupação era com o tempo comum, o tempo do relógio, o tempo que foge à nossa frente, Numa das suas famosas cadernetas de notas, escreveu: "As advertências ela morte. Logo você não poderá dizer tudo isso. A preguiça ou a dúvida ou a impotência se escondendo na incerteza sob a forma de arte. Será preciso fazer um romance, um estudo filosófico, eu sou romancista?"

Genial, genial! É o meu problema! Acho que já pensei algumas vezes em escrever ficção, em ser escritora. Mas ficou e, sem dúvida, ficará só no pensamento. Minha cabeça jamais irá decidir entre ser ensaísta ou ficcionista. Essa maldita dúvida me impede optar, me entregar inteira a uma ou outra dessas atividades ou profissão ou vocação, sei lá... Este meu novo e queridíssimo amigo Eugênio Charmon aqui na minha frente falando tudo que quero ouvir, ele sim é escritor, ficcionista-pensador, pensador-ficcionista dos pés a cabeça. Ele é um gênio!... A Dora parece não Ler mais dúvidas. Quer porque quer ser escritora... e por pensar nela, outro dia escrevi aquela dúzia de linhas, mas foi só para brincar com minha boa amiga, tenho quase certeza que, em matéria de literatura, nunca serei mais que admiradora, quase uma idólatra dos grandes escritores... Duvido que tenha talento para escrever ficção. Ponto final. O olho clínico do Charmon, quanto a mim, errou de maneira total. Talvez apenas quisesse ser bonzinho comigo, sem dúvida! Charmon é incrível! Um cara realmente genial em tudo. É ao mesmo tempo simples, bom sujeito e sofisticado em várias áreas além da literatura. Mostra em tudo um prazer, um humor vital, uma sincera e contagiante alegria ele viver. Ele é irresistível! E me respeitou, infelizmente, o tempo todo... Charmon, mesmo sorrindo, tem um rosto sério, marcado, não redondo. Um sorriso suave, mas forte, principalmente o sorriso dos olhos muito

pretos que atraem mais do que dá para resistir. Ele parece ao mesmo tempo afirmativo e distante. Todo o Charmon expressa um encantamento que envolve... Ainda ficamos conversando um bom tempo, andando pelos jardins, depois novamente sentados na gostosa varanda tomando um cafezinho que ele preparou e conversando:

É sério, Michele. Você está rindo, mas é verdade. Vem desde a adolescência. Sempre que uma rotina vai ficando insuportável, começa a tal coceira na sola de um dos pés, neste aqui. E também na palma da mão, nesta.

Agora está coçando?

Claro que não! Estou agora, neste momento, no meu estado normal, dinâmico, sem tédio...

E quando coça, é coceirinha ou mais grave?

Bem, é e não é. Os dermatologistas, alergistas já tomaram algum dinheiro meu, sem nenhum resultado para mim. Só para eles, rá, rá, rá, rá. Me aconselharam psicólogo. De uns anos para cá, consegui concluir meu próprio diagnóstico: Fobia de rotina. Sofro de rotinofobia... Você continua achando graça, não é, mas agora também me divirto. Veja: minha vida, como a de muitas pessoas como eu, só sabe caminhar por rupturas e isso não é fácil, como parece para quem está de fora. É coisa um tanto complicada, cria muitos problemas na relação com os outros, mas hoje administro bem melhor essa quase compulsão...

E a coceira?

Às vezes retorna. Mas agora sei que é um aviso, um sinal ele alerta. Em vez de ficar coçando, faço alguma mudança na minha vida...

Me parece fascinante. Morro de inveja. Filosoficamente acho impecável! Pena que morro de medo de praticar...

Só o primeiro passo é difícil. Se você não tem dúvida, intelectualmente, a prática só irá reforçar seu desejo de mudança, não é verdade?

Posso te perguntar uma coisa?

E se eu disser não, não pode! Rá, rá, rá, rá.

Seu nome de escritor, Eugênio Charmon, é nome mesmo ou pseudônimo?

Claro que é meu nome. Charmon era o sobrenome do meu pai, meu avô, etc. Talvez haja alguma ascendência francesa. Talvez tenha acontecido no registro em cartório, bem no passado, a queda de uma letra do final, um T e que antes fosse Charmont...

Desculpe pela pergunta, talvez íntima demais, mas...

Ah, Michele, fique à vontade... eu também já li fofoca sobre meu nome...

Pois é. Disseram que era um duplo-narcisismo...

Já foram mais longe que isso. Já me carimbaram com o estigma de maluco, de megalomaníaco...

E você...

Eu simplesmente acho divertido. Todos têm o direito de gostar ou não gostar, de fazer carinho ou de vaiar, de acordo?

Bem...

Será que esse não é exatamente o tema que você, brilhantemente, escolheu para a sua tese?

Incrível. É exatamente, obrigado.

Eu — gênio Char — mon. Ou seja: eu sou um gênio... e não contente só com isso, ainda tenho o maior charme, sou um grande

sedutor: em francês, como você sabe, *charm* é *charme* e *mon*, quer dizer meu. Mas claro que os franceses não gostam muito de jogos de palavras com a sagrada língua francesa, intocável... o poeta Paul Valéry, cultíssimo e cultor da língua francesa, chegou a ironizá-la dizendo ter sido fabricada pelos pedantes do século dezessete, referindo-se aos clássicos como Racine, La Bruyère, La Rochefoucauld, etc.

Bom, agora que você, genialmente rá, rá, rá, rá, abriu o jogo, ganhei coragem para fazer a pior das perguntas...

Se eu me considero um gênio? Rá, rá, rá, rá, rá.

Você é mesmo ótimo... Qual é a resposta?

Claro que não me classifico como gênio. Mas, já li mais de uma vez alguém dizendo que sou um gênio... Só espero que não estejam mentindo! Rá, rá, rá, rá, rá, rá. Agora, falando sério: acho que o que costumam, desde a Renascença, chamar de gênio, não é mais que um exemplo de possibilidade humana. Assim como o que chamam de herói. Nada de predestinação, nada de metafísica, nada das idéias pré-fascistas de Carlyle, que afirmava na metade do século dezenove, serem os heróis e os heróis como homens-de-letra, qualquer coisa assim como encarnações de uma vontade divina visando um destino elevado para a humanidade. Também, é um abuso o uso que os líderes políticos e religiosos fazem dos heróis, dos gênios, dos mártires, incentivando por todos os meios o culto, a adoração para criar dependência e dominação. Para infantilizar o povo...

Sem dúvida. Mas como você explicaria a criatividade, o talento criativo?

Acho que no fundo, criatividade, quem é e quem não é criativo, tem muito a ver com jogo. Com prazer de jogar. Por isso, a gente fica

sempre surpreso com a criatividade das crianças, é ou não é? O jogador, Michele, o jogador propriamente dito, confia plenamente no jogo... Para ele o irracional, a sorte, merece confiança. O jogador utiliza outra faculdade para pensar. O jogador pensa com a sorte, por assim dizer. Ele não pensa com a razão. Não gosta de raciocinar, de refletir...

Mas porque umas pessoas são mais criativas que outras?

Pela mesma razão que um passarinho canta mais bonito que outro. Mas a maioria dos passarinhos gosta de cantar... E quando falo de jogo, do lúdico, não falo só de artistas. Não existe uma só atividade, onde entra mais de uma pessoa, em que o jogo, a disputa, a competição não estejam presentes. No amor, na política, nas guerras, nos negócios, nas amizades, na diplomacia e existe até mesmo nas religiões... Mas voltando à idéia de sua tese, Michele, veja o seguinte: Por temer a força modificadora representada por um membro da sociedade, os defensores do status-quo providenciam sua exclusão. E transferem para ele a culpa por seus próprios egoísmos, por sua incapacidade renovadora, por sua falta de criatividade...

Excelente! Agora a criatividade está bem integrada à idéia da minha tese. Foi uma grande ajuda Charmon...

Michele, olha ali no galho da árvore, ali... está vendo?

Naquele manacá? Estou vendo sim, acabou de pousar ali um belo sabiá...

Pois é. Goethe dizia que tudo o que é perfeito em sua espécie, deve superar essa espécie, deve tornar-se algo diferente, incomparável. E explica que em algumas modulações, o rouxinol continua sendo um pássaro, mas depois vai além de sua espécie e parece querer indicar a todas as aves o que é realmente cantar.

É lindo! Sem dúvida. Coisa de grande poeta. De poeta romântico, idealista. Me parece até um individualismo, digamos, sadio...

Veja, Michele, eu gosto disso, mas nessa área, prefiro o que chamo de postura afirmativa. Constante superação, andar para frente... Acho que postura afirmativa é um processo, um vir-a-ser, um renovar-se sempre. E assim, é o oposto de estagnação, do imobilismo. Postura afirmativa é o oposto de ser eterno. Aliás, o chamado Ser Eterno, como se sabe, trabalhou, criou o universo, nos criou, tudo em seis dias de esforço e dedicação extremada. Mas como ninguém é de ferro, resolveu descansar. E gostou tanto do merecido descanso, que descansa até hoje, paradíssimo, imóvel, aparentemente morto. De acordo?

Se você não fosse genial, diria que é maluco! Rá, rá, rá, rá.

Mas veja o caranguejo, por exemplo, Michele. O caranguejo, aquele que as más línguas dizem só andar para trás. Maldade, ele é muito melhor que isso. O próprio caranguejo já explicou várias vezes suas razões, que me parecem bem convincentes: cansado de ser campeão na arte de andar para frente e sem encontrar ninguém que nisso fosse melhor, decidiu inovar. Passou então a ser o insuperável campeão na difícilíssima arte de andar para trás... rá, rá, rá.

## *NAMORADA DO PAI*

---

Saindo contentíssima da casa de Eugênio Charmon, Michele achou que seria ótimo fazer uma visita rápida ao pai. Claro que não iria dividir com ele a satisfação, a euforia das longas horas junto com o mais importante escritor brasileiro! Nem pensou em telefonar, foi direto ao apartamento. O pai demorou um pouco para atender, mas quando abriu a porta, percebi logo que estava ansioso para que eu não demorasse muito tempo, fiquei meio sem jeito, ele nem conseguiu sorrir, talvez esteja um pouquinho preocupado demais com alguma coisa desagradável e eu nem havia me sentado, quando alguém abre a porta com a própria chave e entra no apartamento. É uma jovem de vinte e poucos anos, não é feia, corpo com as curvas e carnes que os homens em geral adoram, é sensual, mas me parece vulgar, não elegante, sorridente, uma roupa chamativa do tipo olha eu aqui, etc. O pai de Michele vai até ela e beija seu rosto, fico horrorizada, me contendo.

Papai arrumou uma namorada! E agora? Super emocionada, o coração bale bem mais depressa, sente que a respiração está presa, eu não acredito, não esperava isso! Tenta se sentar, mas decide sair correndo, suas pernas não ajudam e quando percebe está numa conversinha formal com a namorada do pai. Ela trata Michele como criança: sua filha é linda, já estou gostando dela, é boazinha, vamos ser boas amigas. O pai: ela é uma vizinha, também mora neste

edifício... Como será que essa maldita espertinha percebeu que sou a filha? É mesmo perigosa, uma profissional, só pode ser e papai não está percebendo nada. É o retrato, sem retoque, da fingida, papai não é velho, tem cinquenta e três anos, é forte, é rico, parece disponível, está solitário, quem não vê isso? Precisando de compreensão, de algum apoio, de carinho feminino... Quando dei por mim, já estava na rua, respirei aliviada e agora volto pra casa novamente preocupada com papai. Michele bale a mão na testa com muita força, sente dor e chega a falar em voz alta: tudo culpa minha! Por que diabo vim ao apartamento do papai? Porque não deixo ele levar a vida como quiser... Estou errada! Errada!! Michele há muito tempo não se sente tão perturbada. Mas logo foge do desespero e seus pensamentos, num movimento compensatório não consciente, mudam rápido de assunto e já está novamente revivendo as horas formidáveis que passou na casa de seu novo amigo, de seu queridíssimo Charmon: Dora um dia me disse que sou mais sedutora do que imagino ser. Mas como é que posso seduzir alguém, se não me amo? Apesar disso, acho que o Eugênio Charmon está gostando de mim...

E não está parecendo ser por causa da minha idade, do meu rostinho que dizem ser bonito, não é por eu ser rica, claro, ele lá precisa de dinheiro! Me lembro que num livro do Charmon, ele falava qualquer coisa assim como campo de sedução, um campo de forças que liga duas pessoas em mútua atração e fica difícil saber quem seduz e quem é seduzido, quem é o caçador, quem a caça... É, faz sentido. Mas acho bom não esquecer os avisos da mamãe e da Dora. Charmon é muito melhor que eu nessa área. Já pensei bobagem: eu nunca existi nessa área! Alguns jovens ou homens maduros olham pra mim com cara de desejo. Mas é por outras razões. Nunca porque eu

seja sedutora. Eugênio Charmon é famoso como sedutor. Não custa nada ficar um pouquinho com os pés no chão. Mas qual o risco? O que tenho a perder? Se eu, por acaso, me apaixonar por ele, vai acontecer o que? Vou morrer? Vou me tornar escrava dele? Vou me tornar uma alcoólatra, uma viciada em droga quando ele me abandonar?

Aliás, o Charmon me falou hoje mesmo lá na casa dele, que o fundamental é não deixar nem o fracasso e nem o sucesso, subirem à cabeça. E isso mesmo. Não sou nenhuma criança, mesmo mamãe fazendo de tudo para que eu seja sempre criança. Será que vou deixar o sucesso que estou tendo com Eugênio Charmon me subir à cabeça?

E depois, se ele se cansar de mim, me der um pé na bunda, é só não deixar o fracasso me dominar...

Bom, o melhor é não ficar cultivando sentimentos negativos. Bola pra frente. O que der deu. Se der desastre, sofro um pouco e no máximo em um mês, estarei pronta para outra...

Michele, aparentemente, está agora menos perturbada pelo choque de ver o pai com uma namorada, e que namorada! O pior tipo possível de mulher... A presença nela de Eugênio Charmon, vai aos poucos anestesiando o golpe. Já consegue andar e pensar como de costume, só a cabeça que ainda dói e não sabe se é por causa da namorada do pai ou do tapa forte que deu na testa... Daqui a pouco já estará em casa e ainda não decidiu se fica à beira da piscina descansando ou vai direto pra cama tentar dormir um pouco. Essa coisa da gente não se identificar direito, como todo mundo parece fazer, de eu não vestir a camisa, o uniforme de nenhum personagem, de não assumir pui inteiro nenhum papel social, começa a me criar mais problemas do que mereço, sei lá, não sou exatamente uma filha,

ou melhor, não me sinto à vontade no papel de filha, no papel de jovem rica, no papel de dependente dos pais, no papel de estudante, de jornalista, de antropóloga, do intelectual, de mulher livre, eu não sou é coisa nenhuma! Às vezes sei apenas que não passo de uma bela confusão que luta por se organizar, que se disciplina a duras penas e tudo sem nenhum objetivo claro, sem nenhuma meta a longo prazo... Na verdade, eu não quero e jamais quis ser uma escritora. O que desejo mesmo é ser uma outra pessoa e o Charmon me disse que até hoje, desde as primeiras coisas que escreveu, sempre se aceitou como escritor. Mas veja bem, Michele: ao mesmo tempo, desde o começo até hoje, jamais me vi, nunca me vejo como um personagem escritor, entende? Ou seja, para continuar a imagem, digamos, teatral: não desejo e nunca consigo, mesmo que queira, representar o papel de escritor num palco onde existem o cineasta, o músico, o artista plástico, o escritor, o médico, o intelectual, o político, o arquiteto, o psicanalista, o policial, o advogado, o marido, a esposa, o tenista, a celebridade, o jornalista, etc. E acho isso ótimo! Claro que não é fácil identificar-se com o modelo do não-modelo e ainda mais de maneira radical! É difícilimo! Mas será que as coisas fáceis nos dão alguma satisfação? Bom, isso é questão de gosto. Pra mim, dá certo e só assim me sinto bem. Só assim me sinto ligado à dinâmica da vida...

E os outros Charmon? Aqueles que não conseguem se afastar um milímetro dos rótulos, dos clichês, dos personagens pré-existentes, aqueles que não conseguem existir sem vestir a camisa de uma tribo, de um microcosmo, de um pequeno grupo, de uma corporação... Você não sente nenhuma agressividade vindo dessas pessoas? Seja na forma de ironia, de gozação ou de agressão física mesmo?

O que você acha?

Não sei.

Mas é claro! Esse é justamente o esporte preferido dos bem adaptados, dos bem identificados, dos seguidores fanáticos dessa ou daquela tendência mais antiga ou do último modismo insuflado pela mídia. É disso que tiram sua força e agridem para confirmar o tempo todo essa identificação, sua superioridade sobre os que são diferentes deles. Eles nunca procuram ser hoje mais inteligentes, mais sábios, mais fortes do que ontem e amanhã ainda mais que hoje, etc. Isso é saudável para o indivíduo e para a sociedade. Ao contrário, pretendem única e exclusivamente ser superior a você. Sempre preferem te abaixar, de diminuir, te dividir, em vez de crescerem. De acordo? Pois é, agora Michele já chegou em casa e decidiu relaxar à beira da piscina, talvez dormir um pouco ali mesmo, mas o celular toca e é o professor Japuú: Claro que foi uma pena, minha mulher ainda insistiu pra gente ficar mais uns dias, claro, a natureza lá é mesmo linda, as praias, o mar verdinho, as águas transparentes... Tudo ótimo! Mas a situação política se agravou mais que do costume. Lá está horrível, perigoso para o povo venezuelano, para a esquerda, aquilo que a gente sabe... os choques nas ruas entre guerrilheiros e polícia... Não daria mesmo para continuar lá, depois te conto. Michele, só telefonei para avisar que quando quiser, estou a seu dispor para continuar a conversa sobre sua tese de pós. Está bom? Amanhã já estarei na faculdade no horário normal. Espero você. Tchau!

Michele então, meio contra vontade, acha melhor preparar algumas notas, um pequeno resumo por escrito de sua idéia para a tese. Levanta-se, atravessa todo o gramado, vai até seu quarto, pega alguns livros na estante, folhas de papel, pastas com anotações, etc., volta para a beira da piscina, senta-se junto a uma mesa de plástico

branco, acerta o guarda-sol azul para não ficar com a luz oblíqua do final de tarde muito nos olhos... a Dora já me disse outro dia que ultimamente ando com mais idéias e palavras fervilhando na boca, muito mais do que tenho tempo de falar, de passar para os outros, de me comunicar, a Dora está certa. Parece aquilo de pormos mais garfadas na boca do que o tempo que temos para mastigar... Por isso é melhor liquidar logo esse assunto! Ao trabalho: primeiro, um título provisório, do tipo Resumo Bem Resumido de Idéia Preliminar para Tese de Pós-Graduação em Antropologia. Agora, o máximo que vou ter forças, gás, energia, vontade de fazer, será copiar alguns conceitos de antropólogos sobre o assunto. Pretendo ir falar com o Japuí amanhã no fim da tarde, telefone às dez da manhã falando isso e até lá dá bem pra fazer um pré-projeto decente da idéia e não apresentar ao Japuí nenhuma bobagem mal redigida e sem o rigor necessário, etc... Bom, vou anotar aqui conceitos relacionados ao meu tema, como esse de um sociólogo da Universidade Colúmbia. Acho bom, foi escrito em 1902 por Charles Cooley no artigo Human Nature and The Social Order: "Indivíduo separado, isolado, é uma abstração não conhecida pela experiência. Da mesma maneira, é uma abstração não experimental, uma sociedade vista como independente dos indivíduos, como fato à parte". Ou então esse, do americano Alfred Lee, da Universidade de Nova York e que organizou em 1958 o centro de Pesquisa em Antropologia da UNRSCO em Milão. Me parece escrito sob medida para a minha tese: "Em última análise, todas as invenções vêm dos indivíduos. Seja uma palavra, uma idéia, um detalhe institucional, uma solução mecânica. O grupo social, como um grupo, nunca inventa nada. E mesmo no caso de canções folclóricas que, freqüentemente a origem é atribuída ao grupo, o real inventor é um

indivíduo. A ilusão de que se trata de invenção grupal, deve-se ao pequeno intervalo de tempo entre a invenção e o uso que o grupo faz dela. Por outro lado, o grupo fornece as condições indispensáveis para que os indivíduos criativos surjam. O ato criativo é sempre relacionado a uma base cultural. Os indivíduos criativos utilizam os fatos culturais existentes e transformam alguns detalhes em novas combinações, novos conjuntos expressivos. O grupo social oferece a cultura existente e dá ao talento individual a oportunidade de fazer uma nova contribuição." Acho isso simplesmente magnífico. Responde a todas minhas dúvidas nessa área. A criatividade é sempre individual, mas coitado de quem pensa que ela cai do céu, que é algo metafísico, qualquer coisa desligada e independente da realidade social, etc... Mas acho que por hoje chega. Amanhã cedo trabalho mais um pouco nisso. Acabo de ter uma idéia, vou ligar para a Dora e ver se ela quer vir aqui em casa agora, nadar um pouco e... é, estou morrendo de vontade de contar tantas coisas, de desabafar, de participar minha alegria e estou com uma quase saudade da minha melhor, minha única amiga...

## ***MICHELE TIRA DORA DO BANHO***

---

Eu estava tomando banho, o Jorge comigo no chuveiro beijando gostoso meu corpo de baixo a cima, o telefone toca, saio molhada e no segundo orgasmo para atender, ouço um pouquinho sem ouvir direito, peço que ligue daqui a dez minutos. Michele ligou e apenas disse assim: Como vai Dora, você vai bem?

Pode uma coisa dessa? E verdade que não sabia que eu estava no chuveiro e nem... Ontem, telefonei três vezes pro seu celular e nada e hoje liguei novamente na hora do jantar, você não foi à faculdade?

Eu é que pergunto: tudo bem, Michele? Está acontecendo coisa especial?

Claro que está, Dora. Mas por enquanto é segredo, você me perdoa, ainda não posso contar.

Mas é coisa... ruim!?! Michele, aconteceu algum problema, é sobre seu pai?

Não. Imagine! Papai está bem. Hoje mesmo a gente se falou uns dez minutos por telefone. Ele vai muito bem, disse que se sente um jovem com cinquenta e três anos, chegou até a dizer que logo, logo, estará escrevendo um romance de oitocentas páginas! Acho até que ele arrumou namorada...

Mas então, qual é o segredo, Michele?

Outro dia eu conto, o.k.? O que você está fazendo?

Contei o que estava fazendo, ela me deu parabéns, disse que adoraria estar no meu lugar, etc.

Dora, que tal, depois desse programa delicioso, você dar um pulinho aqui em casa? Estou na piscina, ainda tem sol, mas mesmo que apareçam nuvens vai continuar quentíssimo. Venha nadar um pouco comigo, beber alguma coisa e depois a gente vai jantar junto num restaurante italiano, que tal?

Está me parecendo bom. Posso levar o Jorge? Sabe, hoje ele disse que quer casar comigo. E eu decidi casar com ele... mas ainda não disse isso pro Jorge... Mas Michele finge não ter ouvido ou entendido essa história de casamento e responde:

Mas claro que pode trazer o Jorge. Estou sozinha aqui, mamãe está na casa da praia. Já estou esperando vocês dois, tchau. Ah, escuta, Dooora! Olha: enquanto o Jorge passeia pelos jardins, pela casa, fica conhecendo a imensa biblioteca do papai, sei que ele não é muito de piscina e gosta de livros raros, enquanto isso, te conto o segredo. Você nem vai acreditar.

Entre mil detalhes, contando ter fascinado, simplesmente fascinado Eugênio Charmon, Michele dirá do almoço que ele cozinhou especialmente para ela e mentirá: sabe que Eugênio Charmon me beijou? Na boca, Dora, na boca. Enquanto eu viver, jamais vou esquecer aquele beijo! Foi o máximo! Charmon me chamou três vezes de um amor de mulher! Foi o máximo. O máximo! Dirá coisas do tipo: sabe, acho que Eugênio Charmon está gostando de mim... É sério! Sinto que está... Bem que você me disse uma vez que sou um pouco sedutora... Michele falou essas coisas parte para sentir prazer em falar assim da possível relação dela com Charmon, parte

para provocar Dora e ver ela dizer: cuidado Michele, cuidado, o Eugênio Charmon já devorou mulheres mil vezes mais espertas que você... E a sereia abriu a blusa mostrando o mais belo e desejável par de seios que alguém já havia visto. E nós estávamos abraçados aos destroços do navio Marina que havia afundado no dia anterior por causa de uma explosão violenta nas caldeiras. A visão dos seios da sereia foi muito rápida, lauto que um dos náufragos nem chegou a ver. Mas ficamos presos profundamente àquela imagem irresistível dos deliciosos seios prateados da sereia. Durante mais de três horas nossos corpos eram inteiro aqueles seios que nos puxavam com força e carinho para eles. E aí de repente o desespero! A sereia sumiu! Mas graças a Deus foi só por trinta segundos. E lá estava novamente ela. Agora bem mais próximo de nós clareou o brilho fascinante de prata trazendo em seu seio os seios da sereia ainda mais belos, irresistíveis sobre as águas ali talvez quase ao alcance de um beijo: os seios de imã e mel. Fui então o primeiro a mergulhar e sair nadando feito louco na sua direção. Logo os outros náufragos me seguiram numa velocidade maior que nossas forças. Mas quem conta este caso não deveria ser eu e sim aquele dentre nós que foi o único a não ver a sereia. Nem na primeira nem na segunda de suas aparições deslumbrantes. Simplesmente pelo seguinte: ele foi o único que quis continuar abraçado aos horríveis destroços do navio afundado. Destroços sem nenhum encanto e que salvaram sua vida até o dia seguinte quando um helicóptero da Guarda Costeira o encontrou com sede, fome e tristeza. Mas estava bem vivo quando contou à imprensa que era o mais infeliz dos homens.

Mas por que? O senhor deveria estar contentíssimo! Afinal é um sobrevivente o púnico que escapou com vida. O senhor acaba de nascer de novo!

Não, não. Vocês não entendem. De que vale estar vivo se não se tem o mortal prazer de ser seduzido?

## *MICHELE NAMORA JAPUÍ*

---

Ela telefona às onze horas, combina para as cinco e JapuÍ não está falando no celular quando entra em sua sala.

Ah, mas não foi tão mal assim, você está bronzeado. Chegou a aproveitar um pouco o sol do Caribe...

É, não foi de todo num, viajar sempre acrescenta alguma coisa, mesmo quando não dá certo... Mas então, pronta pra trabalhar?

Já trabalhei. Nunca li tanto e tomei tantas notas como nestes últimos dias. Mas acho que valeu o esforço concentrado, aqui está...

JapuÍ pega o que Michele intitulou de: Pré-Esboço para um roteiro de uma idéia do que poderá vir a ser uma tese de Graduação em Antropologia.

Gostei do título, é bem humorado. Agora deixa eu ler.

Michele então abriu na página marcada, o Estrangeiro, de Albert Camus e ficou lendo enquanto o professor JapuÍ dava uma olhada rápida em seu texto e dez minutos depois:

Me parece bom, Michele. Na verdade, parece ótimo! E fazendo também um resumo do resumo do que poderá ser minha opinião de orientador de sua tese, baixo a bola e digo como o bom crioulo: Isto vai dar samba!

Que bom que você gostou. Obrigado. Fico contente...

Então que tal a gente comemorar:

Comemorar?

Que tal um café, um suco de fruta, um copo de vinho... Você tem algum lugar preferido?

Estou gostando da idéia. Mas não quero chegar em casa muito tarde... mamãe está na praia... preciso ver se tem recado na secretária...

Não, coisa de no máximo uma meia hora...

O.k. conheço um barzinho ótimo, podemos tomar um copo de vinho... Fica na Padre João Manuel, lá embaixo perto do Clube Paulistano...

Ótimo. Você está de carro?

Estou. Você me segue no seu, o.k.?

Como é o nome do bar? No caso do trânsito nesta hora não deixar a gente chegar junto...

Au Bon Vin.

Tá bom. Vou tentar te seguir de perto...

Com o trânsito infernal do fim da tarde, chegaram no Au Bon Vin quarenta minutos depois e a USP fica só a uns dez quilômetros desse bar, etc.

Tomaram um, depois outro... Michele parou no segundo copo de vinho branco, um Chardonnay, a garrafa enfiada no balde de gelo, os dois beliscando pedaços de Camembert e o professor Japuí já não queria mais falar da Venezuela, de política, de sua mulher que está querendo se divorciar porque é artista plástica e ele só pensa na universidade e em política!

Mas, pelo menos, você vai às vernissages...

Claro que vou, claro que elogio as instalações e as fotos ampliadas de três metros quadrados com uma pobre criancinha faminta ao lado de um Rolls Royce...

Mas ela não tem nenhum interesse em política ou no seu trabalho?

Antigamente era minha parceira em tudo. Ela é psicóloga formada pela USP...

Ah, é? E u não sabia...

Já foi militante de esquerda, da boa esquerda, não desses estilhaços sem cor, sem brilho, sem sangue, que as esquerdas estão se transformando.

Que ótimo! Gostei desses estilhaços sem cor, sem brilho, sem sangue...

O que? Ah, obrigado. Mas não é verdade? Não é o que parece estar acontecendo com essa multiplicidade de tons e tendências...

Sem dúvida. Vai perdendo força... Vocês têm filhos?

Não. Isso, claro faz parte do problema! Mas eu e ela ainda somos moços. Nós dois só vamos fazer quarenta no ano que vem...

Michele olha no relógio. Surpresa vendo que já são quase dez horas. Havia tomado mais meia taça de vinho, a garrafa vazia...

Nossa, também pensei que fosse mais cedo! Bom sinal, nenhum ele nós dois tem conversa cansativa... Michele, vou seguir no meu carro você até sua casa, é mais seguro...

Obrigado, aceito. Hoje em dia é meio perigoso, o Morumbi fica meio deserto à noite. O portão da garagem abre com controle remoto e tem também um segurança... Mas aceito, é mais seguro. Você é muito gentil!

Já na porta da casa, Japuí desce do carro para se despedir e Michele:

Que tal um cafezinho, estou louca por um café, eu mesma faço, é um minuto... E você fica conhecendo minha casa... tem uma biblioteca ótima...

O.k. Também estou a fim de um café. Já dentro da garagem, Michele falou para o caseiro-segurança: Tudo bem, Antônio?

Tudo em ordem, dona Michele.

Japuí e Michele caminham por um longo gramado, à direita mais ao fundo fica a piscina imensa, iluminada...

Sua casa é linda, Michele! Com o perdão do clichê, você mora num paraíso...

Já lá na Universidade, Michele não eslava de calça jeans como sempre. Uma saia não tão justa, um palmo acima dos joelhos, cruzando e descruzando as pernas mostrava coxas atraentes e agora, em sua casa, passa antes pela biblioteca...

Que beleza! E é imensa... Quem é o professor, o intelectual... era seu avô, sua avó... é sua mãe?

Michele diz, não dizendo, que é seu pai. E logo sobe três degraus na escadinha para pegar, numa estante, mais alta, *La Mentalité Primitive*, de Lévy-Bruhl.

É de 1922, primeira edição... Não é um livro lindo?

O professor Japuí esta achando mais lindas as pernas de Michele: São lindas, maravilhosas...

O que? Estou falando deste livro aqui...

Os dois acabam rindo com prazer. Japuí folheia o livro de encadernação atraente, devolve à Michele, ela desce da escadinha e pega na mão de Japuí para levá-lo até o living que dá para um jardim perfumado de jasmíns. Pelos olhos, pelo tato e por tantos outros sinais

que as mulheres conhecem bem melhor que os homens, Michele vê que Japuí está excitado...

Bom, acho melhor ir devagar... Michele é mulher, precisa ser arisca, precisa não querer querendo, será que está mesmo querendo? Vou tentar ser tão ambíguo como só as mulheres sabem ser...

Agora, professor Japuí, você vai ficar sentadinho aqui nesta poltrona macia, a mesinha em frente está cheia de revistas, e eu vou fazer o nosso cafezinho, o.k.?

É, vou folhear algumas revistas... Mas da última vez que fui com muita, muitíssima sede à água, o pote quebrou... Michele, Michele, se você estiver me ouvindo daí... Está?

Pode falar, professor...

Amanhã mesmo vou encaminhar seu projeto para a secretaria da Pós-Graduação. Não deverá haver maiores problemas pra você ser aceita na seleção... Neste ano será apenas através da análise dos projetos.

Puxa vida, que ótimo!

E caso viaje, pode deixar uma procuração para que sua mãe faça, por você, a matrícula no mestrado.

Melhor impossível! Nem imaginava que você visse em mim, nesses longos anos como sua aluna, qualidades de boa aluna, de quase discípula...

Você irá mais longe do que pensa... tem cultura, sabe aprender, é disciplinada, determinada...

Será que o professor Japuí acha que puxei ele aqui pra casa visando passar no exame de seleção? É até possível que esteja certo... Mas o que quero, o que desejo mesmo agora é fazer amor com ele... Não agüento mais esperar... esperar que o Eugênio Charmon me beije,

me abrace, entre em mim, me faça carinho... Pronto, professor Japuí, aqui está o nosso café delicioso, quentinho...

Depois do café, depois de uma quase conversa, nem eu nem Japuí querendo conversar, ele elogiando minha casa, eu sugerindo que poderia tentar melhorar as relações com a mulher dele, levantei da poltrona, fui até o banheiro e voltei, com insegurança e coragem, só de calcinha, meus belos seios nus... Incrível como o professor Japuí sabe lidar com mulher... minha intuição não falhou. Pelo menos até agora... Está me vendo super desejável, vejo isso nos olhos, na vibração do corpo dele, mas não faz piadinhas grosseiras, nem fica tímido como os incompetentes desastrados...

Japuí deixa com calma contida uma revista que tinha na mão, levanta-se firme, forte e agora está frente a frente comigo. Após uns segundos, o desejo de ambos ficando mais quente, ele foi até ela e abraçou com carinho. Michele sentiu-se segura e desejada e pediu com as mãos que ele tirasse a camisa...

No quarto, na cama, Michele simplesmente adorou fazer sexo com Japuí! Mas às vezes imaginou que as mãos, o corpo de Japuí eram de Eugênio Charmon. E no dia seguinte, Michele acordou pensando no Picho de 7 cabeças. Claro que fugir do Bicho de 7 cabeças é aumentar seu poder de perseguição. Melhor não acreditar nele. Não levar o Bicho de 7 cabeças muito a sério. Matar o Bicho de 7 cabeças é inventar sua ressurreição. Não necessite tanto assim do Bicho de 7 cabeças. Cuidado com o Bicho de 7 cabeças! Sabia que seu maior perigo está justamente no mistério de ser um monstro inexistente?

## ***MICHELE PLANEJA PARIS***

---

Antes de Michele deixar a casa de Eugênio Charmon, ele deu a ela alguns textos curtos que vem escrevendo há anos e pretende publicar. Para mim isso foi mais que tudo... O maior escritor brasileiro me pedir para ler textos inéditos dele e dar opinião, não é o máximo? Talvez ele faça isso também com outras mulheres... Mas será que espera minha opinião por eu entender de literatura ou quer apenas testar se o livro poderá atingir um leque mais amplo de leitores? Bem, mas foi a mim que pediu para ler e não a dezenas de amigas, sei lá... Eu vou ler. Vou ligar pra Dora e a gente lê junto... Isto aqui me parece genial, dizer genial sobre textos do Charmon é até pleonasma: "Por que o mar engoliu o pescador? Por que o pescador engoliu o peixe? Por que comi o frango? Por que o frango comeu a minhoca? Por que o filho caiu do cavalo? Por que o filho foi embora? Por que existem as guerras? Por que este vinho está tão delicioso? Por que aquela mulher não me ama? Por que a mãe abandonou o filho? Por que existem os vícios e os crimes? Por que existe bondade? Por que aquela mulher gosta de mim? Por que está frio? Por que existe gente bonita e gente feia? Que horas são?

São três e quinze.

Por que são três e quinze?"

Este outro texto também é ótimo:

"Os que têm prazer e desejo forte de vida, desconhecem o peso da finitude e prazo de validade para criar, jogar, fazer, seduzir...

Alô, Dora... tudo bem? Quando vai ser seu casamento?

Casamento?

Você não me disse outro dia que estava prontinha e louca pra casar? Pensei até que já havia casado sem me convidar... Dora, tive uns dias super corridos correndo atrás do tempo... mas está tudo indo ótimo: apresentei uma sinopse de projeto para o Japuí, ele gostou muito e disse que já ia encaminhar para a secretaria da Pós-Graduação porque este ano será apenas através da análise dos projetos. E não haveria problema... Estou ultra feliz!

Parabéns, Michele. Também fico contente por você ter conseguido.

E no caso de eu viajar para a Europa, deixo uma procuração com mamãe e ela fará a matrícula pra mim...

Viajar para a Europa?

Claro. Como até março ainda faltam uns três meses, estou pensando em passar esse tempo em Paris. Mamãe já disse que paga viagem, casa e comida lá... E sabe quem me deu a idéia?

Quem deu a idéia? Mas Ler idéia desse tamanho e tão maravilhosa é a coisa mais fácil que existe... desde que mamãe...

Boba! Foi o Eugênio Charmon... Liguei pra ele porque me deu uns pequenos textos que pretende publicar e já li alguma coisa, liguei pra dizer que...

Pra dizer que você está adorando, que ele é um gênio!

Sabe que você acertou? Rá, rá, rá, rá, foi exatamente o que disse... Por falar nisso, que tal a gente se encontrar boje, quero te

mostrar esses inéditos do Charmon e ver o que acha dessa coisa de ficar três meses em Paris. Será que é mesmo uma boa idéia? Sei lá... tem o problema do papai! Eu não estando aqui... Sei lá... A relação dele com mamãe...

O.k. Vamos comer uma pizza hoje à noite. Só nós duas. Eu te telefono pra marcar a hora certa, tchau.

Ah, Dora: Sabe que o Charmon possivelmente também irá pra Paris? Vai ficar uns dois meses por lá. Tem um apartamento que ele aluga sempre e... me sugeriu que posso aproveitar para fazer um curso na "Ecole de Hautes Etudes" em Ciências Sociais...

Está bom. Eu te ligo ali pelas sete horas...

Mais uma coisa, Dora. Sabe que o professor Japuí está meio apaixonado por mim?

Por que vocês dois não se casam? Vou desligar senão na pizzaria a gente não vai ter o que conversar... E agora sou eu que continuo a conversa...

Fala.

Para você, o seu super Eugênio Charmon é um gênio da literatura ou é um gênio da sedução? Mas vai me responder só à noite no jantar. Até lá.

Às vezes parece que Dora esconde e mostra amor platônico por Michele...

À noite as chias foram jantar na Forquetta D'oro, é uma pizzaria chique, cara. E Michele disse que iria pagar, afinal de contas se os psicanalistas cobram para ouvir nossas confissões, nossos desabafos e misérias, por que os amigos têm que ouvir de graça, rá, rá, rá, rá.

Mas os psicanalistas são um pouco mais que um ombro amigo, é ou não é?

Claro, mas ombro amigo, principalmente de amiga de infância, é indispensável... vamos tomar um Orvieto especial que eles têm aqui, é delicioso, você vai ver...

E a minha pergunta?

Qual pergunta?

Para você, Eugênio Charmon é um gênio da literatura ou um gênio da sedução?

Sempre achei e continuo com a opinião de quê Charmon é um escritor excelente.

Como resposta de político profissional, está ótima. Mas...

Está bem. Vou responder sem dialética, sem retórica...

Estou ouvindo...

Não posso saber se ele é um sedutor como pessoa. Sobre isso só conheço, como você, boatos e fofocas...

Você sabe que logo queima, não sabe? Muito bem. Mas só ficou sabendo que fogo queima quando se queimou?

Talvez, não me lembro... Mas e se a sedutora for eu e não ele, rá, rá, rá, rá... Olha o vinho aí, até que esse garçom é bem bonitinho, você não acha? Que tal?

O garçom?

Não, o vinho.

Muito bom.

Olha aqui, Dora. Leia este epigrama do Charmon.

Dora lê em voz alta: "Os bons espelhos somente são cruéis com quem se odeia."

Gostou?

Ótimo. Muito bom, mas está vendo?

O que?

Estas duas linhas, Michele, são a prova de que seu príncipe encantado se preocupa muito com o universo ela sedução, do narcisismo...

Bobagem. Eu sei que você gostou desse pequeno texto e sei também que acha o Eugênio Charmon especial como escritor... E agora vamos comer que o garçom bonitinho que serviu o vinho já vem com nossos pratos... Acho até que gostou tanto de nós duas a ponto de brigar lá dentro para servir também a refeição...

Na maior parte do jantar, a conversa irá lidar com os prós e contra de Michele ficar dois ou três meses em Paris. Dora achará estranhei a mãe de Michele aceitar com rapidez que sua filha única fique tanto tempo sozinha na Europa e ainda por cima se prontificou a pagar avião, hotel, aluguel de apartamento e uma gorda mesada para refeições, diversões, compra de livros... Mas no fim, acabou dando uma força para a amiga:

É só ficar sempre atenta, pés no chão, sem deslumbramentos... e não se preocupe com seu pai, sua mãe... você sabe que vou estar o tempo todo atenta a esses problemas. Deixa comigo! E procure aproveitar Paris, estudar... vai ser ótimo pra você...

Assim que alugar o apartamento, Dora, já estarei te esperando para ficar comigo o tempo que quiser, que puder...

Hoje Michele comprou as passagens e ligou para o pai.

Papai?

Não, Michele, é o Casanova... Claro que sou eu, querida... você outro dia saiu correndo com medo da minha vizinha... rá, rá, rá, rá... Estou com saudade de você, Chelinha. Te liguei duas vezes mas você e seu celular deviam estar um longe do outro...

Também morro de saudade, papai. Não vou te incomodar outra vez...

Algum problema?

Não. É coisa ótima pra mim. Acho. Uma amiga me convidou para passar uns dias com ela em Paris...

Sua amiga Dora?

Não, uma outra. Você não conhece. Vamos ficar uns dez ou quinze dias... O que acha melhor a gente fazer lá, quais os lugares, os museus...

Ótimo, fico contente que escolheram Paris. Você ainda não conhece, não?

Estive lá com você e mamãe mas tinha só cinco anos, lembra?

É verdade... Bem, por dez dias... deixa ver... Olhe, a primeira coisa é não perder muito tempo na Rive Droite, talvez só para olhar a Tulherie, a avenida Champs Elisées e... claro, uma visita ao Louvre, ao Jeu de Paume, o Musée Picasso, etc. O bom mesmo é ficar ali pela Rive Gauche, principalmente no cinquième, no Saint Germain de Prés, Café Flore... ou na região da Sorbonne, Jardin de Luxembourg... Sua mãe, por exemplo, gosta mais da avenida Champs Elisées, da avenida Montaigne, Fauhourg Saint Honoré... Ou então quando vai para o Quartier Latin, só se interessa pelo sixième, ali na região da rua Cherche Midi, por serem esses os lugares das casas de moda mais sofisticadas do mundo... Você vai adorar Paris... Infelizmente faz alguns anos que não vou lá... Um grande beijo, Chelinha! Dê minhas lembranças às pedras de Paris! E qualquer problema, me telefone... Ah, como você deve saber, o bom mesmo na cidade mais linda que existe, é andar sem compromisso pelas ruas e ruelas... o melhor de Paris, é Paris! Tchau, uma bela viagem!

## ***EVASÃO ANCORADA***

---

Mamãe me levou ao aeroporto de Guarulhos, ficou comigo até o avião decolar à meia-noite. Nosso motorista, o Lourenço, parecia triste com minha partida, vi até um pouquinho de lágrima no brilho dos olhos dele quando apertou minha mão. Mamãe comprou o Figaro de domingo, ficou com o jornal e me deu a revista que disse ser genial: o jornal, você vai Ler no avião da Air France, mas esta revista, sempre somem com ela... A maior parte do tempo, mamãe ficou me dando conselhos do tipo: não caia em conversa de desconhecido. Nem todo companheiro de viagem merece confiança. Paris não é São Paulo ou outras cidades do exterior que você conhece. Paris é pura sedução! Paris é um amor, mas amor são rosas e espinhos. Você não é tão adulta como pensa que é, só porque se formou em sociologia...

Antropologia, mamãe.

Isso! Você sabe que eu te amo. Quando tiver filho, vai compreender que mesmo amando os filhos sobre todas as coisas, nós mães cometemos alguns erros involuntários... Meu anjo, mamãe te adora! Vê se me telefona pelo menos uma vez por semana, hein! Tenho certeza que mamãe gosta de mim, me ajudou no telefone para reservar um quarto no Hotel Sorbonne por uma semana. Depois procuro apartamento mobiliado para alugar por três meses...

Quando chamaram meu vôo e caminhei para o portão de embarque mamãe me deu um abraço forte, longo e ficou chorando,

soluçando. Também chorei... Eugênio Charmon deve ter viajado ontem. Depois que eu estiver bem instalada no hotel, melhor ainda, depois do almoço telefono pra ele... Acho que estou com um pouco de medo e não sei exatamente do que.

No avião, na classe executiva, Michele sentou-se na poltrona da janelinha, o lugar ao seu lado ficou vazio até Paris. Pôde ver filme, jantar, ler à vontade, dormir, etc. Quando não vendo cinema, jantando boa comida e belo vinho francês, ouvindo música ou dormindo, leu mais alguns textos de Eugênio Charmon, como este, por exemplo:

"Fome gostosa de comer. Comer as formas todas que existem, existiram ou venham a existir. Comer a lua como se fosse nua. Apreciar a mulher e a casa juntas em sua permanência. Comer minhas idéias novas sobre todas as coisas para que fecundem outras novidades. Comer minha boca, saborear minha língua. Mastigar meus dentes. Depois, livre de mim, viver contente."

E agora estou caindo não só de sono mas também num buraco estranho onde me esperam um homem e uma mulher, me esperam mas ainda não estou no fundo profundo com lesmas, aranhas e cobras e ela é nua, ele é nu e me amam de longe, será que amo somente o amor? Mas eu adoro sexo, sou louca por todos os homens que desejo amar... Como, não entendi... Pardon!

Pode falar em português, você quer um copo d'água, um refrigerante, chá...

Não obrigada. Merci!

Michele dormiu umas três horas. Nem todos estão dormindo. Até que esta viagem não está desagradável... Mas porque deveria estar? Sei lá... Já viajei muito para fora do Brasil, já fiquei mais de um mês em Nova York, também passei meses em Londres... Sei lá. Será,

que algum impulso está me dizendo para não voltar mais para o Brasil?

Aí Michele pega mais um texto de Eugênio Charmon e lê: "A morte dos outros faz parte da minha vida. Ela nos afeta na medida que uma ausência definitiva pode alterar o script da história que estamos vivendo, machucar os sentimentos que estão investidos nos rumos desse roteiro onde o outro era personagem. Isto, sem falar na quebra de um campo afetivo entre duas pessoas onde o que sobrevive irá primeiro passar por uma meia morte, até que o campo forte de amor possa ser desativado. Assim, não há dúvida de que a morte de alguém com quem temos algum vínculo significativo faz, necessariamente, parte integrante da minha vida.

Mas minha morte, não faz parte da minha vida! Só faz parte da minha vida aquilo com que posso me relacionar no plano da percepção. Percepção aqui no sentido mais amplo, incluindo semelhanças com o que se costuma chamar de consciência. Ou seja: como pode fazer parte da minha vida, aquilo de que não posso ler consciência? Minha morte não pode ser vivenciada por mim. Quando ela acontece, não há mais a consciência, a percepção desse fato. Pensar na própria morte, preocupar-se com ela, sofrer por algo que não iremos vivenciar, experimentar, é tolice. E perda de tempo e da saúde. Como não temos completo controle sobre nossa vida, não é inteligente a obsessão por esse controle. O velho, a velha, a mulher e o homem maduros, o adolescente, o bebê podem morrer a qualquer hora. Meu tempo de vida não é estatístico, não se mede pela média. Mesmo que seja uma exceção de dez por cento do total, quem morre sou eu... O doente pode atingir a longevidade, sem deixar de ser doente. O sadio pode morrer cedo... Por isso, me parece bem melhor

investir no agora. Mas num agora afirmativo, bem vivo, mutante e modificador das circunstâncias, do ambiente, dos valores decadentes, imobilistas, um agora dinamizado pelo instinto de vida. Os problemas da vida podem ser resolvidos no plano social e individual. A morte, como problema filosófico, é insolúvel. Para que um problema seja problema, é necessário que traga consigo pelo menos a semente de sua solução. No caso de nós, bicho-bomem, existe o estar vivendo e existe, infelizmente, o pensar na morte, o medo do desconhecido, o pré-desprazer de ser excluído do jogo de viver... A morte do outro, pode ser vivida por mim, faz parte da minha vida. Minha própria morte só existe no medo de morrer! E nos pensamentos labirínticos sobre a finitude, o nada. Ou nas ilusões compensatórias... Pensar na minha morte é pensar sobre pensamento. E por trás dos pensamentos, há os sentimentos. O sentimento da morte ou desemboca em crenças numa eternidade futura, por medo de viver as dores e prazeres do natural jogo da vida, ou se transforma em pensamento filosófico freqüentemente de raiz metafísica. Os apegos a sentimentos negativos, são sintomas de conflitos não resolvidos, cronificados. Os conflitos externos não geram, necessariamente, sentimentos negativos. Quem cultiva sentimento negativo com relação à sua própria morte, não vive como quem está vivendo. Vive como quem vai morrer... Quem alimenta sentimentos negativos sobre si mesmo, não precisa de inimigos. Se tenho uma imagem negativa de mim, estou afirmando minha negação. Como fazem os que querem acabar comigo. Nada mais absurdo do que um tigre, uma tigresa ficar o tempo todo se sentindo e mostrando aos outros o oposto de sua tigretude. Quem insiste em afirmar sua negação, perde a condição de viver. Não fosse o paternalismo tão forte nas sociedades humanas, não nos apegaríamos

aos sentimentos negativos. Camus, ao sintetizar seu magnífico conceito do absurdo existencial, disse que se morremos, viver é um absurdo! Acho ótimo. Viver é tudo que temos. Viver é a única razão da vida. Mas acrescento isto: se tenho consciência clara e constante de que poderei morrer a qualquer hora, independente do meu desejo de vida, o erro está nesse tipo de conhecimento, de ciência, de consciência e não na morte. Os animais morrem como nós, é claro. Mas não vivem conscientes de que vão morrer. E por isso, nunca precisaram inventar metafísicas. Qual dos dois pode ter melhor qualidade de vida? Os animais ignoram que vão morrer. Nós humanos sofremos com a consciência da própria morte."

Melhor que o Charmon, só outro Charmon... Bom, pelos meus cálculos faltam apenas duas horas para chegar... Nunca tive medo de avião, mas esses recentes e crescentes atentados contra aviões, bombas a bordo, homens-bomba... Sei lá, não sei direito se é isso que me está tirando o prazer desta viagem. Acho que são incertezas, muitas! Syl vous plais... pardon, por favor, quantas horas faltam para a aterrissagem?

Este aeromoço é lindo e tem um charme incrível...

só espero ver em Paris muitos como ele. Até o sotaque é gostoso.

Já estamos chegando... Gostou da viagem? Mais umas duas horas e você estará em Paris...

Obrigada... merci...

É melhor eu ler Eugênio Charmon mais um pouco. É tudo tão bom e fico mais concentrada, fico sem pensar pensamentos inúteis, esqueço os sentimentos negativos... Sei lá, acho que minha psicanalista estava certa. Continuo temendo me soltar. Detesto ser

dispersiva e me amarro mesmo quando penso estar solta. Mas pensar nisso, só leva a mais conflitos, a mais incertezas... Vai dar tudo certo. Por que não daria? Ah, este outro texto aqui parece falar de solidão: "A solidão acontece quando nos falta amor ou ódio. Como se sabe, quem ama alguém ou alguma coisa não se sente só, mesmo não sendo correspondido. Quem odeia outra pessoa ou coisa, também está sempre acompanhado por esses objetos de ódio, de paixão. Tanto é assim, que quando a decepção com um grande amor é muito forte, geralmente se transforma em paixão-ódio. E não sentimos solidão profunda porque o ódio passa a nos fazer companhia. É comum vermos homens ou mulheres que, na realidade, jamais rompem o relacionamento com a pessoa que abandonam ou são por ela abandonados. Mesmo morando distante um do outro e sem mais se cruzarem, continuam ligadíssimos pelo vínculo do amor ou do ódio. Vou agora me concentrar em outro tipo de prazer, vamos ver se encontro uma música que gosto de ouvir, digitando esses botões... Pronto, achei! Que sorte... adoro Telemann... que delícia!

Acho que agora só falta uma hora para aterrissar no Charles De Gaulle. É melhor eu já ir ao toailete antes que todos aqui queiram a mesma coisa ao mesmo tempo...

Ao ir e voltar do banheiro e sem relação com isso, Michele pensou na possibilidade de Eugênio Charmon não ter viajado para Paris. Ou, pior ainda, talvez tenha desistido de passar dois meses na França... Não dá pra fazer amizade agradável e confiável depressa... Coloquei todos os ovos numa só cesta... A cesta acaba de cair, os ovos quebraram todos. E agora? Já de volta à sua poltrona, preocupadíssima, chegou até a tropeçar nos pés de um passageiro que parecia dormir tranqüilo ocupando com a perna estendida um terço do

corredor. Caiu sentada no colo de uma senhora que acordou assustada, etc. Mas isso talvez tenha servido para acordar também a memória que informou Michele sobre uma ex-colega de escola que mora há dez anos em Paris. Não pretendia visitá-la, não temos nada em comum. Mas no caso do Charmon não ter vindo, ligo para a Dora, sei que ela tem o endereço, o telefone da Dalva Toledo... eu não gostava dela nem um pouco! Ótimo. Bem, o avião já deve estar sobre território francês. Até agora não posso me queixar da viagem... Vou ler mais um pouquinho do Charmon e... Viva Paris! Deixa eu ver... ah, este parece de acordo com Paris: "Sartre tem razão quando fala que querer possuir o amor da pessoa amada, querer ser dono do desejo do outro, não dá certo. No Ser e o Nada, insiste que quem ama está sempre querendo possuir a liberdade da pessoa amada. Mas a contradição, insolúvel para Sartre, está no fato de desejar que o objeto de seu amor mantenha o frescor, a beleza, o charme especial de quem é livre e, ao mesmo tempo, seja um prisioneiro. Por isso, o excelente pensador francês condena ao fracasso o projeto dos amantes. E ele está certíssimo. Sem dúvida uma percepção criativa da principal causa dos sofrimentos de amar. Mas o curioso é que sendo Sartre, como se sabe, um sedutor irrefreável, não tenha notado que o fracasso reside apenas no amor idealizado, no chamado amor romântico, ator-felicidade-eterna, amor-remédio contra o medo de viver, etc. O famoso projeto sartreano do longo caso de amor com Simone de Beauvoir, que tanta influência exerceu mundo afora e que ainda faz parte da prática e do desejo de muitos casais, não deu certo. Claro. Ambos caíram na armadilha que Sartre explica no Ser e o Nada. Ambos exerceram a liberdade de ter amantes com o consentimento do outro. Mas ao mesmo tempo, não abdicavam de um mútuo apoio intelectual, político, social e afetivo.

Temeram a solidão do amante sem ninho, sem porto seguro para retorno das aventuras consentidas. E por isso, nenhum dos dois desistiu da necessidade de aprisionar o desejo do outro. Ou seja: nós dois somos livres, mas um deve relatar ao outro os passos de sua liberdade... Agora, quem gosta de seduzir, gosta de amar. Gosta muito. Gosta inclusive de se dar ao outro. O fascínio de quem seduz vem do fato de amar o amor. O sedutor, a sedutora amam o jogo da sedução que é sinônimo de jogo de amor. Quem ama quer também se dar. Com o sedutor é a mesma coisa, só que não no sentido de se perder, de se anular frente à pessoa amada. Sem forte jogo de sedução, pode-se falar em amizade, companheirismo, nunca em amor. Amor não é um ideal, é um jogo forte, de profundo e maravilhoso envolvimento bilateral. Quem não sabe que o amor é inimigo da monotonia? Por isso, o gosto da sedutora, do sedutor pela chamada variedade. A sedutora não é uma fanática trocadora de homens, nem o sedutor só pensa em trocar de mulher. Isso é intriga dos não sedutores. O gosto pela variedade é apenas um antídoto contra o tédio da monotonia. Quem seduz, só troca quando o campo vivo do amor se congela na rotina, no desamor, quando cessa o jogo vital da mútua sedução. Por outro lado, quem gosta de seduzir não está sempre à procura de alguém que se enquadre no seu particular modelo ideal. Isso seria pensar que o sedutor é um místico em busca desesperada por algum tipo de transcendência. É precisamente por se satisfazer de maneira completa que deseja novas satisfações, jamais novas repetições. Talvez por isso se costuma ver o sedutor como aquele que só pensa em conquistar mulheres, qualquer mulher, só por vaidade, só para provar a si mesmo que é invencível nessa arte. Bobagens! O sedutor jamais transmuta desejo em fantasia. As mulheres que ama

são reais. Os sedutores não sonham com amores irrealizáveis. Fora do amor impossível, do amor contrariado, não existe amor eterno. O mito ou o desejo do amor eterno, de certa maneira, tem origem na instituição do casamento monogâmico. Os homens tinham e ainda têm em algumas culturas uma vantagem injusta contra as mulheres, nas formas de casamento que permite apenas a ele ser poligâmico. Claro. E mesmo na monogamia para ambos, até pouco tempo, as leis favoreciam apenas o marido, etc. Mas o sonho, o mito, o desejo do amor eterno, têm origem no dogma do casamento, na necessidade do papel protetor de um pai permanente para os filhos, para a família, para a própria mulher então muito dependente de proteção masculina. E como a aceitação pela mulher dessa condição, fosse um comportamento estratégico e tático, jamais romântico, a necessidade de segurança sublimou-se em anseio afetivo e poético pelo amor eterno de um homem ideal que pode ser até mesmo o seu marido. E no caso do homem atual, que não mais é dono da mulher, também ele espera que a própria esposa seja a mulher de seus sonhos..."

Delícia de texto. Nada melhor na vida que ler Eugênio Charmon! Só espero que ele já tenha chegado... Tudo que está neste pequeno ensaio me parece perfeito, criativo. Mas a Dora tinha razão. Preciso ficar atenta! Charmon não é apenas um sedutor, é ideólogo da sedução... só que não tem nada de egoísta, de machista...

"... e a temperatura em Paris é de doze graus centígrados. O comandante Picrre D'Arcy, em nome da tripulação agradece sua preferência e deseja a todos uma ótima estada em Paris, Merci."

## *MICHELE EM PARIS*

---

Alô, Charmon? Ali, que ótimo! Viajei comigo mesma e com você... vim lendo aqueles pequenos textos seus. São simplesmente excelentes, sem eles a viagem seria menos boa... Cheguei sozinha no confuso aeroporto De Gaulle. Com o táxi também não houve problemas maiores porque o motorista coreano falava um francês pior que o meu, rá, rá, rá, rá. Ele praticou a tradicional ambigüidade de não saber-sabendo o roteiro até o Hotel Sorbonne. Já almocei, mal, num restaurante aqui perto do hotel... Você está com algum compromisso?

Que bom que você veio, Michele! O divertido das viagens são os pequenos problemas, não é?

Mas até que não foi das piores. Deu para dormir algumas horas. Acho que estou descansada e sem os efeitos da Decala... Como é mesmo que falam Jet Leg aqui na França?

Decalage horaire.

Pois é. Charmon, se for bom pra você, se não está com nenhum compromisso, que tal a gente se encontrar?

Michele, agora são duas horas... vinte pras duas, veja bem, é só uma sugestão: acho que o melhor que você poderia fazer, antes de nos encontrarmos, é ir à École de Flutes Études, que fica não muito longe aí do seu hotel, é no Boulevard Raspail, vai perguntando no caminho, dá pra ir à pé. Você trouxe o papelório para se matricular no curso de Antropologia?

Trouxe.

Então, é melhor ir logo. Do contrário, só depois de 1 de janeiro... Também vou comer qualquer coisa aqui perto do apartamento... Me liga no fim da tarde pra gente ir jantar junto. Quer jantar comigo?

Que pergunta! Claro, tchau, te ligo no fim da tarde. Merci infiniment!

Gostei do infiniment... tchau!

Como te disse, já estou matriculada. Lá deu tudo certo, a escola não era mesmo muito longe. Para encontrar o Café Flore é que os franceses a quem perguntei complicaram um pouco. Dois não sabiam o que era e o terceiro respondeu muito rápido e com um pouco de má vontade... Mas já estou aqui!

E linda como uma parisiense bonita!

Que abraço gostoso... Obrigada por tudo... Passei ali pelo Deux Magots. Que tal a gente sentar lá? Caso você queira... O Deux Magots parece estar mais quentinho dentro daquele lindo terraço envidraçado de esquina... Que tal?

Porque não? Também gosto de lá. No Deux Magots a gente tem melhor visão do boulevard, da pracinha que agora se chama Beauvoir — Sartre, da bela igreja de Saint Germain de Prés...

O garçom sempre solene espera os pedidos. Michele e Charmon decidiram tomar vinho tinto. Charmon: Deux verres de Saint Emilion rouge, s'il vous plait.

Saint Emilion?

Oui, Bordeaux Lussac Saint Emilion.

Et pour manger?

Pas maintenant. Un moment...

Michele mudou de idéia. Apontou na carta de vinho um Kir Royal, que é licor de cassis com champanhe.

Antes que a gente se esqueça, Michele, anota aí o endereço do meu apartamento: 41, Rue Mazarine. É perto daqui. Você volta por onde veio, pelo Boulevard Saint Germain na direção do Boulevard Saint Michel... e quando chegar na Rue de Seine, entra a esquerda e pergunta pela Rue Mazarine, não dá para errar...

Mas você não pretende me convidar para conhecer seu apartamento?

Rá, rá, rá, rá. Você gostaria? Talvez depois do, jantar, tá bom? Michele, você está sentada de frente para o apartamento onde Sartre morava com a mãe dele... Está vendo lá no fundo aquele prédio de sete andares? O da esquerda. Ele morava no sexto andar. E o apartamento de esquina entre as ruas Bonaparte e Apollinaire, está vendo?

É. Sem dúvida um bom endereço para quem filosofava e seduzia discípulas aqui no Deux Magots e no Café Flore. Casa e cafés da moda, tudo perto... Por aqui bebiam e conversavam existencialismo, devia ser ótimo!

Ótima também a auto-ironia que fazia sobre o sucesso com os intelectuais e artistas sempre a seu redor, e mesmo com as charmosas existencialistas que viam Sartre como um atraente Don Juan, apesar de ser bem mais feio do que gostaria... Ele, com humor, se dizia um sacerdote, um cardeal e chamava os admiradores de acólitos, ou seja, aqueles jovens que tendo feito voto de celibato, ajudavam, serviam bispos, cardeais...

Agora aqui não existem mais artistas, intelectuais... Não, acabou há muito tempo. Mesmo parisienses são raros. É quase tudo turista

procurando lugares míticos da cultura francesa. No Café Flore, ainda aparecem alguns remanescentes já nem velhos... No ano passado vi a Juliette Greco, lendária musa do existencialismo, numa mesa do segundo piso. Parecia ainda ótima, muito charme, etc. Ninguém como ela cantou tão bem este pedaço de Paris: "Il n'y a plus d'après a St. Germain de Prés." À letra da música diz que aqui, cada encontro romântico é único no tempo. Não há o antes, nem o depois. Por isso: "Voici l'éternité de Saint Germain de Prés."

Então, Charmon, vamos aproveitar correndo essa rápida eternidade, rá, rá, rá, rá.

Com certeza... Os chamados filósofos, jornalistas culturais, artistas plásticos, músicos, cineastas da França e do exterior costumam freqüentar o Flore. Saint Germain de Prés ainda é um dos quartiers mais agradáveis de Paris. Pelo menos para alguém como nós que gosta de arte, de cultura, de coisas não só comerciais...

Mesmo sem a mesma força mítica, não é?

Isso. Mas sabe que também no passado, aquilo que hoje é mito, também não era diferente de hoje?

Não entendi direito onde você quer chegar...

Eu chego lá... Olha: aí está o seu kir e o meu vinho. Santé. A nós dois e a todos os que são ótimos como nós! A nossa rápida eternidade...

A nossa saúde e vontade de viver! E viva Paris!

Viva! Eu falava sobre...

Você falava sobre mitos...

Pois é. Os turistas, os caçadores de lugares míticos, pensam que no fim dos anos 40 do século passado, aqui nestes cafés e nas tais caves, em seu auge os envolvidos no movimento existencialista

viviam uma experiência mítica. Na realidade só existe mesmo é a mitificação. Seja quando os fatos especiais, geradores dos mitos, estão acontecendo, seja no futuro, já consagrados e cultuados como mitos... Então, tanto faz você, eu, termos visto o Sartre sentado aqui neste café quando era um professor de filosofia que tinha publicado textos de valor e só conhecidos por intelectuais e alunos e tenha feito como tantos outros militância na resistência, etc., tanto faz isso, como nos sentarmos aqui, agora, e dizermos: Na metade do século passado, sabe quem esteve sentado nas cadeiras onde estamos agora?

Simone de Eeauvoir e Jean Paul Sartre...

Pois é. Acho que o curioso da coisa mítica é que ela não foi também no passado, da maneira que imaginamos ter sido. O fato mítico só existe quando mitificado, não é? Mitificado enquanto está acontecendo alguma coisa que precisa ser magnificada, como faz atualmente a mídia, ou mitificado posteriormente, como sempre se fez. De acordo?

Sei lá se estou ou não de acordo... Sabe que você embriaga as pessoas?

Eu? Mas você só tomou essa pequena taça de kir!

Não, seu bobo! Você sabe muito bem do que estou falando, rá, rá, rá, rá. Você é um homem fascinante, você realmente encanta...

Não. É por causa de Paris. Paris é como o luar dos românticos... Não sou nem a favor, nem contra a existência dos mitos, claro. Mas como tenho percebido que você ama literatura muito mais do que eu... você, bela Michele com esse pulôver de um azul diferente, essa gola rolê destacando rosto cheio de mistério, você não concorda que a permanência dos mitos é, antes de tudo, uma homenagem que os povos de todos os tempos prestam aos ficcionistas seus criadores?

Saindo do Deux Magots, Michele e Charmon atravessam o boulevard Saint Germain na altura da Brasserie Lipp e caminham até a Rue du Dragon, onde ele disse que tem um restaurante de bom preço e ótima comida, É de um italiano, mas a especialidade é cozinha francesa tradicional, rá, rá, rá, rá. E ainda por cima se chama Ferme de France. Há uma vantagem extra: assim que a gente se senta servem, de graça, um kir? Não é chique, não é solene, nunca está na moda...

Então vamos depressa que estou morrendo de frio...

Posso te dar meu casaco?

Não, obrigada, é só a gente andar mais rápido.

Michele dá um gole grande no kir. Charmon quer comer Poulet a La Ferme. Michele escolhe Saumon Sauce Oseille. Ele pede também um Demi Pichet de vinho tinto.

Saindo contentes e mais aquecidos do restaurante, caminham pelo Boulevard Saint Germain. De repente, uma mulher elegante e bonita de uns quarenta anos, acompanhada de uma outra, pára sorrindo na frente de Charmon dizendo:

Você é o escritor Eugênio Charmon, não é?

Sinto muito... Pareço com ele?

Desculpe, mas foi uma amiga de São Paulo que me mostrou o senhor outro dia e... Desculpe!

Isso acontece...

Michele achou melhor pegar o braço de Charmon... morro de frio! Já estamos chegando no seu apartamento?

Quase.

Incrível como as pessoas te conhecem... nunca saem fotos suas nos jornais, nas revistas, você não aparece na televisão, não vai a Feiras de Livros, nem faz noites de autógrafos...

Pronto, agora é só entrar aqui na Rue de Seine, é logo ali, na Mazarine...

Ah, que delícia. Seu apartamento está quentinho! Vou tirar o pulôver... e você ainda está com esse casacão quentíssimo?

Venha ver que vista gostosa dos famosos telhados de Paris... Não é grande, tem só esta sala com terraço, uma cozinha, um quarto, um banheiro, mas está num lugar ótimo... para o meu gosto.

Michele vai até o terraço onde está Charmon, que abriu só um pouco da porta envidraçada para olhar a rua lá embaixo, como gosta de fazer. Ele ainda não tirou o casaco. Ela encosta a cabeça no ombro dele... E rapidamente:

Aqui está frio vamos pra dentro!

Você quer tomar um Armagnac?

Quero sim, ótima idéia! Charmon, acho que li em algum livro seu que sedução nunca é o que você pensa ser, mas o que o outro acredita que você seja.

Não me lembro disso. Mas faz sentido...

Posso te fazer uma pergunta meio boba?

Você jamais fará pergunta boba! Mesmo que não seja uma pergunta super inteligente, se vier de você, será um prazer ouvir e se eu souber a resposta...

Você me acha atraente?

Não!

O que?!

Claro que não é atraente... Você algum dia viu uma mulher bela, sensual, misteriosa, inteligente, culta, criativa, com um charme incrível que fosse atraente? Você tem todas essas qualidades em alto grau e não é atraente. Isso não é estranho?

Michele, que já estava decidida a seduzir Eugênio Charmon naquela noite, começou a rir tanto que quando percebeu estava abraçando ele, os dois rostos fazendo carinho um no outro, Charmon beijou de leve o rosto de Michele, roçando os lábios na ponta macia da orelha, ela está arrepiada e querendo dar e receber mais... Beijo na boca.

Na cama ele deixa Michele ainda mais excitada. Foi beijada dos lábios aos pés, dos pés às coxas. A barriguinha mereceu carinho especial dos lábios e da língua de Charmon que chega ao clitóris... a penetração devagar, com amor, suave e firme...

## *SAIR DE CASA*

---

Pronto. Agora é amor mesmo! Vou me casar com Charmon, custe o que custar... Michele nunca esteve tão determinada. Mesmo sem casamento, vou viver com ele. Não tem dúvida de que Charmon também está gostando dela, me achando especial, única. Aliás, percebi isso nos olhos dele na primeira vez que nos vimos. Finalmente, encontrei um homem que quero de verdade pra mim! Quando eu e ele voltarmos pra São Paulo, vou sair da casa do Morumbi, arrumar um emprego que pague bem, alugar um apartamento e vamos viver juntos de alguma maneira. Eu sei que vou conseguir... O campo de mútua sedução entre nós dois jamais irá desaparecer! Nem ele nem eu gostamos de rotina! E logo, como acontece naturalmente com as mulheres, salvo raras exceções, e nisso nenhum homem é melhor que elas, Michele acorda para a ambigüidade: em nenhum momento vou mostrar minha paixão! Vou fazer que ele se apegue ao meu jeito natural, espontâneo... já vi que é disso que Charmon mais gosta numa mulher, preciso também fazer ciúme, vou olhar às vezes para homens atraentes, mas de maneira bem rápida como se quisesse que o gesto fosse secreto... hoje, inclusive, nem vou telefonar pra ele...

Michele dormiu bem. Acordou achando estranho estar num quarto estranho. Mas não demorou a perceber que estava no hotel. São nove horas, toma na cama o café da manhã com suco de laranja, pão e manteiga, queijo, o jovem que trouxe a bandeja é bonitinho e ultra

gentil... Que delícia estar apaixonada de verdade exatamente pela pessoa que a gente gostaria de gostar... Mas se lembrou logo que é vital esconder o jogo, fazer ciúme, mas não muito e contradizer, também sem exagero, algumas afirmações que Charmon faz com entusiasmo.

Michele vai até a escola de Ciências Sociais e gosta de andar pelas ruas de Paris, a manhã está deliciosa um pouco de sol, um frio agradável, o boulevard Raspail com sua arquitetura meio art-nouveau... Por acaso, claro, ficou conhecendo lá um jovem brasileiro de Florianópolis que se matriculava, veio com bolsa da Universidade Federal de Santa Catarina. Estava apressado, os pais esperando num carro alugado, iam viajar uma semana pela Itália. Michele pergunta na secretaria se está tudo caminhando direito com os papéis que deixou, confirma o início das aulas, 2 de janeiro, volta de lá e passa pela Place Sorbonne, pertinho do seu hotel para comprar dois livros indicados pelo professor Japuí. Decide sentar um pouco num daqueles quatro ou cinco cafés-restaurant que tem ali, cheios de estudantes e professores da Universidade. Pede um suco de laranja e fica lendo por quase uma hora. Só achou um dos livros indicados pelo professor Japuí: *Les Ficelles du Métier*. É de um sociólogo americano da famosa Escola de Chicago, traduzido na França. Livro pragmático, *Os Truques do Metier* esgota o tema de como conduzir pesquisas em Ciências Sociais. O autor, Howard Becker, sociólogo e pianista de jazz, mistura empirismo e uma espontaneidade culta com ironia bem humorada. Parece útil e divertido. Mas comprei um outro que é sobre sociologia da sedução, por vários autores. Este Michele ainda não folheou. Acha que poderá ajudar na sua tese e, quem sabe, aprender sobre sedução para se relacionar melhor com o mestre Charmon... Gostou muito do

lugar, jovens franceses e do mundo inteiro numa convivência alegre, intelectual, entre alunos e professores em clima bem parisiense de café-terrace onde estudo e conversa e muita política se confundem. Um charme jovem mas do tipo que Michele gosta. Resolve então dar um pulo no hotel pra ver se tem algum recado. Tem. Mas não é do Charmon. Dora telefonou de São Paulo. Liga para ela: Dora, tudo bem? É Michele... Claro que estou falando de Paris! Você me ligou...

Você vai bem? Está tudo o.k. com você, Michele? Te liguei porque telefonei para sua casa, queria o telefone aí do hotel, que havia perdido. E sabe quem atendeu? Seu tio Egisto. E foi ele mesmo que procurou e encontrou seu telefone. Achei esquisito. Conteí pro Jorge. Ele deu uma investigada rápida e descobriu que o Egisto havia se mudado para sua casa... Por isso que sua mãe estava querendo tanto que você viajasse por alguns meses... O Egisto é amor platônico da sua mãe desde sempre, Michele!

Dora. Aqui está tufo indo maravilhosamente. A última coisa que preciso agora é me aborrecer com problemas lá de casa. Ele é irmão da mamãe! É meu tio... E depois, hoje mesmo acabo de decidir que vou mesmo sair lá da casa do Morumbi. Assim que chegar aí, alugo um apartamento, lenhei certeza que papai pagará o aluguel até que eu comece a trabalhar num emprego que pague melhor, como o seu... E veja, Dora: mamãe tem culpa do que? Que você faria se seu marido saísse de casa como fez o papai? Chega! Não quero mais morar lá, depender dos pais...

Michele disse à Dora que o Eugênio Charmon não havia ido para Paris. Agradeceu de verdade o fato da amiga estar preocupada com ela e com os problemas da sua família e garantiu que, no

máximo, dentro de uns dez dias já terei alugado um apartamento em Paris onde ficarei esperando você, querida...

Depois Michele deixa o hotel e vai até o Jardim de Luxembourg, também pertinho. Andou lá por uns vinte minutos e foi uma deliciosa sensação de bem estar. Super-agradável! Às árvores, as estátuas de mármore branco cantando rainhas, escritores, mitos gregos, as belas castanheiras entre jardins bem cuidados. Sentou no restaurante com mesas ao ar livre, até que não estava tão frio, não chovia. Almoçou. Volta pro hotel e encontra recado do Charmon. Liga pra ele.

Você dormiu bem, Michele, mon amour? Achei um apartamento ótimo pra você alugar. Ainda não falei com o corretor, mas o pequeno anúncio que tinha na vitrine da agência dizia o lugar, o preço, um quarto, uma sala, cozinha, banheiro...

Onde é?

Fica entre Saint Germain de Pres e a sua escola, lugar perfeito. É na Rue du Cherche Midi. A hora que você quiser a gente pode ir dar uma olhada, quem sabe você gosta... Ah, Michele: tive uma idéia...

Só uma? Você é uma fonte de idéias criativas e sabe disso. Fala.

Penso em nós dois sairmos de Paris por uma semana... O Natal aqui não é festivo, alegre como o de Nova York ou mesmo de São Paulo. Aqui é chatíssimo.

Sair de Paris?

Só por uns dias. Penso em alugar um carro... passear um pouco por essa França tão egoísta de suas coisas, mas de paisagens e arquiteturas e pequenas cidades gostosas de sentir. Reviver no Vale du Loire castelos da Renascença com projetos de Da Vinci, beber vinho nas adegas da Borgonha, um Pinot Noir, por exemplo. Descer até a Provence, conhecer Saint Remy, cidadezinha provençal que respira

charme e arte. Dar uma chegadinha em Saint Tropez, que mesmo no inverno...

Não precisa dizer mais, já comprei seu pacote turístico...

É, de fato ficou parecendo texto para seduzir turistas, rá, rá, rá, rá. Mas tenho certeza que você vai gostar!

Só porque você gosta, eu também vou gostar?

Mas claro. Se eu sou seu namorado e você é minha namorada e se a França gosta de amar a arte, a filosofia, a política e os que se amam, viva nós dois e vive la France! Rá, rá, rá, rá, rá.

Oh. Quando?

Amanhã mesmo ou depois de amanhã...

Já almocei. Se você quiser, acho interessante sua sugestão de ir ver o tal apartamento e se alugar, pode contar aqui com sua namoradinha para parceira de viagem pela fascinante France éternelle do eterno escritor Eugênio Charmon, rá, rá, rá, rá.

Michele achou conveniente o tal apartamento, sem defeitos maiores, é bonitinho, prático, tem uma vista boa de olhar, a rua é sofisticadíssima, paraíso dos estilistas de moda. Gostei. O preço é pequeno, 1400 euros por mês.

Apartamento e o carro foram alugados logo em seguida. No dia seguinte às nove horas já estavam na estrada rumo ao sul da França. Quase três horas de viagem, Michele dirigiu uma hora e, de repente:

Nossa, que beleza! Você tinha razão, Esse castelo é das coisas mais impressionantes que já vi. Pára um pouco o carro. Visto desta distância é deslumbrante. Incrível como esses pintores da Renascença italiana eram geniais também como arquitetos.

Aqui em Chambord, Michele, só tem o castelo, um hotel e restaurante juntos. Nada de cidadezinha ao lado, mas é tudo aberto,

amplo entre jardins e árvores, não se passa por solenes portões com seguranças, não há piscinas e quadras esportivas nem parquinhos de diversão para crianças, há uma farmácia e duas ou três lojinhas de souvenirs. O restaurante é para gourmets. O hotel é mais modesto, mas confortável e logo cedo ao abrir a janela, a gente vê o castelo a vinte metros de distância. Isso se você quiser também dormir aqui...

Quero sim. Estou adorando Chambord.

Com exceção da demora excessiva para os garçons servirem, talvez por não ser época boa para turismo aqui, temperatura de 14 graus, o serviço é lento, quase sonolento, com perdão do trocadilho. Fora isso, Michele, achei o almoço bem gostoso.

Eu também. O Filet de Sole Gourmet estava impecável!

E o branco touraine, aqui da região, não podia estar melhor...

Acho que bebi demais...

No dia seguinte: Que horas são, Michele?

Deixa eu ver... nove e meia.

Já vou levantar.

Que tal se a gente chamasse o café?

Prefere aqui no quarto? Pra mim está bom.

Após o café da manhã, Michele começou rápida a falar de sua tese para a faculdade.

Charmon, ainda meio com sono, entrou no assunto como pôde: Olha Michele, na realidade o que existe é uma dinâmica de opostos entre sedutora e seduzido, entende? Qualquer coisa assim como a tal interface, que tanto gostam os intelectuais franceses. A tensão que se forma entre os dois pólos, quando se forma, é que é a sedução...

Já li isso em algum livro seu e acho excelente. E o que você chama de campo de sedução, não é?

Exatamente... Mas seu rosto, seu corpo, sua maneira de olhar, sua vibração maravilhosamente feminina, sensual, desviaram o rumo do que eu ia dizer...

Você falava do tema da minha tese...

É... me lembro que você me falou da sua pesquisa sobre o conceito gênio na história: Daimon, na Grécia... E na Roma antiga, o Gênio do Lugar, o Gênio da Cidade, o Gênio do Lar, o Gênio do Homem, o Gênio da Mulher...

Mas então, Charmon, Gênio entre os romanos, seria uma alma?

Claro que não, Michele...

Por que?

Simplesmente porque quando a pessoa morria lá, então, o Gênio também morria junto... não era eterno... O Gênio, entre os romanos, como posteriormente na Renascença, era assim uma espécie de marca pessoal, uma grife, um caráter, um estilo próprio... Só no romantismo é que começa a ambigüidade entre um estilo forte, marcante e a tal inspiração divina...

Genial! Você, e o que será minha tese... Mas me permite acordar sua memória mais uma vez, você outro dia começou a falar sobre a exploração que sofrem os gênios...

Isso. O uso que as culturas ocidentais vêm fazendo do personagem gênio desde a Renascença. Indivíduos com talentos mais significativos, em diversas áreas, são incentivados, levantados...

Ou rebaixados. Há o reforço positivo e o reforço negativo...

Correto. Destruídos ou promovidos de acordo com sua utilidade social, política, cultural para uma comunidade, para o Estado, etc. Isso visto pelo lado sociológico, não é? Agora, pelo lado individual, psicológico: o gênio pode ser o agente, o ator de sua permanência

como um personagem-gênio enquanto vivo. E aí, Michele, sugiro que você estude a possibilidade de aplicar os conceitos dialéticos bode-expiatório, mártir, vítima, de um lado, e gênio do outro, também no universo psicológico. Por que a sociedade ou um grupo social com poder e mais próximo do personagem, cola nele a máscara do gênio? E às vezes esse mesmo grupo ou outro, arranca essa máscara para colocar a persona, o papel social, a máscara oposta. A de bode-expiatório. E minha sugestão vai no sentido de que o indivíduo seria um co-agente desse processo de duas faces. Ou seja, a vitimização ou a glorificação, com ou sem mérito do indivíduo diferenciado, não acontece só por desejo e capacidade criativa e habilidade política do chamado gênio. Ou somente porque o grupo social, a cultura, o Estado assim determina... tanto a sociedade como o indivíduo são autores, agentes desse processo.

Nietzsche e Picasso talvez pudessem servir de exemplo a ser pesquisado nesse rumo que você indicou... Ou Mozart...

Acho que sim. A primeira vista, parecem exemplos adequados. Mas sem se esquecer de Kafka, evidentemente! É, o poder de sedução de uma obra ou o poder de sedução do autor dessa obra, podem modificar o fator necessidade social, digamos, o olhar da sociedade vis-a-vis o gênio. Picasso, sem dúvida, sempre afirmou, contra tudo, contra todos, sua força criativa.

E seu poder pessoal de sedução.

Sem dúvida. Mas Nietzsche é um caso mais complicado, a meu ver. Sua doença de origem sífilítica ou psicológica, talvez mental... Em seus textos, pode-se ler com clareza um forte ressentimento que ele ora racionalizava para não ver, ora arriscava tudo, ousava como gênio numa força afirmativa, que nenhum grande filósofo antes dele

teve coragem ou auto-confiança para fazer... Talvez seja um bom exemplo, Michele. Embora a destruição saudável que ele faz da metafísica, até hoje seja de difícil aceitação fora da esfera intelectual e estética...

Pena que alguns bem medíocres ou fascistas também gostem de Nietzsche...

Me dá um beijo, Michele. Você é ótima... Sem sua parceria, seu feed-back, jamais teria conseguido organizar melhor minhas idéias sobre esse...

Assunto genial? Rá, rá, rá. Ótimo é você, Charmon. Quem não te ama, não sabe o que é amar...

Michele fala isso em tom ambíguo, mas não tanto e agora Charmon, acho que vou conhecer esse castelo por dentro, fazer um pouco de turismo... já sei que você só gosta aqui do visual mais amplo...

Quero andar um pouco pelo parque, depois te espero no bar, preciso ler uns jornais, tomar um suco de frutas. Tchau.

Do Vale do Loire, seguiram rumo da Borgonha. Passando por uma adega à beira da estrada, provaram um Pinot Noir Grand Cru. Michele fez questão de comprar uma garrafa e dar para Charmon. Foram almoçar em Dijon, uma das capitais francesas da boa comida. Dormiram lá e no dia seguinte à tarde já estavam entrando na Provence.

Charmon não gosta muito de Aix-en-Provence e levou Michele para conhecer uma cidadezinha chamada Saint Remy. Atualmente anda meio lotada após ricos e famosos construírem belas casas na região. Mas no inverno tem uma freqüência menos excessiva, sem que o lugar perca o sabor especial. É de um charme discreto, nada de

modismos gritantes. Nem os artistas e intelectuais famosos ou aspirantes a isso, nem os ricos elegantes e seus imitadores, juntam-se em pequenas castas excludentes ou se exibem demais. Daí Charmon gostar de Saint Remy. Dá pra brincar de ser, ao mesmo tempo, ator e espectador, sem compromisso...

Charmon, estou morrendo de fome! E você?

Então vamos jantar. Tem aqui um restaurante italiano, que tal?

Adoro comida italiana...

Pararam o carro numa rua próxima e foram andando até o Sette e Mezzo, que fica num pátio. Depois a gente acha o hotel, a cidade não está com muita gente... Ah, é aqui, não é simpático?

Gostei.

Michele pediu Frango à Bergamasca e Polenta. Charmon continuou fiel à sua pequena paixão: Espaguetti al Pesto. O vinho ficou sendo o Valpolicella Bertani.

Quando chegamos, pensei que o restaurante fosse ficar deserto, só nós dois e os garçons. Já chegou mais gente, isso ajuda aquecer a noite meio fria, não é?

Sem dúvida. Por falar nisso, já tem uma jovem olhando pra você, não me parece muito bonita... Ela está aquecendo a noite?

Aonde?

Lá naquela mesa perto da janela, está com um amigo, namorado, marido, sei lá.

Vou discordar de você. Ela é linda!

Será que olha por saber que é o famoso escritor brasileiro Eugênio Charmon? Ou porque você é mesmo irresistível independente de qualquer valor-agregado, rá, rá, rá, rá.

Que nada! É por sua causa, Michele... Como é que alguém feio e com idade para ser seu pai ou mais que isso, pode estar em clima de namoro com uma garota belíssima e atraente? Só pode ser um homem rico, famoso ou ambos...

Mais que isso, Charmon. Acho que está pensando assim: quem será esse homem super-especial? Claro que ele deve ter algum segredo, algum charme secreto... Já estou doida de desejo por ele!

E por que não? É bem possível... você realmente é uma escritora. Pena que não escreve... Sabe enxergar fundo aquilo que a maioria mal consegue ver... rá, rá, rá, rá. Michele, que tal a gente deixar pra tomar o café no hotel... Conheço um que fica aqui pertinho.

Ah, Charmon, aqui está tão gostoso... ou fica tarde e aí a gente não vai mais conseguindo vaga em hotel?

Ok. Mas a minha nova namorada lá naquela mesa vai continuar me comendo com os olhos, hein!

Eu arrisco. Tenho confiança no meu charme, no meu poder de sedução, rá, rá, rá, rá... Hoje estou contentíssima, não sei porque... Charmon, você não liga muito pra idade... ou estou enganada?

No meu caso não é questão disso. É diferente...

Diferente em que sentido?

É que desde criança jamais me identifiquei tranqüilamente com as chamadas faixas etárias. Sou um não-etário natural. Não me ligo, à vontade, nessas coisas de adolescente, adulto, meia-idade, terceira-idade, etc. Claro que noto as diferenças mas pra mim nunca foi prioritário, nem mesmo significativo. Isso tem prós e contras...

Pensam que está fingindo, fazendo tipo...

Exato. Alguns não têm dúvida: é maluco. Traz, às vezes, dificuldades bem desagradáveis. Mas as vantagens são ótimas. Claro

que uma firme identificação com fases, tribos etárias, é um vínculo importante contra a solidão, certos descaminhos...

Mas é também uma prisão, uma limitação...

Exatamente. Temos tanto em comum, Michele... Ótimo... Só não me caso com você, se não quiser, Michele mon amour... No fundo mesmo sou apenas um faminto de sabedoria...

E de beleza!

Perfeito. Isso sou eu. E você?

Sei lá... O que gostaria mesmo é de ser escritora, só que tenho muito conflito com isso... Medo de não ter talento! E sinto também que nunca terei tempo pra me dedicar de verdade, inteiramente, deixar o resto em segundo plano... tenho medo da solidão...

Que nada, nem todos bons escritores são solitários ou vivem só escrevendo, ignorando outras atividades, outros envolvimento, prazeres, etc. Talento, como já te disse lá na minha casa, tenho certeza que você tem. Tire esses preconceitos da cabeça! Quando dá mesmo vontade forte de escrever, tudo isso vira fumaça e sempre encontramos tempo... Conheci em Nova York um jovem que tendo dois empregos, um burocrático, outro como correspondente internacional para um jornal do Rio e ainda por cima cursava literatura comparada à noite na universidade... Pois mesmo assim, ocupadíssimo, encontrou tempo para escrever um bom romance em apenas seis meses...

É incrível! E qual é o nome dele? Estou curiosa. Continuou na literatura? Publicou outros livros?

Publicou.

Qual o nome dele? Diga!

Eugênio Charmon.

Você?

Eu mesmo, seu atual namorado... Michele. No limite, toda expressão criativa digna desse nome é uma maravilhosa questão de vida ou morte! Pense nisso...

Encontram vaga no hotel L'Atelier de L'Image. E de um jovem casal: ela arquiteta, foi quem projetem a arquitetura interior. A fachada é feia, nada especial. Ela e o marido, que é pintor, criaram esse hotel como obra de arte, os quadros dele nos quartos e corredores lembram ora Matisse, ora Van Gogh, ora De-Kooning, mas são agradáveis de ver.

De fato é um hotel como a gente gosta: sem solenidade, ostentação, não é enfeitadinho, nem com intenção de coisa antiga, tradicional mas monótono e desconfortável... Dormi, muito, muito bem.

Sabia que ia gostar, Michele. Agora, se você quiser, podemos seguir para Saint Tropez.

Vamos sim.

## *UM PORTO SEGURO*

---

Na saída de Saint Remy há unia espécie de avenida arborizada com, digamos, lugares sacralizados em homenagem a Van Gogh. Michele quis parar um pouco para olhar. Charmon ficou no carro e ela andou um pouco vendo placas com datas marcando lugares onde ele pintou tal ou qual quadro. Mais ao longe, fica uma grande casa branca cercada por alto muro, mas ela não entrou. É onde o famoso Dr. Gachet tentou curar os problemas mentais do pintor gênio.

Em Saint Tropez, hospedam-se no Hotel Ermitage. Fica no alto de uma colina, no finzinho da cidade-velha. Lugar magnífico. De um lado a gente avista o mar margeando as lindas casas das celebridades, do outro vemos os tetos avermelhados das casinhas, hoje sofisticadas, dos pescadores da Saint Tropez encontrada por Collete e pouco depois por Brigitte Bardot nos anos cinquenta do século vinte. Descendo o olhar nessa mesma direção, lá embaixo aparecem ancorados na baía, iates muito brancos no mar azul. Os barcos, hotéis flutuantes de milionários mostrando bandeiras de vários países, ficam por ali para que seus requintados donos e poucos passageiros freqüentem restaurantes, bares, cafés de Saint Tropez. Michele e Charmon descem a pé pelas ruelas muito estreitas cheias de pequenos restaurantes e lojas ainda menores e chegam ao porto para tomar um copo de vinho antes do almoço. Uma dezena de bares, café-terraces, que servem de água mineral a refeições ligeiras ou nem tanto, vinho, cafezinho, etc.,

ladeiam uma avenida isenta de muitos carros e os poucos estacionados ou passando devagar são Jaguares, Ferraris, um ou outro Rolls Royce. Em frente, os iates estendem do tombadilho uma prancha estreita criando rampa para os donos receberem raros convidados ou descerem como castelões em visita ao pequeno burgo e dizem as más línguas que, de madrugada, alguns gostam de eles mesmos lavarem no mar montes de dinheiro, que os invejosos garantem estar bastante sujo. Mas até hoje, ninguém conseguiu provar se isso é verdade...

Michele e Charmon sentam-se no famoso Senequier, mesas e cadeiras avermelhadas e pedem duas taças de vinho rose. Em toda a Provence, eles têm orgulho do vinho rose. Charmon até agora não descobriu porque.

Puxa vicia! Quando vejo barco e mar, me dá uma vontade maluca de ser marinheira...

Seu marinheiro ideal, seu modelo de marinheiro, nunca cria raiz em lugar algum, está sempre em mudança, não é? E também nem sequer sonha com um porto seguro, o porto feliz para sempre... Ou sonha?

Não! Mil vezes não, Charmon, mon amour... Daí meu medo de um dia me casar, criar família... Não consigo acreditar que exista um porto-seguro além daquele que temos na Bahia onde chegaram para nos descobrir. Acontecem, de fato, porto de chegada e porto de partida. Mas só existe mar. Os portos são sempre provisórios!

Gostei. Desde que não se aprisione ao radicalismo desse belo tipo de liberdade...

Charmon! No seu romance A Morte do Deus Amor, sem querer reduzi-lo a uma só abordagem, você fala do amor como vida vivendo, como incessante renovação, em contraste com o amor ideal, amor

porto-final, amor definitivo, único e absoluto, o Deus-Amor. Estou certa?

Acho ótimo ouvir isso, ainda mais neste dia lindo e novo como estamos sentindo hoje você e eu agora... Pelo menos foi o que eu quis expressar...

Você conseguiu plenamente, Charmon! É um livro maravilhoso...

Almoçaram ali mesmo no Senequier: Omelete Naturel. Deram uma volta pela cidade, passaram pela feira de roupas na Place de Lice, Michele comprou um lenço de lã verde-limão e um chapeuzinho de veludo da mesma cor, depois subiram para o hotel. Quase em seguida saíram de carro, Michele queria conhecer as famosas praias de Saint Tropez.

Na realidade, Charmon, acho que aquilo de que nós dois gostamos mesmo é do dolce far niente, rá, rá, rá, rá. Nada de trabalho...

E o que pensava o libertino Villiers de Isle Adam. Ele dizia que viver dá muito, muito trabalho, é muito cansativo! "Melhor mesmo é mandar os criados viverem para nós."

Genial!

Pronto, eis as praias que você estava louquinha pra ver. Estão desertas... é inverno...

E porque são famosas? Nem bonitas elas são... Também achei. Mas valeu o passeio... Vamos correr um pouco?

Ótima idéia... Nem percebi que você Também veio de tênis.

Afinal, só temos comido e bebido vinho esses dias...

E amado deliciosamente... Ou você já se cansou de mim?

Claro! Já se esqueceu do que falam deste fabuloso Eugênio Charmon? Insistem, muitos só para me celebrar, que desde criança, desde que nasci não faço outra coisa a não ser trocar o tempo todo de mulher... Os mais radicais dizem até que, ainda no berçário da maternidade, fiz de tudo pra trocar de mãe, rá, rá, rá, rá.

Essa eu adorei!

Correram na areia dura por uns vinte minutos.

Não disse que o Omelette Naturel é levíssimo, light?

E agora. Vamos aonde?

Onde você quiser. Mas sugiro a gente voltar para o hotel e por novamente o pé na estrada... Podemos continuar beirando outras praias em boa parte do caminho de volta, minha querida marinheirinha... E depois, o Natal já acabou, o primeiro do ano também...

liii, ficou maluco duma vez! Você pode não se ligar nas faixas etárias, mas os dias da folhinha, do calendário vão continuar existindo malgré toi, rá, rá, rá, rá. Faltam dois dias para o reveillon...

Ótimo. Então a gente passa o reveillon em Paris. Todo mundo vai festejar a passagem do ano na Avenida Champs Elisée, a mais bela do mundo, segundo os franceses. De fato no reveillon, com a iluminação especial, criativa que fazem lá, fica maravilhosa. Acho que você vai adorar, todo mundo bebendo champanhe e dançando na rua...

Então está feito... Caminho de Paris!

De Saint Tropez a Paris, só dormiram em Lyon. Passaram pelas praias de Cap Ferrat, Cannes, Nice, almoçaram em Monte Carlo. No dia 31 à tarde já estavam na Rive Ganche, prontos para esperar a meia-noite lá do outro lado do rio Sena, na Avenida Champs Elisées... No cassino de Mônaco, Michele quis porque quis jogar naquelas

máquinas de pequenas apostas. Charmon só ganhou umas três ou quatro moedas e apenas uma vez. Contando investimento e perdas, Michele teve lucro de noventa e oito por cento.

Viu como o famoso provérbio está certo?

Que provérbio?

Eu não tenho sorte no jogo, só no amor, rá, rá, rá.

É?

Claro. Estou com você, não estou?

Mas quem te garante que eu te amo?

Se nestes dias está gostando muito ou pouco de mim ou nem sequer gostando, disso você mesma não tem certeza. Acertei?

Se é uma aposta disfarçada de pergunta, cabe a você apostar de verdade e arriscar ganhar ou perder, rá, rá, rá, rá.

Você é ótima. Uma sedutora respeitável! Uma parceira...

Charmon, agora vou te fazer uma pergunta bem séria...

Já fez tantas... E da sua profissão, não é?

Mas eu não sou jornalista, não! Você está achando que sou jornalista? Não precisa fugir...

Não, Michele, estou me referindo à antropologia. Vocês antropólogos adoram a chamada pesquisa de campo, não é? Entrevistam exaustivamente índios, top-models, empresários, estrelas de cinema e do esporte, analfabetos, presidiários, religiosos, não é?

E por que não? Só que até já tinha me esquecido da antropologia, da minha tese e agora sou, segundo você, uma escritora. E um tipo de escritora super-especial, escritora que não escreve e que nunca escreveu, rá, rá, rá, rá.

E a pergunta?

Ok. Você, Eugênio Charmon não acredita em absolutamente nada. Se não estou enganada, gostaria que comentasse isso.

Claro que está enganada!

No que você acredita então?

Em você, evidentemente.

Bobo... Estou falando sério.

Eu também... Mas veja, Michele: o acreditar, o ter fé em alguma coisa, é um tampão contra o sofrimento da dúvida sem fim. Um freio contra os conflitos morais. É um porto-seguro onde a vida tem um sentido absoluto, pré-estabelecido... Michele, a frase famosa que Dostoievski põe na boca de Ivan Karamazov: se Deus não existe, tudo é permitido...

Se não houvesse Deus, adeus âncoras morais, éticas...

Exatamente. Para nós seres humanos, bicho-homem enraizado em mitos, ritos, símbolos, dogmas ele, se não existe Deus, onde então encontrar o apoio último para as dúvidas agudas sobre o sentido da vida e da morte? Michele, seja sob o disfarce de politeísmo, de panteísmo ou de monismo filosófico como em Spinoza, no Budismo I Hinayana e até no Deus-ex-Machine a que está chegando a Informática, Deus continua envolvido como último apoio contra o medo do Nada Absoluto. Antes de Dostoievski, Voltaire já havia insistido que se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo.

Sem dúvida uma análise brilhante, Charmon. Mas e daí?

Daí, Michele mon amour, falando sério e brincando, prefiro a genialidade de Sthendal neste maravilhoso paradoxo: "A maior sabedoria de Deus, é o fato dele não existir".

Adorei!

Michele e Charmon já estão em Paris jantando no Fouquet's, na avenida Champs Elisée, são dez e meia, esta nevando um pouco, a avenida linda com os flocos brancos macios caindo entre as luzes...

Como conseguimos mesa neste restaurante famoso, numa noite como esta, sem reserva?

Simples. Por acaso ouvi ontem na televisão que uma greve de doze horas dos garçons franceses da Rive Droite poderia ou não ser suspensa. Arrisquei e aqui estamos tranqüilos e confortáveis aguardando o ponto alto da noite...

Eu e o homem que é realmente super em tudo que diz e faz, rá, rá, rá, rá.

Mas nós dois temos um compromisso depois de amanhã: o começo das suas aulas lá no Boulevard Raspail e eu um encontro na minha editora francesa...

Qual é sua editora aqui na França?

Fica exatamente a meio caminho entre seu apartamento e o meu... Por falar era apartamento, dia dois posso ir com você, caso queira, apressar a instalação do seu telefone.

Ah, que bom. Obrigadíssima. Mas qual é o nome da editora?

É a Editions du Seuil, na 27, Rue Jacob. Conhece?

Claro. É das mais prestigiadas...

Vamos estudar uma nova edição do A Morte do Deus Amor, a oitava. Minha agente para a Europa também vai estar lá.

Sua agente? Como é ela?

A Camila? Dizem que é a mais bela e charmosa mulher do continente europeu...

Claro que você está brincando, não está?

É uma senhora belga eficiente, culta, sensível, mas... sinto te decepcionar: lembra mais uma titia à moda antiga, rá, rá, rá.

Charmon, você é sempre tão bem humorado, tão afirmativo e otimista. É sempre assim?

Procuro ser. Acho que sou. E você?

Sei lá. Às vezes sou, às vezes não. Depende.

Você não me parece pessimista, Michele...

É possível. Talvez eu seja apenas um pouco cética.

Cética? Não concordo. Cético e niilista são sinônimos, mesmo dizendo ter posição acima do otimismo e do pessimismo. Você, Michele, não tem um traço sequer de niilismo. Pelo contrário. Sua força vital contida e incontida é seu principal charme...

Que gostoso ouvir isso. É uma festa, uma alegria maior do que essa que está aqui, agora esquentando todo mundo nessa euforia anti-depressiva do reveillon... Que delícia!

Ceticismo é truque filosófico!

Como assim?

Veja: tenho o maior orgulho de me considerar como aqueles remédios contra infecções... Este seu namorado aqui é e sempre será um anticético, rá, rá, rá, rá.

Bobinho!

Que delícia de beijo. Quero mais!

Só no ano que vem... rá, rá, rá.

Falando sério, Michele: você já viu um cético afirmar a vicia? Eles apenas mascaram seu pessimismo infinito, sua falta de saída filosófica. Seu impasse é não poder conhecer a verdade, com V maiúsculo, nem pela razão, nem pelos sentidos. E sempre que a

angústia aumenta e não tem ninguém por perto, gemem que a vida é uma merda!

E aí acontece a esperada explosão da meia-noite. Mais champanhes estourando, todos dos restaurantes e cafés correndo, tropeçando, e rindo para a calçada da avenida mais bela do mundo já lotada de corpos pulando, dançando, cantando, lutando para a vida ser sempre alegre.

Charmon... Hoje é o dia mais feliz da minha vida!! Por que não é sempre assim? Você escreveu que um dia ainda vai criar uma filosofia chamada Atualismo Afirmativo...

É o máximo possível de saúde física e mental! Os animais nunca deixam de praticar valores ele atualismo afirmativo no prazer e na dor...

Antes de encontrar Charmon e irem à France Telecom providenciar o telefone do apartamento, Michele resolve ligar para São Paulo de um telefone público e ver se a Dora tem notícias. Sentiu-se, nos últimos dias, desligada demais de tudo que não fosse brincar gostoso pela França com Eugênio Charmon.

Dora atende logo. E depois de se dizer desesperada por não conseguir falar com Michele por mais de uma semana, conta o seguinte: uma amiga da sua mãe que mora no mesmo prédio em que seu pai alugou apartamento, disse em conversa no cabeleireiro ter um vizinho que fica até tarde da noite ouvindo música clássica em alto som. Também contou que esse vizinho e alguma mulher costumam beber muito e ficam dando os piores escândalos. Inquilinos já levantaram o problema na reunião de condôminos. Apesar disso, costuma ser simpático, sorridente, é bonito, cabelos compridos,

barba, dizem que é escritor... E essa amiga da sua mãe por acaso, acabou falando o nome dele: Eugênio Pomar!

E daí, Dora? Qual a importância disso? Não é tão grave, é?

Meu noivo Jorge tem um irmão que é psicanalista. É jovem, idealista e não gosta nem um pouco de internações, das clássicas armações que famílias e psiquiatras, juntos, continuam criando para que pessoas excêntricas ou indesejáveis sob o ponto de vista deles, sejam estigmatizadas com a cicatriz de bode-expiatório e banidas da sociedade dos puros de coração... Resumindo: por coincidência, esse irmão do Jorge soube de mais um caso desses. Mencionaram nomes, disseram se tratar de família rica...

Dora, Dora! Aonde você quer chegar? O que está acontecendo com papai?

O Jorge acabou descobrindo tudo: seu pai está internado numa dessas clínicas elegantes e caras e secretas...

O que?! Mas internado por que razão, Dora?!!

Alcoolismo e Surto Psicótico...

O que?!? Você está falando sério, Dora? Papai não bebe! E que coisa é essa de surto psicótico? Que bobagem... Que absurdo!! E como o Jorge descobriu isso?

Michele, fique tranqüila! Seu pai vai sair já, já de lá, eu garanto! Ouça como foi todo o absurdo: um psiquiatra, uma enfermeira e um enfermeiro, sem uniforme, foram lá onde mora seu pai. A enfermeira falou na portaria que era a filha dele, você. Ele disse ao porteiro que ela subisse. Ao abrir a porta, os enfermeiros seguraram seu pai enquanto o médico aplicava uma injeção que deixou ele indefeso, com pouquíssima motricidade, inclusive para falar. Mas estava consciente.

E foi seu pai mesmo que contou todo esse desespero ao Jorge dois dias depois...

Ainda não estou conseguindo acreditar! É assustador!! Como o Jorge chegou ao papai?

Sabendo do fato pelo irmão psicanalista, Jorge foi ao edifício, investigou na portaria: bem estimulado o porteiro contou a história, falou da vizinha que mais reclamava do barulho, esteve com ela, etc. Depois, com o irmão foi à noite até a clínica. Conseguiram acesso a seu pai graças ao enfermeiro de plantão que já vendera uma moto ao Jorge. Mas naquela noite foi impossível tirar ele de lá...

Que coisa mais horrorosa... Mas não acredito que mamãe esteja metida nessa crueldade! Sei que ela gosta muito de mim e do papai...

Procure ficar de cabeça fria. Tenho certeza que dentro de no máximo dois ou três dias tudo estará resolvido da melhor maneira possível para seu pai, para você, sua mãe...

Michele e Charmon acabam de se encontrar na Rue du Rennes em frente a France Telecom.

Você está com os olhos vermelhos, Michele. Ressaca de ontem? Dormiu bem no novo apartamento sozinha...

Michele começa a chorar e tenta contar o que ouviu de Dora uma hora atrás. Gagueja, soluça, não termina as frases mas Charmon entendeu o principal.

Descontraí, descontraí, relaxa bem o corpo, me abraça macio, isso, assim... Pode chorar à vontade... Michele, não há possibilidade da amiga sua que você me disse outro dia talvez ter um amor platônico por você...

O quê?

Talvez por isso ela esteja fantasiando, exagerando um pouco...

Claro que não, Charmon. Ela jamais faria isso!

Talvez não queira perder você... é comum entre amigas íntimas, amigas de longos anos... na sua idade... Você em Paris, pode não voltar mais para o Brasil, se apaixonar por um francês...

De jeito nenhum. Ela está convidada para ficar aqui comigo o tempo que quiser. Além disso, gosta do namorado e vão se casar.

Nos sentimentos mais fortes, nas paixões humanas, as surpresas, os lances inesperados não são tão raros como gostaríamos...

Um psiquiatra internou papai numa clínica para doentes mentais!!! Compreende?!!

Eu compreendo esse terrível absurdo! Mas sua amiga e o namorado dela e o irmão dele que é psicanalista estão cuidando para tirá-lo de lá, Michele! Calma! Vai dar tudo certo. Por que não? Se dentro de dois ou três dias sua amiga disser que está tendo dificuldade, telefone na hora para uma amiga minha e seu pai estará sem problema rapidamente... Agora vamos tomar um copo de vinho ali no Deux Magots... esquentar o corpo, descontraír, afirmar a vida... depois a gente volta aqui para acertar essa coisa do telefone... E amanhã cedo vai à aula direitinho, hein! E se ainda gosta de mim, espero que me convide para dormir com você no apartamento novo...

No dia seguinte às cinco da tarde o telefone estava instalado. E Michele, cada vez mais ansiosa, ligou logo para Dora, que havia saído. Deixou recado. Duas horas mais tarde:

Alô, Michele, alô, é você Michele?

bala Dora. Você está bem? li o papai?

Michele, pelo amor de Deus, fique bem tranqüila...

Você está chorando, Dora... Papai fugiu da maldita clínica, está sumido, Dora?

Michele... Seu pai morreu!

O que?!? Você ficou louca?

Michele, o Jorginho não tem dúvida: Seu pai foi assassinado naquela clínica e estão tentando encobrir o crime. Ele e um amigo delegado estiveram lá e o responsável pela administração exibiu um arquivo de internações para provar que não constava o nome de seu pai. Aquele enfermeiro que facilitou que o Jorginho conversasse com ele, foi demitido. Ligaram para a academia de seu tio e responderam que o Dr. Egisto não estava no Brasil. E na casa de sua mãe, o caseiro disse que ela viajara para o exterior... Michele... Michele!... Alô, Alô! Alô!! Michele!!!

Mas ouvindo apenas Dora dizer que seu pai foi assassinado e tentavam encobrir o crime, ela largou a amiga falando... Imediatamente o horror e o desespero levaram Michele para o aeroporto.

No dia seguinte pela manhã Michele Pomar desembarca em São Paulo. Sem saber para onde ir e chorando sem parar, procura um telefone. Liga para a Dora. Mas acaba digitando outro número e uma voz masculina diz alô.

Por favor, a Dora está?

Não, Michele, a Dora não está. Mas que tal falar comigo?

Papai?!?!

Como a bela Paris está tratando a Chelinha?

Você está bem, papai?

Claro que estou. Por que?